Revista da Semana

ANNO XXXI == N°. 50 Preço == 1$200 29 de Novembro de 1930

EQUILIBRIO...

Este numero consta de 44 paginas

ANNO XXXI | **Rio de Janeiro, 29 de Novembro de 1930** | **NUMERO 50**

NÃO chegou bem a conhecel-o, individualmente. Sentiu o typo, que se affirmára, no meio sui-generis, agreste, eternamente hostil, periodicamente enlouquecedor, nas crises das seccas implacaveis... Que se affirmára precocemente, rapidamente, elementarmente, porque só a rapidez, o elementarismo, a precocidade podiam dar-lhe o direito physico de viver! Sentiu o plasma quasi definido de uma raça propria, differente de todas as outras, quasi nada das correntes de sangue com que se fundira, quasi tudo da adaptação formidavel á natureza formidavel — e por isso desmentindo os determinantes atávicos, desmentindo as formulas hereditarias, desmentindo o tabú da ancestralidade, para demonstrar, num rigorismo quasi mathematico, por um systema simplissimo de duas ou tres equações physicas, o theorema da mesologia que fez, sózinho, todas as populações da caatinga.

Era o effeito.

A causa, viu-a na terra.

Um problema, complicadissimo, na physiographia desordenada, no climaterismo caprichoso, na estructura paradoxal!

Todas as leis botanicas invertidas, invertidas quasi todas as conclusões meteorologicas, para subsistir somente a periodicidade invariavel daquelles phenomenos fantasticos que tinham de fazer do homem um louco ou um vencido, se não o houvessem feito, ao mesmo tempo, um titan e um heróe...

A immensa cultura scientifica deu-lhe, para vêr, os olhos abertos do pensamento; a campanha de Canudos, a opportunidade do exame; o grande coração, escancarado ás miserias do mundo, revoltado contra as iniquidades, deu-lhe, por fim, a coragem, a suprema coragem de escrever...

E bastaram: porque com elles — sciencia, dever e sentimento — Euclydes fez o maior monumento de nossa litteratura. E, fazendo "Os Sertões", se não escreveu o livro do Brasil inteiro, revelou, pelo menos, a todos os brasileiros, o Brasil incomprehendido, o Brasil incógnito, o Brasil abandonado, que era afinal a face mais pura da nacionalidade, porque era a unica em que essa nacionalidade já se definira pela desapparição absoluta de todos os factores extra-territoriaes.

O homem que Euclydes viu foi um typo emerso do cháos da lucta. Caldeado, através de gerações, na imperiosa necessidade de ser forte. Oscillante entre a somnolencia e a explosão de energias embravecidas, como a natureza em que nasceu. Intelligente e ardiloso, para ter um palmo de sólo. Resistente, para não ceder ao cansaço. Corajoso, até á temeridade, para não perder tempo em avaliar as forças adversas. Sonhador para se retemperar, constantemente, no conforto infinito da esperança. E, por fim, resignado e paciente, persistente e inabalavel, igual ao meio, para poder ser delle, para insinuar-se nelle, para integrar-se a elle como o mais implacavel de seus elementos e vencel-o, um dia, mais pelo habito da lucta e pelo mimetismo do que por uma imposição!

O homem que Euclydes viu foi uma generalidade. Foi uma somma de caracteres esparsos pelos individuos. Foi uma expressão de milhares de sêres. Foi uma synthese de qualidades, de attributos reaes, de capacidades authenticas, mas foi um symbolo, um padrão typico, um estalão de valores, que sua larga visão de scientista e estheta reuniu, enfeixou, plasmou num só corpo, integrou em uma só alma e atirou sobre aquella terra estonteante, batalhando, sangrando, gastando as forças, gemendo, ardendo em ansias, queimando-se ao sol, soffrendo sêde, porfiando no combate e luctando, luctando sempre, vivendo sempre, inexplicavelmente, como se a propria morte recuasse, temerosa, diante dos lances estupendos de sua bravura e de sua ousadia.

O homem que Euclydes viu, nesse poder immenso de preconstatação que teem os verdadeiros philosophos, não esteve á frente de seus olhos objectivado em um só organismo e em um unico espirito. Sentiu-o, fragmentado em mil corpos, em mil almas, aqui esta qualidade, alli aquelle attributo, ora um caracteristico ora outro, todos proprios do typo, que era um só, todos immanentes ao typo, todos conformando o mesmo, o unico typo que elle desenhou magistralmente, como um algebrista generaliza uma formula para resolver todos os problemas identicos. Por isto, o homem que Euclydes viu, fóra das paginas de sua obra literaria, devia encher o nordéste, devia encher o sertão, devia cobrir as terras calcinadas da caatinga como uma larga bandeira desfraldada que fosse, ao mesmo tempo, a expressão de uma realidade e o symbolo de uma só existencia material.

***

O que Euclydes escreveu, sem vêr, movido pelos mesmos nervos, actuando sobre o mesmo systema de musculos, alimentado pelo mesmo sangue, servido pela mesma vontade, seria capaz das maximas capacidades.

Foi o homem que teve a energia por breviario, a tenacidade por evangelho, a intelligencia por cartilha, o sonho por iniciação! Foi o homem que, ensinado pela terra, preparado pela terra, concebido e gerado pela terra, abriu os olhos ao mundo e viu a lucta como exemplo; ensaiou os passos no chão e viu a coragem como impulso; ergueu os olhos ao céu e viu o ideal, a confiança, a ansiedade de vencer como razões exclusivas de sua essencia.

Esse homem foi o equilibrio, a decisão, o estoicismo, o vigor de uma ideologia definida, a pujança absoluta de uma vontade de ferro, o desinteresse individual, a disposição, a esperança céga de uma victoria indominavel, e a lucta, e a lucta, continuamente a lucta, porque a lucta lhe ensinára, nos globulos do sangue e nas fibras dos nervos, a unica, a impreterivel formula de realizar! Esse homem seria apenas uma abstracção, se não fosse Juarez Tavora!

***

O desejo de vencer, quando a Patria vencesse, lhe germinou no cérebro illuminado. No idealismo dos moços ha muito do desprendimento dos loucos. Os riscos são detalhes completamente secundarios. E quando esse moço se chama Juarez Tavora os riscos são proscriptos das cogitações. Em 1922 revolta-se para servir a esse idealismo. Fracasso, soffrimentos, expiação de crimes que não commetteu, e a dôr moral, maior que todas as dôres, de vêr adiado o advento do regime que sonhára. Somente o adiamento, porque Juarez não crê nas impossibilidades. Em 1924, nova pronunciação, mais intensa, de seu ardôr revolucionario. Uma perspectiva de victoria e novas provações: carcere, fuga, a contingencia da quasi despersonalização para pisar o sólo da Patria...

Em 1930 a reivindicação nacional exige a collaboração inestimavel de seu cerebro, de seu braço, de sua energia fantastica. E elle vence todos os óbices para servir a ella. Ao lampejo magico de sua espada, o nordéste acode, como numa resurreição. Os fetiches de barro se desmoronam fragorosamente e as legiões vermelhas que elle levanta em meia duzia de dias são esbraseadas como o sertão bravío daquellas paragens e ardéntes como os raios de sol de Março, no sertão. Em menos de 3 semanas o seu vulto magnifico de batalhador domina todos os valles e todas as montanhas, do Amazonas ao S. Francisco, e a alvorada de 24 de outubro o encontra, á frente de milhares de soldados, quasi ás portas das regiões agrestes em que Euclydes, descrevendo-as, o descreveu, sem querer! Conseguida a victoria, apressa-se em realizar, elle só, a grande, a immensa obra politica de reconstrucção de que seu genio militar poude proporcionar a opportunidade. E trabalha mais na paz do que na guerra. Sem recompensas. Não as quer. Chega ao Rio de Janeiro apenas com as estrellas de seu generalato nos punhos. Porque nos hombros traz, somente, os tres galões de capitão com que a Revolução o encontrou. As promoções, só as acceitará após o curso das escolas que os regulamentos militares exigem. Por isto se afastará do scenario politico, onde derramou, como um verdadeiro pregador da Democracia, as mais bellas e elevadas lições de resolução de todos os problemas nacionaes!

***

Como o homem que Euclydes viu. Apenas afastado da terra, depois de ter cumprido o seu dever de luctar pelo sonho. Apenas afastado, porque seus olhos profundos e energicos teem a attracção magica dessa batalha de ideaes e, como o sertanejo, elle sente, no desejo infinito de voltar á terra, o dever imperioso de ser della, de luctar com ella, de travar, menos por si do que por ella e para ella, esse duello formidavel em que se agigantou!

Paulo Garcia

A MÃE DA MORTA

conto de Albert Acremant

DURANTE os funeraes de sua esposa Roberto Pitan teve uma conducta irreprehensivel. Chorou abundantemente. Toda a gente lhe notou a pallidez das faces, os olhos vermelhos de tanta lagrima. Aos cumprimentos de condolencias, agradecia proferindo phrases que não concluia nunca, porque as palavras se lhe estrangulavam na garganta. Os parentes e amigos apreciaram, com a maior sympathia, a sua mágua.

— Pobre Thereza! repetia elle, entre soluços. — Tinha menos vinte annos do que eu... Antes Deus me levasse, a mim!

Terminada a ceremonia e o desfilar dos abraços de pezames "Coragem, meu amigo, coragem"... Pitan não teve animo de ficar naquella casa. Era demasiado doloroso para elle o scenario do lar que a pobre Thereza mobilara e arranjara com tanta intelligencia e tanto carinho. Pediu hospitalidade á sogra, cuja consternação era tão profunda como a sua.

— Sem ella, tudo para mim acabou.

— E para mim!

Sentados ao lado um do outro, longo tempo choraram.

— E agora, que vae ser de nós?

Tal é a preoccupação de ambos. Sempre a senhora Guerson tivera a maior estima pelo homem a quem Thereza devia tão perfeita felicidade. E agora mais que nunca lhe era reconhecida, por mostrar aquella immensa mágua.

— E' possivel que, com o tempo, a nossa angustia se suavize um pouco... explicava Roberto. — Precisamos, porém, de reagir contra a dor que nos acabrunha e tentar, tanto quanto possivel, acalmal-a. Por mim confesso que, neste momento, o mundo me aborrece e a vida me pesa dum modo insuportavel...

— Em todo caso, não pensa em se suicidar?

— Não. Acho porém que, em circumstancias destas, a solidão é um refugio necessario. Com a sua solicitude exagerada, muitas vezes os amigos se tornam indiscretos ou desastrados. A verdadeira dor repelle toda e qualquer ostentação. Querida mãezinha... uma vez que o nosso soffrimento é o mesmo, podiamos, por exemplo, fazer uma viagem juntos. Ir á Suissa, á Belgica, á Espanha, não importa onde, comtanto que eu lhe possa fallar nella, na minha Thereza inesquecivel!

— Está bem, Roberto. Consagraremos esta viagem á memoria da minha adorada filha. Partiremos depois de amanhã. Acho melhor irmos para a Suissa. Na Belgica teriamos os museus, em Espanha as touradas... Ora, as nossas almas não estão em condições de comprehender nem os pintores nem os bandarilheiros... Ao passo que as montanhas, essas são sempre consoladoras...

— Amanhã de manhã, irei comprar os bilhetes, marcar os logares no trem...

— Obrigada, meu querido Roberto, muito obrigada!

Desde esse momento, tanto a senhora Guerson como Roberto Pitan se sentiram menos tristes. Tinham uma occupação. Precisavam de fazer as malas.

Quando se viram no trem, frente a frente, dos dois lados da portinhola, tinham já outra physionomia, outro ar... E haviam deixado de chorar.

— Pobre Thereza, como gostaria de fazer esta viagem comnosco... disse o marido, com um suspiro.

— Quando ella era menina, tinha no quarto uma vista do lago dos Quatro Cantões. Viam-se no horizonte os picos das montanhas, cobertos de neve. Quantas vezes ella me disse que um dos seus sonhos era visitar a Suissa... Pediu-me até que lhe désse esta viagem de premio quando tirasse o diploma da escola superior. Fiz-lhe solemnemente essa promessa. Depois, por falta de dinheiro, em vez de a levar á Suissa, ver a Jungfrau, mandei-a a Toul, visitar a tia... E a coitadinha achou que não era a mesma coisa.

— Tambem a mim, quando ficámos noivos, ella me confiou a aspiração de fazermos a viagem de nupcias a Interlaken. Como, porém, eu tinha arranjado dois bilhetes gratuitos para o Jura, respondi-lhe: "Iremos á Suissa para o anno". E não devia ter sido pequena a decepção, porque no anno seguinte, está claro, ficámos em casa.

— E agora a viagem que ella tanto desejou, somos nós que a fazemos.

— Sim, pobrezinha... Se nos está vendo, lá do céo, sempre isto lhe dará algum consolo...

— Afinal, o que nós estamos fazendo vem a ser, para ella, uma especie de reparação...

Dahi a dois dias, notava a senhora Guerson como é incommodo viajar em *toilette* de luto pesado. E o véu, que no primeiro dia usara sobre a testa e no segundo sobre a nuca, passou a trazel-o dentro da mala. Em Lucerna hospedaram-se num hotel, onde durante o jantar tocava uma orchestra. Naturalmente, teriam preferido ir para uma pensão socegada, modesta... Era, porém, em plena estação, estava tudo cheio... E, emquanto a orchestra tocava tangos e *blues*, os dois fallavam de Thereza.

Apresentando-lhes o porteiro do hotel um boletim-reclamo para uma excursão ao monte Pilatos, ambos entenderam que se deviam inscrever.

— Se Thereza aqui estivesse, com certeza queria dar este passeio. Vamos nós dal-o em sua intenção.

A viagem devia durar apenas duas semanas. Ao cabo, porém, dos quinze dias, a senhora Guerson e Roberto concordaram que ainda estavam muito pezarosos para poder regressar a Paris.

— Como suportaria eu a falta da visita diaria de minha filha? repetia a excellente senhora.

Roberto, que se dava ares de psychologia, de dia para dia, fazendo novas descobertas. Nunca, durante a vida de sua esposa, reparara como Thereza se parecia com a mãe. E não se

tratava apenas de qualidades moraes, como a intelligencia, a meiguice, a paciencia que a senhora Guerson communicara á filha, mas tambem de certas particularidades physicas deveras curiosas. Assim Thereza, quando sorria, mostrava duas covinhas deliciosas aos cantos das faces... Pois a senhora Guerson tinha exactamente as mesmas covinhas! E se Roberto nunca dera por isso é que positivamente nunca tinha olhado a sogra.

Seis mezes depois, ainda a viagem continuava...

Passou-se um anno. Está annunciado o proximo casamento da senhora Guerson com o sr. Roberto Pitan. Na roda dos amigos e conhecidos considera-se isso um escandalo. Os noivos, porém, estão em paz com a sua consciencia. Conseguiram convencer-se de que só se casam para melhor conservar no coração a saudade da morta.

Dous figurinos vistos nas corridas de Longchamp.

O box siamez

No Sião, as regras do box são muito differentes das que vigoram na Europa e America.

Os combatentes podem, por assim dizer, fazer tudo o que lhes aprouver, comtanto que se abstenham de se morder. Podem atracar-se, servir-se das palmas das mãos, dos cotovelos, dos joelhos; podem dar cabeçadas etc. As luvas só ha pouco tempo foram adoptadas no Sião. Os adversarios vestem unicamente um maillot com uma especie de almofada no ventre. Em volta da cabeça, usam uma corda como mascotte. E atados a um dos braços fitas verdes ou vermelhas, o que constitue outra mascotte contra a derrota. O ring é egual ao europeu.

Em vez da campainha, usa-se para marcar os "tempos" um tambor indigena. O director do combate vigia, de relogio em punho; os dois juizes instalam-se cada um de seu lado do ring, com papel e lapis; no quarto lado do recinto está um velho compeão que se interpõe quando os arbitros divirjam nas suas decisões.

A musica começa em surdina. Os combatentes, de joelhos, invocam o deus dos pugilistas; após uma curta oração, levantam-se e, de olhos fechados, dirigem-se para os lados oppostos do ring. Depois, são apresentados um ao outro por um dos arbitros — e principia o combate.

A mulher mais rica do mundo

Vão logo pensar que é uma norte-americana. Mas desta vez enganaram-se. Naturalmente, os Estados-Unidos possue muitas millionarias, mas o record — para empregar o termo sportivo — pertence a miss Gladys Yule, uma jovem herdeira britannica.

Seu pae, sir David Yule, acaba de deixar-lhe a prodigiosa somma de dezoito milhões de libras esterlinas.

Mas será ella a mulher mais feliz? Nem sempre a fortuna traz a felicidade.

O novo bilhar de formato oval

O bilhar tem seu pergaminho de nobreza pois que remonta á Idade-Media e, desde então, foi praticado pela maior parte dos reis francezes: Francisco I, Carlos IX, Luiz XIII e sobretudo por Luiz XIV. Este começou a jogal-o por medida de hygiene, para fazer exercicio depois da refeição; mas tomando gosto tornou-se um jogador de fama. Pelo menos seus cortezãos assim o affirmavam.

A meza de bilhar tinha então o feitio rectangular que conhecemos, mas o taco possuia uma ponta curva e achatada. Tornou-se recto sómente no seculo XVIII, e foi sómente entre 1810 e 1860 que este jogo attingiu o gráu de sciencia e de complexidade que se admira hoje: os virtuosi aos quaes somos devedores são: Suaret, que tirou do choque das bolas o effeito lateral; Mingol, que descobriu o effeito retrogrado; Berger, que criou o massé; Fayen, que combinou a série. Esses progressos foram obtidos graça á rodellas de couro applicada no taco.

Será possivel fazer-se mais ainda? Será difficil. Mas ultimamente um norte-americano, o sr. C. Peterson, de S. Luiz, inventou uma novidade: mandou fazer um bilhar de formato oval sobre o qual todas as antigas regras têm de ser mudadas... Que pensam disso os amadores, amigos das tradições?

Elegancia Masculina

Londres, NOVEMBRO DE 1930

Em materia de camisaria, meias e accessorios de roupas brancas, encontramos a maior variedade possivel de padrões, tecidos e modelos. Tanto em modelos de passeio como em modelos para quarto, a variedade é immensa.

No que concerne ás meias, segundo ficou estabelecido, a sobriedade de padrões voltou a imperar. As meias de seda ou de fio de Escossia, da actual estação, apresentam

desenhos symetricos singelos, com baguettes originaes.

Os lenços apresentam grande variedade de modelos. Tanto os de seda como os de linho são admiravelmente confeccionados. Mas, apezar de tudo, o verdadeiro cavalheiro continúa a preferir o lenço branco, inteiramente branco, seja de linho ou de seda.

❋

De vez em quando, recebo cartas de leitores que me fazem perguntas a respeito duma questão importante: a que diz respeito á maneira de collocar um chapéu.

Muitas e muitas vezes, deparamos com cavalheiros perfeitamente correctos, trajados com apuro, nos quaes o chapéu constitue uma flagrante excepção. Porque? Simplesmente porque o chapéu não é o que deve adaptar-se ao rosto e á conformação da cabeça em geral.

Assim, um cavalheiro de rosto esguio e miudo ficará muito mal debaixo de um chapéu de abas largas. O chapéu a ser usado deve ser pequeno e de abas curtas, conformando-se assim á cabeça.

Para um cavalheiro de cabeça forte, cheia, rosto largo, não ha como um chapéu "homberg", de feltro. São os chapéus de copa alta, typo urbano, abas mais estreitas do que largas, reviradas ligeiramente para cima. E' o chapéu commum, de feltro, sobrio e distincto.

O modelo Principe de Galles, ainda assim, é o que universalmente convém. Simples, elegante e agradavel, é um modelo admiravel.

❋

Ha certos detalhes que têm uma importancia capital na maneira de trajar. Vamos dar alguma attenção a um delles. Trata-se simplesmente da altura da calça, na cintura.

O alfaiate, por dever de officio, sabe per-

feitamente onde collocar a cintura da calça. No jogo rapido das medidas e no córte intelligente do tecido, elle realiza, com perfeição, a arte de collocar a cintura no logar em que ella deve realmente ficar.

E justamente é pela altura dessa cintura que se conhecem o zelo e a intelligencia do alfaiate. Uma cintura muito baixa desmoraliza completamente a mais bella das calças. Tambem uma cintura extremamente alta, fóra do seu verdadeiro logar, constitue um grave erro de apreciação, dando uma idéa horrivel do bom gosto de cada qual.

Se o leitor quizer amanhã aferir do valor do seu alfaiate, repare bem para a questão da cintura.

PETER GREIG

Do theatro ao convento

Uma jovem e graciosa artista da Comedia Franceza, mlle. Yvonne Hautin, que ha muitos annos pertencia áquella illustre casa, resolveu, repentinamente, abandonar o theatro para se fazer Religiosa.

Mlle. Yvonne Hautin.

Mlle. Hautin, que assim segue o exemplo da famosa e encantadora Eve Lavallière, tinha já communicado a alguns intimos aquella resolução; ninguem, porém, acreditava que ella tão cedo a puzesse em pratica. O ultimo papel que ella representou — tres dias antes de partir de Paris — foi o de Madeleine, da peça, de Porto Riche, Amoureuse.

E nada deixava prever que no dia seguinte a artista apresentasse a sua demissão ao administrador geral da Casa de Molière.

Mlle Hautin partiu para Londres, onde devia cumprir a temporada de retiro, antes de tomar o véu num convento de religiosas reclusas.

Hontem, a luz magnifica e ephemera da rampa; amanhã, a sombra dum claustro, para sempre...

Os dramas do suburbio: O canario fugido.

TRES...

Eram tres. Tres mulheres formosas, como as tres graças. Uma ruiva, uma loura, uma morena. A natureza as fizera semelhantes na doce perfeição das linhas. Deus as distinguira na complexa distribuição das almas. Nessa tarde, tomavam chá e discutiam o amor.

— Eu — disse a ruiva — nunca havia amado. Varios homens tinham feito estremecer a minha

carne com uma phrase cariciante ou com um beijo audacioso. Todos me aborreciam, em seguida. Uma noite, não sabia o que fazer. A modista enviara-me um modelo original que me dava a impressão duma labareda. Experimentei o vestido, achei-me bella. Desta coisa tão simples, nasceu a minha talvez unica fraqueza. No Municipal realizava-se um concerto. Fui: mais para me exhibir do que para apreciar Chopin. Quando entrei, findava uma *Polonaise*. Olhei o pianista: um homem pequenino e vulgar, faltando-lhe a elegancia e o cabello. Mas as mãos, oh! as mãos... Esguias e finas, morenas e fortes. Os dedos lembravam-me serpentes. E eu, que tenho um medo invencivel das serpentes, desejei ser afagada por esses reptis morenos. Aquellas mãos tornaram-se a ambição maior do meu desejo. E, como não cheguei a beijal-as, a embriagar-me com o filtro da sua belleza, penso sempre nellas. Em cada homem, as procuro... Foi esse o meu unico amor.

— Eu — contou a mulher loura — tive dois amores em toda a vida. Amei a ambos egualmente e a ambos pertencia ao mesmo tempo. Um foi o meu tyranno, o outro o meu vassallo. Um me batia e eu o acariciava. O outro me beijava e eu o mordia. Depois da brutalidade de um, necessitava da gentileza do outro. Ambos se completavam, mutuamente. O bruto obrigava-me a ir ao seu escriptorio; recebia-me sentado e dava-me um "bom dia" como quem atira uma bofetada. Amarfanhando-me, rasgando-me as sedas, mordendo-me a bocca até ao sangue, tratava-me como a um animal. O outro atapetava o chão de rosas; possuia uma maneira muito doce, muito suave, de me beijar as mãos; recebia como uma joia preciosa a offerta do meu corpo. E eu o insultava, e eu o mordia! Depois, cada um se cansou, cada um desappareceu do horizonte da minha vida. E muitas vezes penso: onde estarão esses dois homens que eu amei como um só homem?

— Eu — suspirou a morena — nunca amei, sou uma virgem de amor. Debalde procuro uma lembrança, um desfallecimento, uma felicidade. Os beijos aborrecem-me; as phrases fatigam-me. "Quando me juram amor, dá-me um desejo intenso de rir e de chorar. Quando me afagam, sinto uma repugnancia insinuar-se em mim. Supponho o amor uma utopia, uma dessas multiplas illusões de poeta...

O chá esfriava nas chicaras de porcelana, emquanto algumas flores morriam nas jarras de Sévres. As tres mulheres formosas e elegantes olhavam para um ponto differente, sem verem coisa nenhuma. Um silencio triste, angustiado, pairou nas almas e nas coisas. E' interessante observar como as coisas mortas acompanham intelligentemente as coisas vivas. Dir-se-ia que o coração das creaturas ambiciona intensificar-se com a melancolia daquillo que não tem vida. E' talvez o prenuncio instinctivo do mysterio da morte. Tres mulheres, tres enigmas, escondendo a verdade da alma no *maquillage* da existencia diaria. As tres deixaram nessa hora — sempre existe uma hora na vida em que a verdade vence todas as mentiras — transparecer o que lhes ia no peito. Uma ruiva, uma loura, uma morena, tres apparencias differentes, assemelhando-se no eterno mysterio feminino. E, como os olhos das tres se encontrassem, um queixume brotou das suas almas:

— Oh! aquellas mãos morenas... — disse a ruiva.

— Aquelles dois homens — confessou a loura — ficaram para sempre no meu sangue...

— E eu — quasi gritou a morena — e eu? Vocês possuem um sonho, uma felicidade a opiar-lhes a vida. Mas eu, pobre de mim, que tenho eu senão o vácuo, a melancolia, o desespero daquillo em que não creio? A ti basta a saudade dessas mãos artisticas, dessas mãos de volupia e de sonho. Tu guardas no teu corpo ou no teu coração o veneno desses dois homens que te amaram ou que amaste. Mas eu, que tenho eu? Nada, nada. E vendo os annos morrerem, como morrem estas rosas, pergunto sempre: quem me fará acreditar no amor?

Beatriz Delgado

A sympathia e o interesse manifestam-se ás vezes sem razão e sem ninguem os esperar ou mesmo os desejar. Tal creatura passa pelo mundo trabalhando somente, afim de realçar a sua individualidade; no emtanto, ninguem quer saber o verdadeiro motivo que assim a fez proceder. Todos estão promptos a acclamal-a, a admiral-a, a entoar-lhe hymnos de extraordinario louvor. Isso chama-se talvez ter nascido com bôa ou má estrella: essa estrella que acompanha o individuo, illuminando-lhe os passos para os espinhos e os calhaus, que sob elles se achem, serem bem visiveis. A outros, a má estrella, num rancor incomprehensivel, persiste em escurecer a estrada por onde o pobre é obrigado a passar, fazendo-o esmagar as bellas flores que ali brotam para estas mesmas o amaldiçoarem.

Roberto Montesquiou, que se armara em defensor ardente da graça feminina, foi rapidamente esquecido, e talvez menosprezado, por essa mesma fragil e delicada graça. O seu senso esthetico fazia soffrer a sua visão, que apenas se comprazia na contemplação do fino e do harmonioso.

Elle, que sempre se deliciara a estudar as modas femininas, deveria, se vivesse, sentir-se satisfeito com a reviravolta que ella deu hoje, pois nunca se poude conformar com a desharmonia que entrevia nestes ultimos annos. Tudo lhe desagradava; as cinturas baixas horrorizavam-n'o, inspirando-lhe satyras e motejos quando não era sacudido por indignações voltaireanas.

"As cinturas altas — dizia elle — descriptas nas telas de David alongavam as pernas, deixando lindas distancias entre o seio e os saltos. Essas cinturas, com saias curtas, são odiosas em cima dos saiotes de Gothou que enfeitam a mulher moderna, dando-lhe a apparencia de um sino adornado para o seu baptismo. Os pés tornam-se badalos, e que pés! Graciosos no tempo de Luiz XV, estão esmagados hoje, reduzidos ao estado de esfregão para a louça; deselegantes, enormes!"

Apezar desse amor ao eterno feminino, a sua voz foi escutada com pouco enthusiasmo. Deixaram-no falar a versejar, sem se incommodarem com suas revoltas de Petronio requintado. A sua morte mesma foi pouco sentida. Um epitaphio, duas palavras elaboradas com arte e... nada mais.

A época actual é muito vertiginosa para se cultivar a dôr e a saudade. Todos os sentimentos esvoaçam na voragem offegante que os impelle. A morte não traz a mesma visagem de terror tragico de outr'ora. Parece uma viajante apressada vindo buscar, rapidamente, para não perder tempo, o passageiro que deve seguir primeiro do que os outros para um determinado paiz, onde já muita gente aguarda a sua chegada. Ella perdeu a sua majestade imponente. Não inspira o respeito de outras éras. E' quasi uma conhecida com quem se discute sorrindo e sem phraseado eloquente. Ninguem a exalta nem amaldiçôa.

A velocidade da vida não permitte meditar nem reflectir. E' um galope vertiginoso e insensato. O soturno idealista que foi Anthero de Quental, afinando a lyra desilludida, faria rir os scepticos de hoje:

"Funerea Beatriz de mão gelada,
Mas unica Beatriz consoladora"

A poesia, essa musa maravilhosa, aformoseia até o que é hediondo. A propria morte, evocada por ella, toma a suave e consoladora physionomia de Beatriz!

Abençoados sejam pois os poetas!

Iracema Guimarães Villela

O macaco assassino

O argelino sr. Ayzong Elir passava, em automovel, pelo desfiladeiro de Tzi-Mkouilal, perto do tunnel de Mezarif, não longe de Argel, quando sobre o carro cahiu uma verdadeira chuva de pedras. Attingido por um dos projecteis o infortunado viajante morreu, por assim dizer, instantaneamente. A explicação do caso é deveras curiosa e singular: o autor do assassinato foi um macaco.

E' que na Argelia os macacos vivem em bandos ou tribus que nunca se ligam uns com os outros e ao contrario vivem em guerra permanente. Ha quem tenha assistido a verdadeiras batalhas entre essas legiões que, uma vez encontrando-se, logo entram em combate. Ainda recentemente um viajante contava haver presenciado uma dessas batalhas na região accidentada da aldeia de Ziama-Mansouvah, estrada de Bougie a Didjelli, departamento de Constantina. E foi sem duvida durante uma dessas refregas que o viajante referido recebeu a pedrada que lhe não era destinada e lhe causou a morte.

A Casa Branca

A residencia official do Presidente dos Estados Unidos está excellentemente montada e guarnecida, e a sua bibliotheca é digna desse magnifico conjuncto.

Essa bibliotheca contém um milhão de volumes. Não ha, porém, no meio de tantos livros, um só que possa servir de recreio ou distracção.

No proprio dia da installação do presidente Hoover, notou o sr. Watson, sogro do sr. Hoover Junior, como, ao lado daquella bibliotheca, se fazia sentir a falta duma bibliotheca particular. Está claro que os livros da familia Hoover não tinham ainda ido para a Casa Branca.

Chegado o caso ao conhecimento da Associação dos Livreiros Americanos, foi organizada uma lista de obras que logo depois entraram na Casa Branca. Entre ellas se notam D. Quixote, Sherlock Holmes, Tom Sawyer *e vinte e cinco romances policiaes. A par de numerosos romances classicos e modernos, comprehende essa escolha, feita por profissionaes, estudos biographicos, cincoenta volumes de viagens, outros tantos de historia, ensaios criticos, poesia, tratados de philosophia, obras scientificas estudos de arte, e numerosos manuaes, entre os quaes o do pescador á linha.*

E'COS DA REVOLUÇÃO

Forças gaúchas na Avenida Rio Branco.

CREANÇAS

Maria de Lourdes, filha do sr. Joaquim Guimarães Pinheiro e d. Tharcilla Coelho Pinheiro.

Lito, filho do sr. Ubaldo Lomonaco e d. Julieta Marinho Lomonaco.
(Corumbá — Matto-Grosso)

Anna, filha do sr. Jayme Braga e d. Elpidia Guimarães Braga.

Maria Adelaide, filha do sr. Joaquim da Silva Lopes.
(Povoa de Varzim — Portugal)

Auridio, filho do sr. Aurino Muniz Piguata e d. Arabella Macedo Piguata.

Ao lado — Lourdes, filha do sr. Ricardo Coelho Teixeira e d. Olga de Alvarenga Teixeira.

A RAINHA DA HOLLANDA

A familia real: a rainha Emma, a rainha Guilhermina (assentadas), a princeza Juliana e o principe Henrique, seu pae.

Quem reconheceria nessa grave senhora a garota princeza cujos ditos engraçados divertiam toda a Europa!

A rainha d'agora não conservou nada da creança d'outr'ora, a não ser o amor profundo pela sua Hollanda, pela qual mostrou, desde o dia que poude pensar, uma dedicação sem limites.

Uma anecdota engraçada e que garantiam ser authentica contava que a jovem soberana, que tinha então dez annos de idade, tinha um odio bellicoso a todas as nações vizinhas, porque achava que nenhuma devia ser nem mais vasta nem mais rica que a sua Hollanda. No emtanto não ousava corrigir o tamanho no seu atlas de estudo. Um dia, a sua professora ingleza tendo-lhe infligido um castigo que ella julgou injusto, foi assim que ella imaginou a sua vingança. Fez um mappa da Europa muito bem desenhado, mas nesse mappa a Inglaterra estava reduzida a proporções liliputianas, emquanto que a Hollanda cobria parte da Europa.

Riram muito na côrte dessa vingança da princeza. Mas fóra essas brincadeiras a princeza era muito estudiosa, e provava já ter uma energia forte que nada faria dobrar.

Muito cedo abandonou os divertimentos communs á mocidade. Compenetrada do seu papel de rainha, quiz iniciar-se nas mais graves questões de Estado, na idade em que as outras pensam só na alegria de ser bonita e divertir-se.

A soberana era aliás admiravelmente bem guiada e preparada para sua tarefa pela melhor e a mais doce das mães, a rainha Emma, adorada do povo hollandez e que segundo as leis do paiz tinha passado a corôa á rainha Guilhermina no dia da morte do rei.

A princeza, nascida no dia 31 de Agosto de 1880, succedeu a seu pae quando tinha apenas alcançado seu decimo anniversario, no dia 23 de Dezembro de 1890. Seu pae era o rei Guilherme III; a rainha Emma nascera princeza de Waldeck e d'Yrmont.

Aos vinte e um annos a rainha Guilhermina casou-se com o principe Henrique de Mecklembourg-Schwerin. O casamento teve lugar em Haya, no dia 6 de Fevereiro de 1901.

A rainha tem uma tendencia cada vez mais accentuada para os vestuarios escuros, fazendo grande contraste com as modas actuaes.

A côrte da Hollanda não admitte os cabellos cortados. No que diz respeito á rainha, a pequena garota de outr'ora transformou-se n'uma senhora seria, mesmo inimiga de toda faceirice. A sua devoção austera afasta todos os divertimentos que fazem a felicidade das outras mulheres. Poucas festas, e sobretudo muito poucos bailes são dados no palacio. Dizem mesmo que a musica não tem muito successo no palacio e que sómente as obras religiosas são apreciadas.

Durante alguns annos a côrte da Hollanda viu seu lar privado da animação alegre que traz a vinda das creanças. Emquanto em volta dellas a jovem rainha via todos os annos as outras princezas rodeiadas de novas cabecinhas louras ou castanhas, ella continuava sózinha.

Emfim, em 1909, teve o consolo de pôr no mundo uma pequena princeza, Juliana, que acaba de completar sua maioridade e cujo noivado está annunciado officialmente com o principe Guilherme Ernesto Henrique Alfredo de Erbuch-Schwenberg, referendario florestal de Hesse, seu primo em segundo gráo, a mãe do noivo sendo a irmã mais moça da rainha Emma, sua avó.

A princeza Juliana, sem irmãos nem irmãs, criada entre sua mãe e sua avó, ignorou as brincadeiras barulhentas e as distracções communs das creanças. Por essa razão talvez tornou-se ella tão estudiosa, sendo sempre citada como exemplo, possuindo diversos diplomas; como a rainha, conhece a fundo os deveres da sua missão: a rainha Guilhermina quiz que a princeza nada ignorasse das coisas que julga necessario para que seja uma bôa soberana. A rainha Guilhermina vê tudo ella mesma e occupa-se com tudo.

O unico sport de que a rainha gosta é a patinação. Dizem mesmo que é a melhor patinadora do seu paiz.

Passa os verões no seu castello d'Het-Loo, vasta propriedade, perto de Apeldoor, rodeiada de florestas esplendidas. Alli, ao abrigo dos importunos, longe do barulho das multidões, abandona toda etiqueta e torna-se a mais simples das burguezas.

A Universidade do crime

Que é feito dos criminosos depois que sáem da prisão? pergunta, num artigo de revista, o sr. André Pierre. Quantos delles conseguem ganhar o pão honradamente, reentrar na sociedade e quantos voltam á vida antiga? Em summa, que influencia exerce a cadeia nos criminosos?

O grosso publico não faz muito caso dessas questões. Interessa-se pelos criminosos no dia seguinte ao crime, quando comparecem no tribunal, quando entram para a prisão. Quando, porém, lhes é restituida a liberdade, ninguem mais falla nelles — e todavia é o momento critico em que o criminoso se torna deveras interessante e se pode tornar perigoso.

Na America do Norte, procedeu-se nesse sentido a um inquerito que abrangeu mais de quinhentos individuos sahidos, entre 1921 e 1922, duma prisão do Estado de Massachussetts. E averiguou-se que oitenta por cento dos individuos libertados quasi immediatamente *recomeçaram as suas proezas!*

Quasi todos esses homens fallavam da cadeia sem rancor. Encarcerados muito moços, alguns aos 14 annos, adaptaram-se a essa nova vida; desde que, porém, sahiram para a rua, sentiram-se mais ou menos o que eram antes e cederam ás mesmas tentações. Tinham-nos encarcerado, mas sem tratarem de os corrigir ou de lhes ensinar coisa alguma e deixando-os em commum com ladrões e malfeitores de toda a sorte.

Em summa, o inquerito do Massachussetts confirmou o que psychologos e moralistas ha muito repetiam: que, para os moços, a prisão é absolutamente o contrario duma escola de regeneração.

A heroica "Sara"

Em certo dia do mez passado, foi conduzido ao Hospital Provincial, de Madrid, um homem que fôra gravemente ferido por um touro e só escapara á morte graças á coragem e abnegação duma cadellinha.

Empregado duma grande empreza dos arredores de Madrid, contigua a um campo de criação de touros de corrida, esse homem foi inopinadamente atacado por um cornupeto que saltara a cerca divisoria. Derrubado o pobre diabo e gravemente molestado, ia fatalmente ser morto pelo animal furioso quando uma cadellinha pertencente ao chefe da empreza se atirou ao focinho do touro, ferrando-lhe os dentes com toda a força. Depois, largou a fugir. O touro voltou então a sua raiva contra a cadellinha que, com latidos agudissimos, o excitava cada vez mais. Apezar de machucado e cheio de dores atrozes, o homem, assim abandonado pelo inimigo terrivel, poude caminhar até um rio proximo. Logo depois, perseguida pelo touro, tambem a cadellinha se refugiava no rio onde o inimigo desistiu de entrar, preferindo voltar para o seu posto.

Passado o perigo, foi o ferido soccorrido pelos vizinhos. Quanto á cadellinha, que dá pelo nome de Sara, passou á categoria de heroina... se não nacional pelo menos local — e nada mais justo.

Nunca um homem é mais escravo do que quando se crê livre sem o ser.

GOETHE.

O instincto salvador

Os animaes, ninguem o ignora, possuem certas faculdades mysteriosas que a natureza negou a nós outros humanos.

O sentido da direcção, da orientação, por exemplo, que se tem apenas observado nos pombos correios, existe na realidade, tanto nos menores insectos como nos maiores animaes. Alguns animaes são prognosticadores da temperatura infinitamente mais seguros que os meteorologistas mais eminentes.

Querem ter um barometro barato? Tomem uma sangue-suga e prendam-n'a dentro d'um grande vaso de vidro que se enche de agua, e cobre-se a parte superior com uma etamine ou panno transparente. Se a sangue-suga fica enrolada no fundo da vasilha, é signal de bom tempo; se rodeia as paredes da vasilha ou se mantem acima do nivel do liquido, a chuva não tarda a cahir.

A prisioneira não tem um instante de repouso, desloca-se sem cessar através do liquido com uma extrema rapidez: é um symptoma certo de que o vento vae sop ar com violencia. Um dia ou dois antes d'uma tempestade, a sangue-suga fica constantemente fóra d'agua e tem movimentos convulsivos.

Todos conhecem, no mesmo genero, as faculdades da rã. Fechada dentro d'uma vasilha de vidro munida d'uma pequena escada, esse batrachio sobe á superficie quando o tempo vae ficar bom.

Todo pastor um pouco observador dirá que sabe quando vae haver temporal: as suas ovelhas manifestam muitas horas antes uma agitação curiosa, não têm mais socego.

Essa faculdade, que têm os animaes, de prever as variações atmosphericas manifesta-se regularmente nos grandes cataclysmas teluricos: erupções vulcanicas ou tremores de terra. Teve-se ainda recentemente uma nova prova, quando do tremor de terra que destruiu toda a região de Napoles.

No primeiro momento, não deram importancia á agitação que se produziu em diversos animaes, horas antes do cataclysma; mas depois de passado o perigo lembraram-se.

Quando tudo ainda estava calmo e que nada fazia prever a catastrophe, muitos animaes tinham fugido espavoridos campo a fóra. Recordaram os bandos de passaros que tinham visto passar na direcção do mar; que nas cocheiras muitos cavallos tinham rebentado as rédeas; que os gatos tinham fugido com o pello arripiado; que os cães tinham uivado.

Os animaes, com effeito, presentem os tremores de terra, quando nada os annuncia ainda, e os homens estão na completa ignorancia dos cataclysmas que os ameaçam.

Não é de hoje que se constatou nelles essa faculdade.

Em 1835, um terrivel tremor de terra destruiu a cidade de Talcahuano, no Chile. Observou-se que todos os cães tinham fugido quando a população da cidade ameaçada de desapparecer não tinha ainda sentido nenhum abalo.

Os habitantes da cidade de Concepcion, que foi destruida pela mesma catastrophe, observaram que, duas horas antes do grande abalo que fez cahir tantas casas, uma quantidade enorme de aves do mar se tinham afastado do litoral dirigindo-se para as regiões do interior.

No Japão, onde os tremores de terra são frequentes, observam-se nos cavallos, á approximação dos cataclysmas, uma agitação especial.

Esses animaes, com effeito, são extremamente sensiveis ás perturbações da natureza. Um pouco antes do tremor de terra que assolou a Rivera, em 1887, todo o mundo notou a inquietação dos cavallos. Alguns delles, que estavam atrelados, espavoridos provocaram accidentes.

Isso dá-se com a maioria dos animaes. Na occasião do grande tremor de terra em Lahore, nas Indias inglezas, os elephantes recusaram-se obstinadamente a trabalhar.

Passando do maior ao menor: os ratos fogem quando presentem um movimento sismico.

O professor norte-americano G. Brangwin foi testemunha d'um desses exodos n'uma aldeia perto de Yokohama, quando viajava no Japão alguns annos antes da guerra.

Essa aldeia tinha suas casas construidas de madeira, estava infestada pelos ratos e os seus habitantes já tinham procurado por todos os meios libertar-se delles. Uma tarde de verão, um pouco antes do pôr do sol, um espectaculo unico se offereceu aos olhos do sabio geologo.

Ratos, em fileiras compactas, sahiam das casas, dos esgotos, dos riachos, e espalhavam-se pelas ruas. Durante alguns minutos, dir-se-ia um verdadeiro formigueiro, um tapete escuro em movimento, tão denso que o solo ficou invisivel.

Depois de alguns instantes de hesitação, como se tivessem procurado que direcção tomar, seguiram em massa para o campo.

Os habitantes, assim prevenidos do perigo, fizeram o mesmo. Quarenta minutos mais tarde, o abalo teve lugar: a cidade foi completamente destruida, mas não morreu ninguem.

Observaram os moradores da região de Sienna, na occasião em que se deu um movimento sismico que devastou a região ha um quarto de seculo, que, algumas horas antes do primeiro tremor ser sentido, os pardaes e andorinhas, que tinham seus ninhos nos telhados, haviam voado alcançando grande altura nos ares.

O tremor de terra que devastou a Calabria, em Setembro de 1905, teve lugar de noite, lá para as tres da manhã. Os camponezes contaram que, umas tres horas antes, os cães tinham começado a uivar. Os porcos, animaes em geral passivos, nessa mesma hora atiraram-se contra as portas, quebrando cercas, e fugiram campo a fóra. Os gallos cantavam sem cessar. Sabe-se que seu canto, á noite, é um grito de alarme.

Exemplo commovente. Em 1909, um negociante de Regio, o sr. L. Andolfi, escapo milagrosamente da catastrophe que devastou a Sicilia e as Calabrias, contou, com as lagrimas nos olhos, como devia a vida ao seu cão.

Esse negociante tinha o costume de deixar o cão dormir no seu quarto. Na noite da catastrophe, lá para meia noite, foi acordado com os latidos furiosos do animal. O sr. Andolfi tudo fez para acalmal-o mas o cão, que previa o desastre, poz-se a gemer e a arranhar a porta com insistencia. Por mais que seu dono ralhasse e désse ordem para ficar quieto, o cão insistia. Emfim, vendo que eram inuteis os seus esforços para fazer socegar o animal, decidiu vestir-se e ir ver o que havia de anormal fóra, que estava assim agitando o seu cão. Sahiu: o cão continuava a dar signaes de evidente anciedade e queria agora fugir da rua. Cinco horas acabavam de soar na torre da Prefeitura. Nessa occasião o sr. Andolfi dirigia se para o porto, quando um violento tremor de terra o atirou no chão; quiz levantar-se, um novo tremor mais forte ainda que o primeiro atirou-o novamente ao solo e com tal violencia que perdeu os sentidos.

Não viu mais nada. Quando voltou a si, era dia claro, e a chuva cahia torrencialmente; e em volta delle tudo estava destruido.

Mas o cão, cujo instincto havia prevenido a catastrophe, tinha desapparecido e seu dono, constatando isso, chorava o pobre animal que tinha salvo a sua vida.

Como este, quantos outros factos poderiam ser contados a respeito dessa faculdades mysteriosa dos animaes! Mas não sómente a respeito de tremores de terra como tambem na occasião das erupções do Vesuvio e do Etna, assim como tambem quando se deram as inundações repentinas que devastaram o centro da França.

Ha entre os animaes e a natureza uma sympathia que, a maior parte das vezes, não percebemos. Ella previne - os com antecedencia de todos os seus caprichos, de todas as fantasias tragicas pelas quaes faz lembrar-nos o pouco que valemos em face della. E os animaes sabem o que os sabios nunca poderão prever.

Se, em vez de nos contentarmos em exploral-os para nosso proveito material, os observassemos com mais attenção e interesse talvez tirassemos disso muito proveito.

As "estrellas" e as suas collecções

Um jornalista de Hollywood tomou nota dos gostos e manias de grande numero de numerosas estrellas do cinematographo.

Evelyn Brent tem a paixão dos perfumes. Compra vidros e mais vidros, mas não os abre e assim o seu stock cresce de dia para dia.

Bebé Daniels tem a mesma mania. Ultimamente, depois de haver feito uma selecção no seu sortimento, dando de presente grande numero de frascos, ficou ainda com trezentos por abrir.

Dolores del Rio, embora gaste muitos perfumes, reuniu mais de seiscentos frascos.

Irene Rich acredita nas virtudes tutelares das ferraduras achadas ao acaso. Tem nas suas cavallariças grande numero dellas, com uma inscripção indicando o dia e o logar em que foram encontrados.

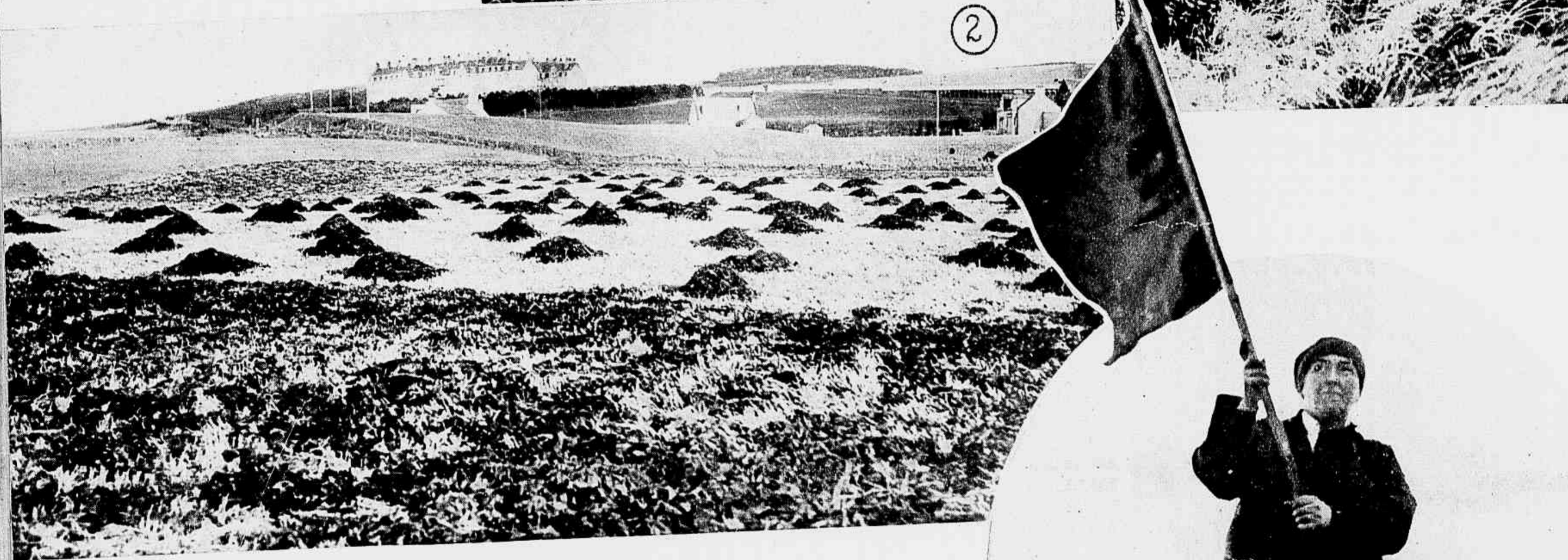
Corinne Griffith tem uma collecção de crystaes que reproduzem os diamantes historicos e formam uma lindissima vitrine.

Collen Moore mandou construir uma casa de boneca que mobilou á antiga. A sua mania são os bibelots e as bugigangas, principalmente francezes.

As Algas

(Serviço do CONSORCIO INTERNACIONAL DE IMPRENSA)

PUBLICAMOS, por curiosidade, algumas photographias interessantes que nos enviam de Turnberry, Ayrshire (Inglaterra), onde existem leis raras e costumes relacionados com a apanha de algas, que ficam na praia depois da maré alta. Como se sabe, em muitos paizes aproveitam-se as algas para adubo dos campos.

Com o fim de obter a fermentação das algas e evitar que sejam empregadas antes de tempo, em Turnberry regulou-se a apanha em dias e horas determinadas de maneira que, chegado o momento opportuno, collocam-se na povoação avisos que indicam a hora e o dia em que será permittido carregar os carros dos agricultores. Deste serviço de avisos, encarrega-se o ferreiro da

povoação, e no dia indicado uma velhinha chama todos os camponezes, agitando uma bandeira do alto de um colina. Quando se dá este signal, os carros acodem á praia, mas não antes nem depois de ter descido a bandeira.

Nas costas da Italia, da Espanha e de Portugal utilizam-se as algas com esse mesmo fim, e isso desde tempos immemoriaes; porém, que nós o saibamos, em nenhuma parte existe esta regulamentação conhecida em Turnberry.

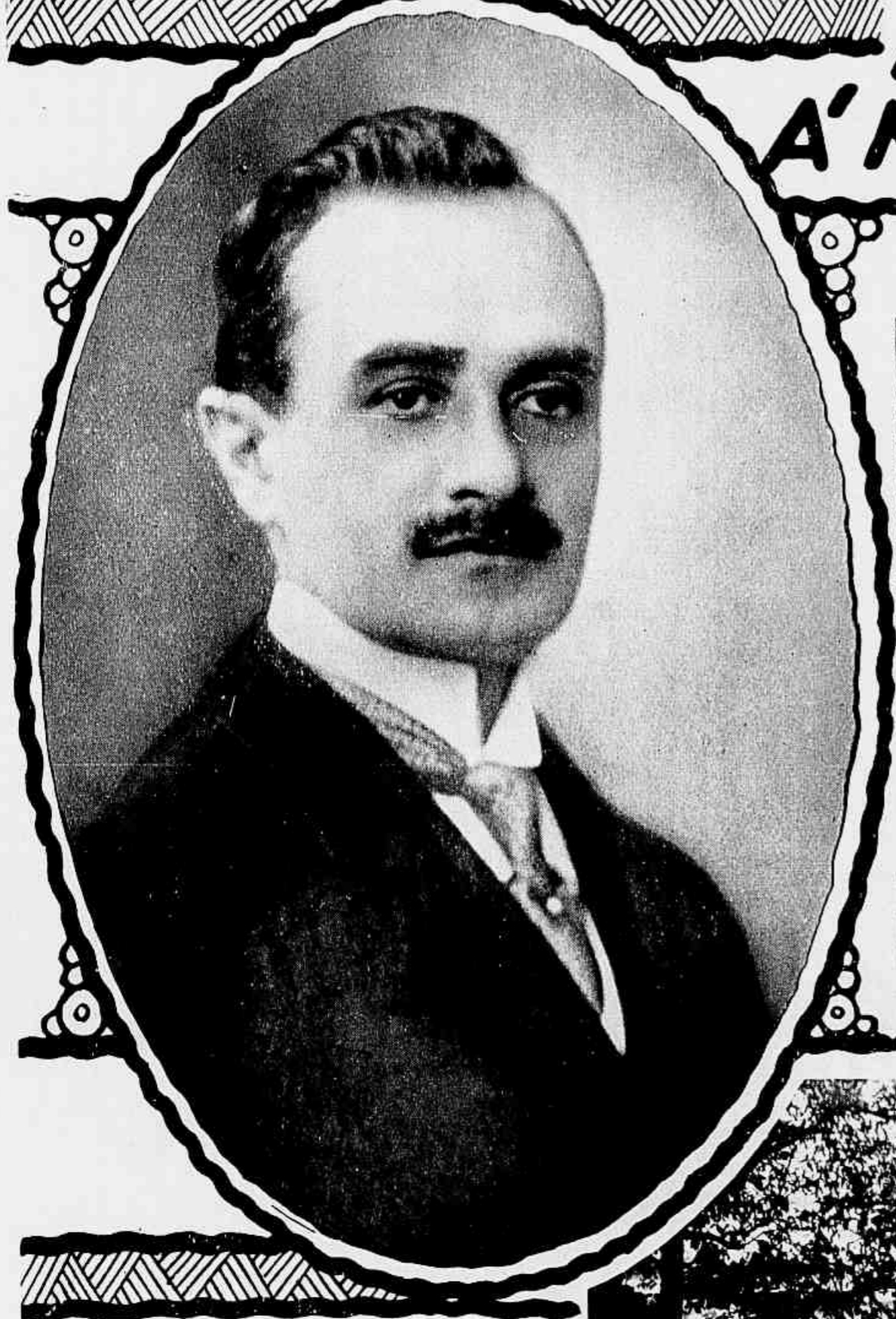
O poder fertilizador das algas é muito grande, como demonstra a sua analyse chimica, visto que, a mais da materia organica, estas formas vegetaes marinhas conteem carbonato de cal e ma-

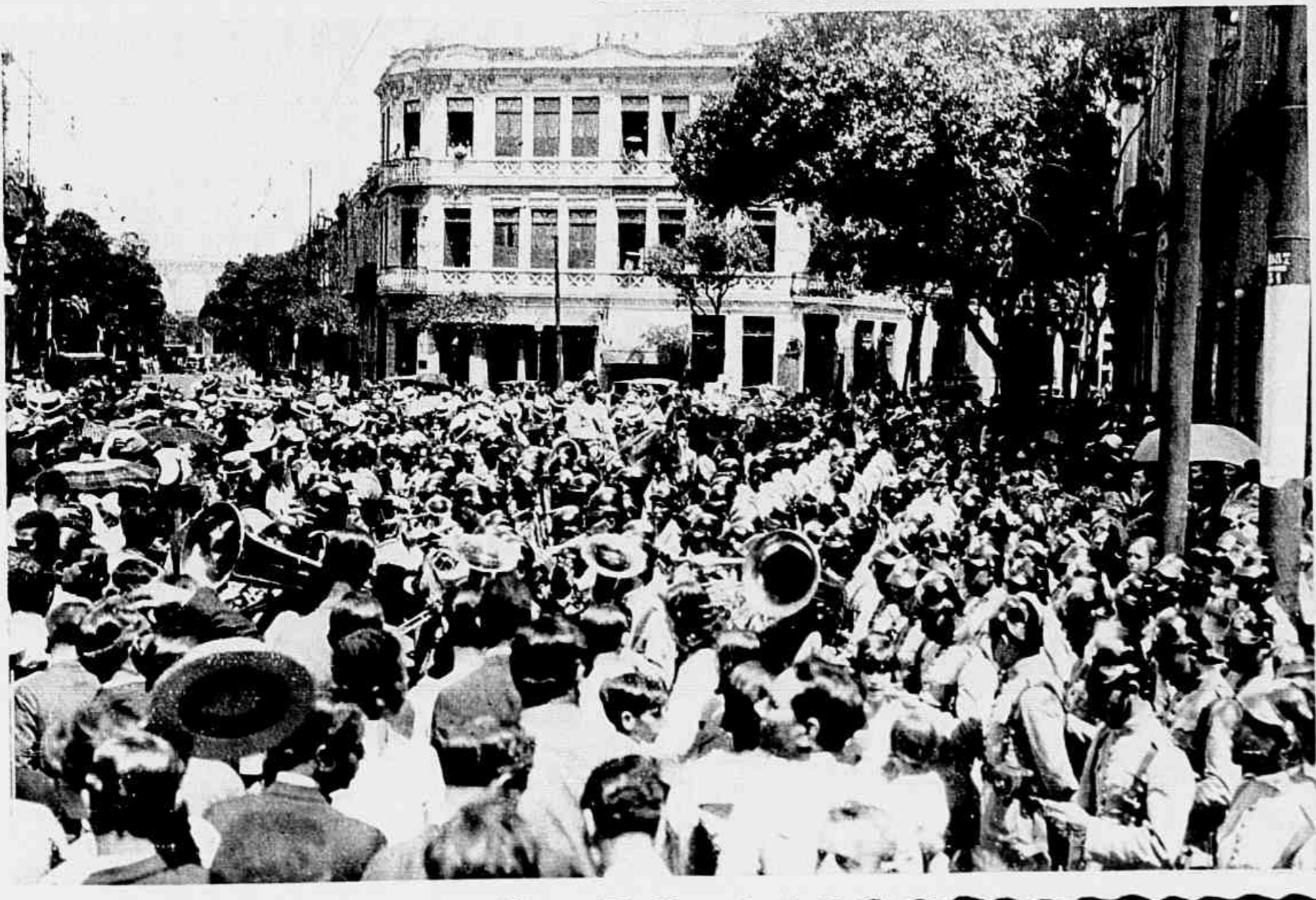
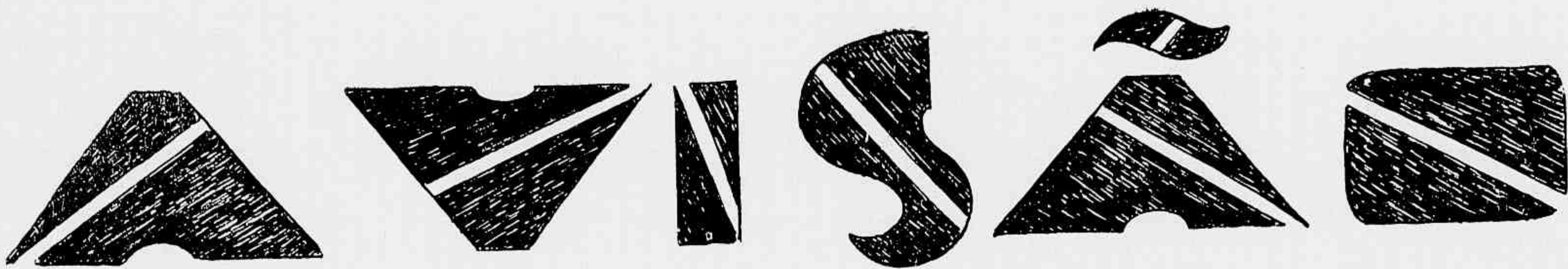
1 — Apanha, em carros, das algas abandonadas pela maré. 2 — Campo coberto de algas, para a sua fertilização. 3 — A porta-bandeira official com a sua bandeira. 4 — Ferreiro da povoação colando na parede o aviso da hora de apanha.

gnesia, alumina e oxydo de ferro, silica e, sobretudo, uns 18% de nitrogenio, que lhes dá um alto poder fertilizante.

Deve notar-se, no entanto, que, se bem que um tal adubo dê muito bons resultados no cultivo dos cereaes, do linho e das batatas, pelo contrario não serve para as videiras nem para os prados.

Tambem das algas se extráe o iodo, e fundou-se recentemente em Espanha uma poderosa sociedade que espera produzir, d'esta maneira, 25 toneladas annuaes de tal substancia, que é o consumo annual do paiz; mas estas não são as algas antes mencionadas e empregadas na fertilização das terras.

A HOMENAGEM DO RIO Á MEMORIA DE JOÃO PESSÔA

Quando foi da victoria da Revolução e da ascensão do sr. Adolpho Bergamini á Prefeitura do Districto Federal, tratou-se logo de uma homenagem da cidade á memoria do grande presidente João Pessôa. Nesta pagina, illuminada pelo retrato do inolvidavel presidente da Parahyba, figuram aspectos da solemnidade da inauguração das placas de bronze da Praça João Pessôa. Ao alto: o prof. Bricio Filho orando no palanque armado para a solemnidade, tendo á esquerda o sr. prefeito Adolpho Bergamini. Ao lado: um aspecto da Praça, durante a ceremonia. Em baixo, outro aspecto e, por ultimo, o sr. prefeito Bergamini descerrando uma das quatro placas de bronze da Praça João Pessôa.

A VISÃO

POR HERNANI de IRAJÁ

POR mais que se não queira acreditar em factos sobrenaturaes, achamo-nos ás vezes em presença de verdadeiros enygmas, indecifraveis pela razão humana.

Trasgos, lémures, avantesmas, avejões doutras eras, genios da treva, horripilantes creaturas senhoras dos peccados e dos crimes mais sinistros revivem, por vezes, na imaginação que lembra clara, nitidamente, todas as lendas da meninice crédula e sonhadora.

Vem-nos assim, de chôfre, da retentiva impressionada a série phantasmal quasi sepulta pelo materialismo do viver, pelas premencias arduas da labuta quotidiana — quando alguem tenta mover a curiosidade ou a opinião alheia com o relato commovedor de uma aventura sinistra, de um episodio incrivel de horror ou de mysterio.

Foi isso, o facto que passo a narrar, em S. Paulo, na fazenda Meira.

Pelo inverno de 1924 achavam-se na zona dos cafezaes dessas lavouras alguns dos rapazes residentes na grande casa dos Meiras e mais dois ou tres de S. Paulo, de familias amigas. Em uma tarde ennevoada e fria, Zirbo e Almir, primos e amanteticos do cynegetico convidaram alguns dos Meiras e mais o menino Sylvio para caçar perdizes adiante da fonte principal que abastecia a Fazenda.

Resolvido o caso foram em busca de caça para o sul, nos campos altos de "capim cheiroso" *capim cidró* como dizemos no Rio Grande.

Entretanto, cousa rara, por mais que batessem os perdigueiros, açulados e matreiros, não se via rasto ou indicio dos cobiçados gallinaceos nas redondezas procuradas.

Almir, já desesperançado, propoz então irem para "cima" afim de percorrerem as baixadas d'além tunnel, onde por entre as moitas altas de guanxuma e "chique-chique" era commum acoitarem-se perdizes explendidas daquellas que "nem se precisava atirar" — conforme dizia elle — "pois de gordas se deixavam pegar com a mão."

Acceito o alvitre, partiram assoviando pela cachorrada em direcção ao norte.

Passaram as perspectivas alinhadas dos arbustos; as plantações de milhares e milhares da rubiacea, repolhudas, viçosas succediam-se, succediam-se sempre, como fileiras de soldados em marcha.

Iam longe; talvez já fosse tarde para caçadas. Alguns opinaram pela volta — "que hoje já era improficua a batida, quando chegassem ao outro lado da *passagem d'agua* pouco faltaria para a noite".

Entretanto Almir, Sylvio e Zirbo e mais um outro dos Meiras não conversaram e, continuando a marcha, a poucos passos estavam da tal passagem através de um pequeno morro que fôra escavado afim de facilitar o uso de um bellissimo "olho dagua" de onde o pessoal da casa se provia e, mais, de encurtar caminho para os campos e duas roças que ficavam perto da casa do administrador.

As rãs coaxavam nos charcos limosos e já alguns morcegos tentavam a incerteza dos vôos crepusculares, quando os quatro rapazes começaram a travessia do tunnel.

A humidade interna era cortante, o vento no desfiladeiro dizia qualquer cousa... aos poucos com os échos e as resonancias os estalidos das gottas que tombavam no barro molhado, vindas da filtração nas abobadas, formavam verdadeira orchestra crystalina, monotona, irritante e bella a um tempo.

Parece que uma vaga claridade brilhou no fundo das pedras esverdinhadas... Vagalume? Fogo-fatuo?

Almir apertou a arma e perguntou ao Zirbo pelos cachorros.

— "Foram com os outros" — respondeu-lhe este.

O frio era mais forte, parecia que estavam sob uma geleira, nos paizes nordicos, sob o dominio penetrante da *Rainha da Neve*, aquella amorosa e cruel enamorada dos adolescentes robustos, tostados de sol, a quem sempre armava ciladas, anciosa de "beijal-os nos calcanhares" como ao inditoso Rudy "de Andersen" que pereceu uma noite sob a fascinação impiedosa da soberana dos gelos.

As goticulas cantavam por todos os lados, dir-se-ia que tamborilavam uma melodia mysteriosa nas cadencias frias do subterraneo.

Era um aclive agora. O chão, pegajoso, escorregava de tabatinga na mistura argilosa de algumas plantas lichenosas, de musgo e argilla molhada, amassando-se aos pés dos teimosos itinerantes, emplastrando-os, deixando-os pesados.

Subito Almir, que ia na frente, estacou!... Os tres outros a um só tempo recuaram em alarido! Todos corriam. Alguns desobrigaram-se do peso d'armas e utensilios de caça.

Foi uma corrida louca... Mas os pés prendiam-se-lhes no barro e uma contaminação reciproca de pavôr impossibilitava-lhes os movimentos no acelerado preciso para a fuga.

Os pyrilampos faiscavam nas hervas e a noite começara a adensar as sombras...

— Vocês viram?! — perguntaram-se quasi ao mesmo tempo os quatro rapazes.

E elles mesmos se responderam com um aceno de cabeça, os olhos ainda accessos de medo.

Todos tinham visto...

Uma visão grotesca e horripilante!

Elles não eram creanças nem medrosos dos que acreditam em "bois-tatás" ou "almas do outro mundo".

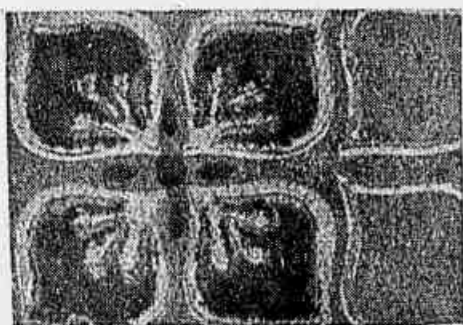
Alguns instantes mais e ouviram o ruido surdo de um desmoronamento: o tunnel havia ruido!

Quem? — o quê, obedecendo a que lei da Fatalidade — teria surgido ali naquella hora para livrar quatro creaturas da morte certa sob as pedras, sob o morro informe, infirme, infiltrado de aguas?....

Todos ao mesmo tempo haviam visto um esqueleto de resplendente brancura a carregar com um morto ás costas...

Viram mesmo a caveira voltar-se para elles meio sorridente, dentuça ás escancaras e notaram um punhal sangrento, ainda cravado ás costas do defunto!...

Figuras e Factos

O prefeito sr. Adolpho Bergamini presidindo á ceremonia da entrega de 25 mil estojos de navalhas "Valet" que a Cia. Auto Strop do Brasil offereceu ás tropas revolucionarias aqui acantonadas, como uma lembrança da cidade do Rio de Janeiro.

O banquete de despedida offerecido ao sr. Konrad, ex-presidente do Club Germania, com a presença do exm.º sr. Hubert Knipping, ministro da Allemanha.

A feira instituida em favor do monumento que se projecta erguer em memoria dos heróes de Copacabana, da jornada homerica de 5 de Julho de 1922. Senhoras e senhorinhas vendem ahi "Os 18 do Forte", o livro em que se relata o sacrificio dos bravos de 1922 e que foi impresso para o fim de servir de base ao monumento projectado, mercê do producto integral da sua venda.

A reunião na sala da bibliotheca do Departamento Nacional da Saude Publica, com o patriotico e humanitario fim de se estudar a maneira de levar o maximo da prophylaxia aos quarteis. A reunião foi presidida pelo dr. Belisario Penna, director do Departamento N. da Saude Publica, que tem á direita o capitão dr. Paulino de Mello Dutra, do 9.º Regimento de Infantaria, e á esquerda o coronel dr. Arthur Lobo, da Saude da Guerra, e o dr. Oscar da Silva Araujo.

O baile do Tijuca Tennis Club, no sabbado ultimo, na Associação dos Empregados do Commercio.

A Festa da Bandeira no Rotary-Club

O Rotary Club, festejando a data da instituição da nossa bandeira, offereceu aos seus consocios um almoço, que se realizou no salão de festas do Automovel Club.

O dr. Mario de Bulhões Pedreira leu o seguinte discurso:

"A solennidade desta ceremonia civica, que nos congrega em torno do pavilhão brasileiro, reveste-se hoje de um rito mystico, que é ao mesmo tempo homenagem e prece, exaltação e apotheose.

Porque a nós, membros do Rotary Club, que o cultuamos como emblema da unidade e nunca de separação, divisando no symbolo das soberanias não a muralha que isola, mas o pálio que abriga, a nós que as unimos, em radiosa polychromia, a todas as bandeiras dos povos irmãos, realizando pela chimica ideal da recomposição das côres a synthese da Luz — que será a confraternização universal — a nós, rotarianos do Brasil, rejubila-nos sobremodo vel-o de novo desenrolar-se por sobre o territorio patrio como alviçaras de paz e de união.

Porque hoje, quando se desfralda no topo dos mastros e freme nas mãos dos vexillarios á vanguarda dos batalhões, o povo brasileiro sente nas verdes ondulações do panno sagrado o anseio de sua esperança no futuro da patria, una, fraternizada e livre.

Porque, se hontem se agitava ao rythmo das fanfarras conclamando á luta, hoje envolve-nos numa benção confortadora e oscilla suavemente como caricia de mãe que a todos por igual ama e estremece.

Porque, se a 3 de Outubro reflectia o clarão vermelho do movimento redemptor, a luz de 24 restituiu-lhe os matizes proprios, alvorecendo na alma entenebrecida do Brasil como o prealbar de uma éra de liberdade e de concordia.

Liberdade para o trabalho que produz, para a intelligencia que realiza, para o bem que fecunda.

Concordia de todos os espiritos identificados no anhelo legitimo de servir á Patria commum.

Senhores: é preciso penetrar o symbolismo das cores dominantes da nossa bandeira para comprehender as directrizes que ella traça ao povo brasileiro.

Attentae. São a expressão maxima da fraternidade.

Quem no verde que ostenta não traduz para logo a opulencia das nossas florestas?

O Dia da Bandeira no Rotary-Club. Ao centro, o sr. Luiz Pereira, presidente, empunhando o Pavilhão Nacional, tendo á direita o dr. Oliveira Passos, antigo presidente do Rotary-Ciub: senhora Luiz Pereira, sr. Cerqueira Lima e senhora José Augusto Prestes, e á esquerda o dr. Arrojado Lisbôa, ex-presidente do Rotary-Club e governador do Districto Rotario; senhora Albertotti e dr. Bulhões Pedreira, que leu o formoso discurso que publicamos nesta pagina.

E a floresta é o triumpho da solidariedade. Robles gigantes que se irmanam na transfusão da seiva, unidas as ramadas para o beijo fecundo das corollas, amparando a eclosão da semente, tombada ao solo adubado pelas folhas mortas que renascem no milagre da resurreição da arvore! A floresta é a victoria da approximação das especies que vinculadas campeiam o terreno conquistado, cada vez mais fortes e mais uteis. Agasalha e alimenta. Protege e vence. Fortalece e purifica. Provoca as condensações atmosphericas geradoras das chuvas que humedecem e fecundam, e quebra o rigor do sol que abrasa e incendeia.

Felizes, fortes e triumphadores, os povos que têm a unidade das florestas e estendem sobre a Terra a protecção da sua sombra e o beneficio das suas utilidades.

Sobre o verde da selva o amarello do sol! Suprema exaltação da fraternidade. Luz que é ouro sobre os campos. Ouro que são veios de luz engastados nas entranhas da terra. Symbolismo do sol que a todos aquece no mesmo amplexo — irradia nas torres das cathedraes e refulge nas aguas dos pantanos, illumina a casa do rico e opulenta a choupana do pobre, banha os pincaros das cordilheiras e aclara os desvãos das planicies. Pinta as petalas das flores, brilha nos olhos das mulheres, brinca nos labios das creanças e leva numa restea dourada a esperança ao prisioneiro. Dadivoso, prodigo, dir-se-ha que ainda invade o sub-solo, perfura a rocha e, por extranha alchimia, transmuda-se no ouro das nossas minas: ouro, metalização da luz!

Ouro da bandeira brasileira: symbolo do sol tropical da fraternidade!

Mas contemplae-a. Ao Brasil — immensa floresta banhada de luz, onde o machado das lutas na obra das derrubadas não decepa as vergonteas do ideal e as lianas indestructiveis da sua unidade — ella rasga as clareiras que divisam os horizontes da Ordem e Progresso! Que os brasileiros meditem nesse lemma.

Ordem, senhores, não é a estabilização dos erros accumulados, o marasmo das consciencias anesthesiadas, a calma acovardada da renuncia e da indifferença. Ordem não é paz sem garantias, não é tranquillidade sem direito. A oppressão que amordaça os gritos da Verdade e manieta os movimentos livres — qualquer que ella seja, venha de onde vier — apenas simula a ordem, não a consolida; é como o silencio plumbeo prenunciador das tempestades que convulsionam a natureza. A ordem, simples ausencia da subversão contida pela força, é precaria e transitoria. O Brasil a requer como resultancia natural da Nação organizada e livre: organizada no direito, livre dentro das responsabilidades.

E não se confunda Progresso com as conquistas materiaes da civilização. Elle está sobretudo na soberania dos principios moraes que presidem á vida dos povos; na integração do individuo á consciencia dos seus direitos e á submissão aos seus deveres, como instrumento dos fins sociaes; na instrucção e cultura espiritual que dignificam os homens, ennobrecem-lhe os sentimentos, extirpam os odios e fomentam a tolerancia.

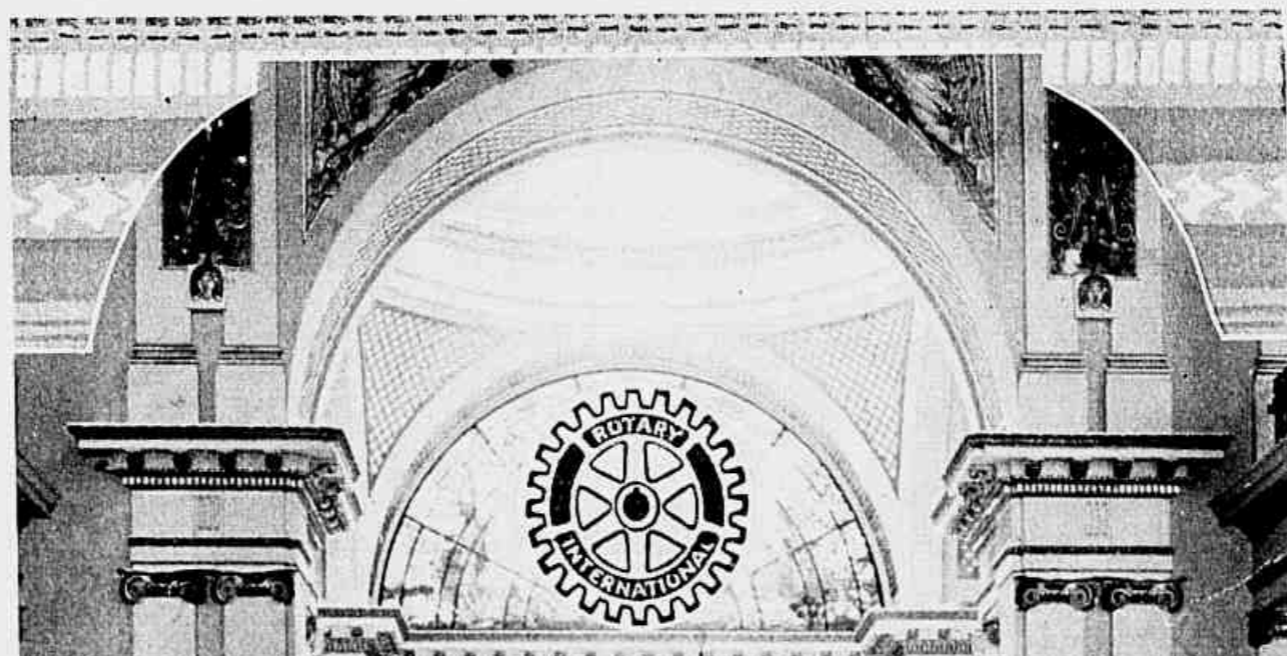
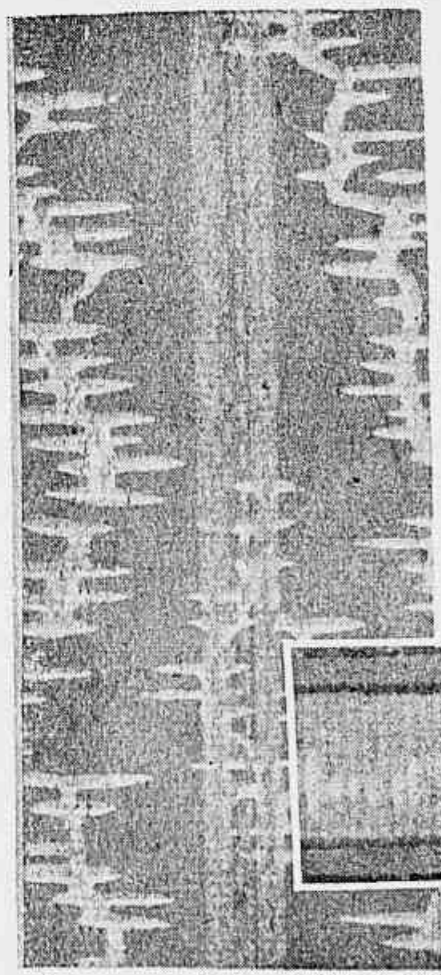
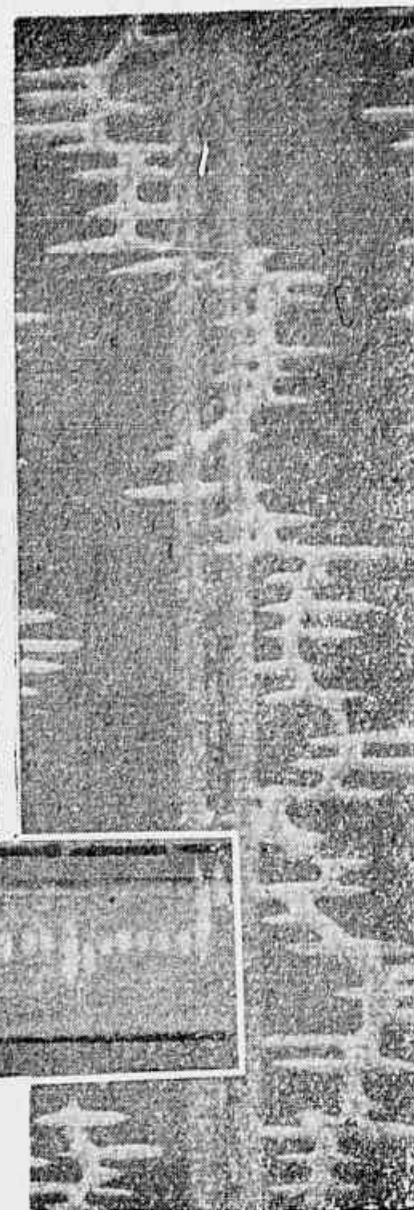
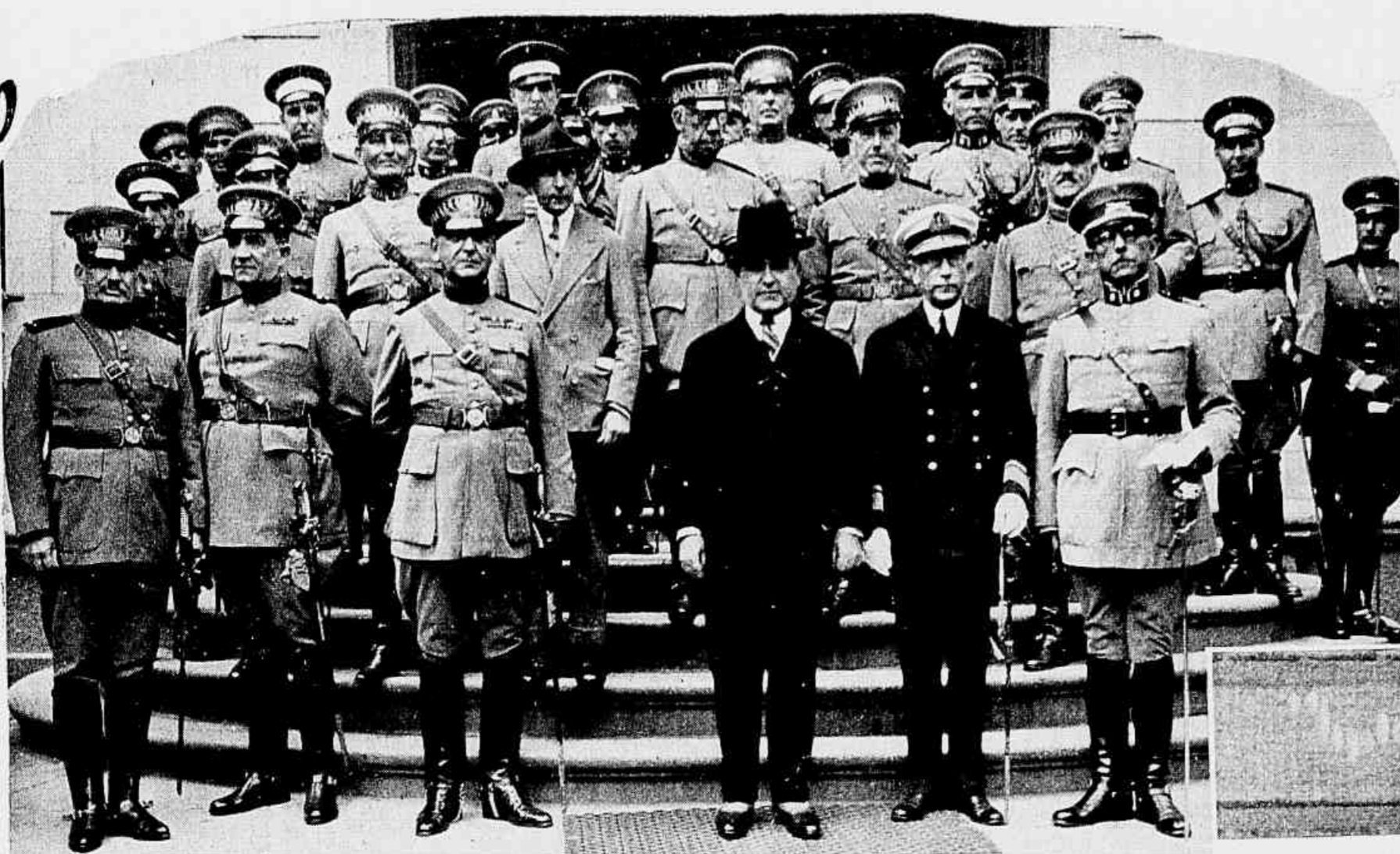
Rotarianos do Brasil, soldados do ideal da fraternidade, de pé! Saudemos a nossa bandeira com a legitima ufania de brasileiros e o respeito reverencial de rotarianos.

Que ella oriente o Brasil novo para os rumos definitivos dos seus destinos, integrando-o ao sentido liberal das suas leis e erguendo-o bem alto na communhão internacional.

Que ella estenda sobre o Brasil a projecção do seu symbolismo, suggerindo a todos os brasileiros: — Só o bem é fecundo, só o amor constróe e perpetua. Só o amor alcança que a Justiça nas mãos dos vencedores não se transmude em instrumento de iniquidade contra os vencidos. Só o amor realiza o que de mais nobre tem o genero humano: a piedade que estende os braços, o altruismo que vence o instincto, a fraternidade que une os homens e vincula as nações.

Que nesta hora culminante da vida nacional — vela enfunada ao vento bom do idealismo que sopra no continente americano — ella conduza o Brasil no roteiro da Paz traçado pelo determinismo da sua Historia, gravado em letras de ouro no marmore da sua Lei e esculpido indelevelmente na consciencia dos seus homens.

Que ella inspire o Brasil, fortalecendo-o na tolerancia, dando-lhe a energia serena para attingir os objectivos de Ordem e de Progresso, sem os extremos da repressão e da vingança, mas sob o imperio da responsabilidade e da Justiça.

Que ella inspire, oriente e conduza o Brasil!"

O Sr. Getulio Vargas na Escola de Estado Maior

Ao alto: o sr. Getulio Vargas ao chegar á Escola de Estado-Maior do Exercito, afim de conferir os diplomas aos officiaes que concluiram o curso. A' esquerda do chefe do governo provisorio os srs. almirante Isaias de Noronha, ministro da Marinha, e coronel Barbosa, director da Escola; á direita, os generaes Leite de Castro, ministro da Guerra; Andrade Neves, chefe da casa militar da Presidencia; Pantaleão Telles, commandante da Policia Militar. Ao lado, o sr. Getulio Vargas, entre os ministros da Guerra e da Marinha, entregando o diploma a um official. Em baixo: o chefe do Estado retirando-se da Escola de Estado-Maior após a ceremonia.

Rendilhados... em ferro

POR FREI PEDRO SINZIG, O. F. M.

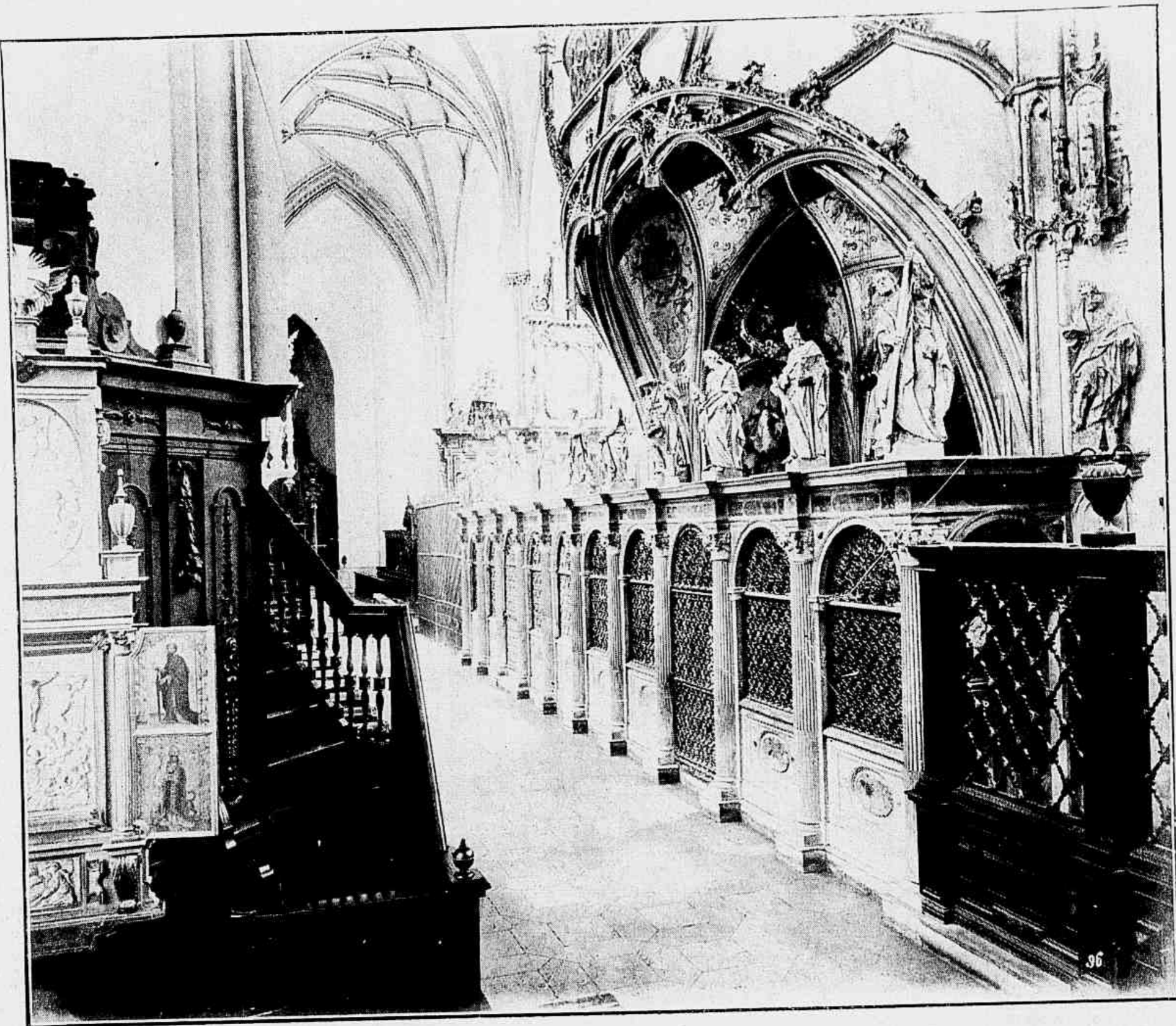
BASTA lembrar o convento dos Jeronymos em Lisboa ou a Alhambra em Granada para justificar a expressão "rendilhado em pedra".

Pois não é menos justa a que serve de epigraphe "rendilhados em ferro", como dirão todos quantos tiverem occasião de apreciar uma dessas obras.

O ferro, que desde os tempos mais remotos serviu para utensilios de uso pratico, só em fins do primeiro millenio foi escolhido para obras de arte. Por duro que seja, presta-se a isto devido a duas qualidades: batido, quando candente assume, sob o martello do ferreiro, as formas mais differentes; incandescente até á côr branca, juntam-se varios pedaços em união indissoluvel. D'ahi os trabalhos de grande arte que fizeram nascer o "estylo de ferro".

Na época romana — como expõe o sabio franciscano Frei dr. Beda Kleinschmidt — as abraçadeiras, geralmente, corriam horizontalmente sobre as portas em espiras que terminavam em folhas ou cabeças de animaes.

Foi na França que, em principios do seculo 13, esta arte chegou ao primeiro periodo de florescimento, produzindo obras jamais excedidas e influindo notavelmente sobre a mesma arte nos Paizes Baixos, na Allemanha e na Inglaterra.

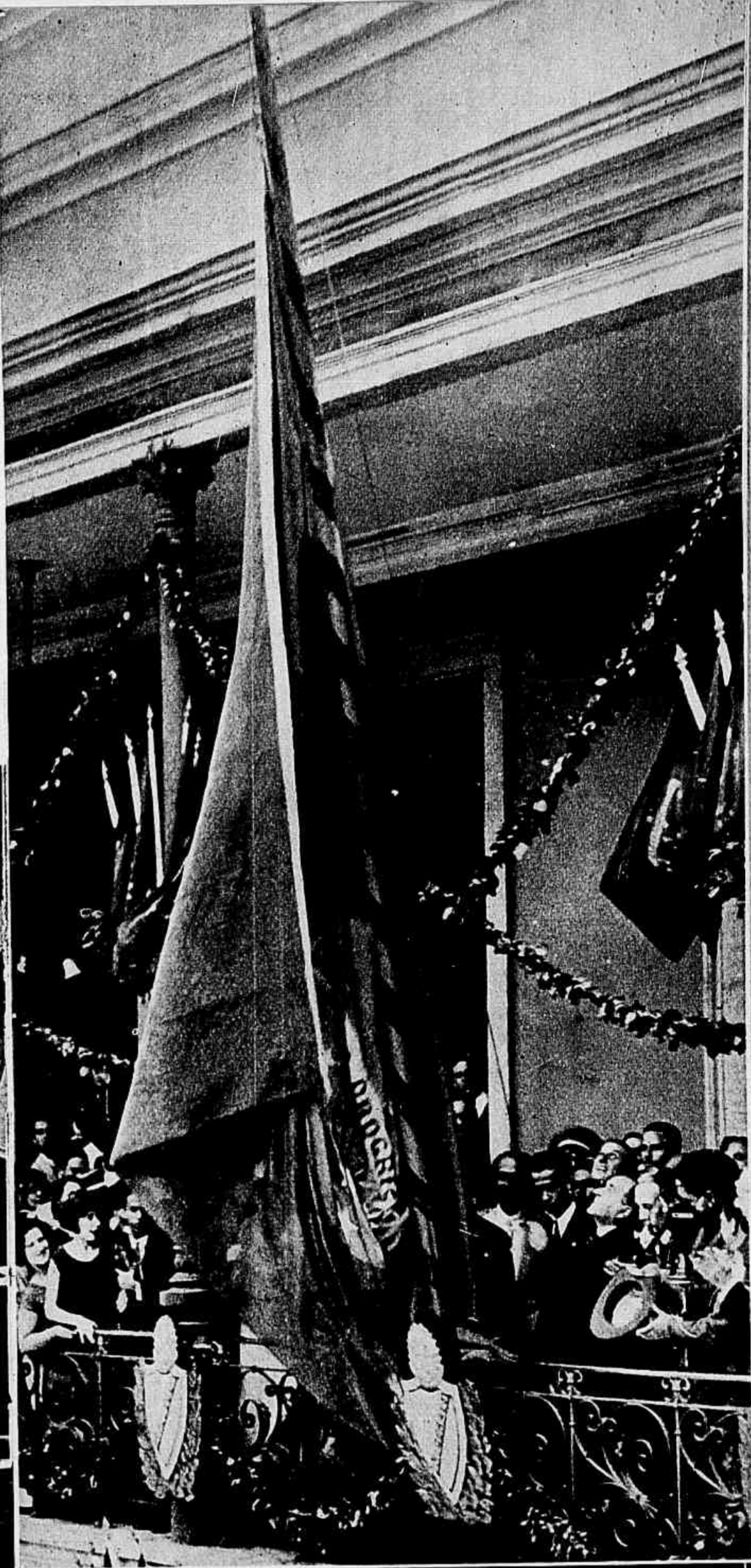
Abstrahindo das cathedraes de Rouen, de Sens e Noyon, são em particular as portas de Notre Dame em Paris que ostentam obras maravilhosas. Cada uma das portas possue tres abraçadeiras que, servindo ao mesmo tempo de gonzos, se dividem em innumeras ramificações, ornadas de passarinhos e de figuras phantasticas.

A Allemanha, que neste ponto nada possue de egual, conta como melhor abraçadeira a da egreja de S. Isabel em Marburgo, terminada em 1283, e tem obras notaveis nas cathedraes de Magdeburgo, Ratisbona e Erfurt.

A arte de forjador, que rapidamente cahiu no seculo 14, no 15.º tornou a florescer, usando de folhas que pareciam plasticas e applicando ao ferro, além do ouro, as formas architectonicas do estylo gothico.

Surgiram, para não falar das abraçadeiras, grades maravilhosas, lustres e lampadas, estantes e castiçaes, cabendo tambem nestas obras á França o primeiro logar. Para a Allemanha veiu a época do maior florescimento no tempo da Renascença e do barocco, com obras estupendas em Ulm, Augsburgo, Nuremberg, etc., sobresahindo o sul da Allemanha, a Austria e a Suissa.

Em mais um apogeu desta arte, na Allemanha, o rococo festejou triumphos, inspirando ao material frio verdadeira vida que ainda hoje prende todas as attenções.

Bastam as duas gravuras de grades que hoje publicamos, para dar idéa do que esta arte produziu no correr dos seculos.

O DIA DA BANDEIRA

Ao alto: o sr. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio, no palacio da Prefeitura, preparado para içar o Pavilhão Nacional no Dia da Bandeira. Ao lado: S. ex. o sr. Getulio Vargas, ao sahir da Prefeitura, cumprimentando o sr. Adolpho Bergamini, prefeito do Districto Federal, e o hasteamento da Bandeira pelo sr. presidente Getulio Vargas. Em baixo: aspecto do pateo interno da Prefeitura durante a ceremonia civica do Dia da Bandeira.

Anonymos piedosos

Todos se rebellam contra os trotes. Eu os defendo. Porque eu gosto de todos os anonymos gentis. Uma cartinha amavel ou um trote espirituoso são sempre bem acolhidos por mim.

A's vezes, triste e desilludida, sommando ou diminuindo quantias fabulosas, o telephone me chama. E, do outro lado, a voz mascula e agradavel que se faz ouvir:

— Chaperon Rouge?

— E'...

— Como vae o meu Chaperon?

— Com muito medo dos tolos... isto é dos lobos que possa encontrar pelos caminhos...

— Estou com saudades de você...

Silencio.

Eu pergunto então:

— Seu Lobo tá hi?

— Tá, sim, Chaperon bonito.

E a palestra continua. Meia hora.

— Adeusinho, *seu* Lobo.

— Já?

* * *

Quando torno a curvar-me sobre a grande secretária, já estou de bom humor. Sorridente. Porque o trote agradavel me convenceu de que alguem se preoccupava commigo. Logo, a minha desillusão, a minha impressão de abandono era mentirosa.

Outras vezes, é uma linha que se cruza ou uma ligação errada.

— E' 3-...?

— Não; aqui é...

— Agradecido, senhorita.

O meu espirito brincalhão não passa sem indagar:

— Senhorita! Tem certeza disso?

— Essa voz mimosa só pode pertencer a uma senhorita...

— Até logo. Trate de não se enganar outra vez.

— Pelo contrario. Tornarei a ligar errado só para ter o prazer de conversar com você...

* * *

De facto, uma vez por semana, esse anonymo se faz ouvir.

— Allô!

— E' você?

— Você, quem?

— Ella!...

Risos.

— Vim lhe dar as bôas tardes...

— Obrigadinha...

E, mais uma vez, eu sorrio na minha desventura porque alguem se recordou de mim.

* * *

Eu gosto de vocês, anonymos gentis. Gosto de vocês porque vêm, espontaneamente, alegrar um coração que soffre, eternamente triste... Um coração ebrio de ineditismo... eternamente revoltado contra a maldade humana... Um coração meigo, ferido de morte por um olhar de homem... Um coração isolado entre todos os outros corações...

Eu quero bem a vocês, anonymos bondosos.

Alguns são gaiatos. Este, por exemplo, que falla commigo todos os sabbados.

— O seu physico?

— Não tenho caracteristicos...

— Não creio... Você deve ser loura, muito loura e branca...

— Uma boneca bretã?

— Uma boneca de carne macia e assetinada...

— Atrevido!

— Deve ser esguia, ondulante...

— Langue como as *habituées* dos sambas loucos?

— Langue como todas as pequenas feitas para o amor...

Silencio.

Elle repete:

— Langue como todas as pequenas feitas para os beijos do amor.

— Fingidos?

— Sinceros.

— *No lo creo, caballero.*

— Quer expe imentar?

— Vejamos.

O estalo de um beijo que o phone transmitte religiosamente.

— Gostou?

— Muito.

— Quer pagal-o?

— Pagal-o não. Retribuil-o.

E, em vez do beijo promettido, eu desligo o apparelho.

* * *

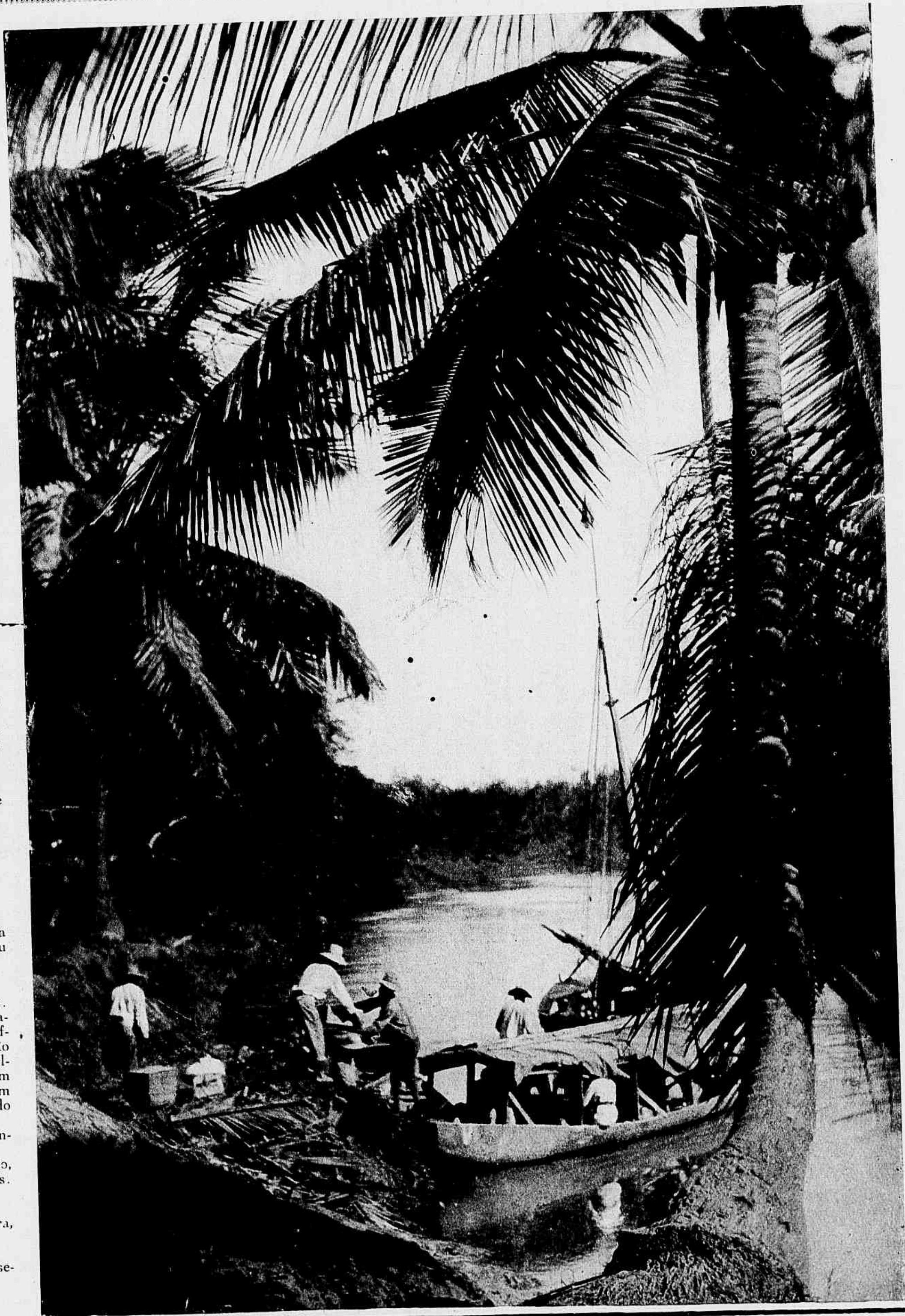
E, durante o dia todo que eu passo burguezmente atarefada no meu escriptorio pacato, escuto o rumor do beijo sincero...

E não formulo typos. Preto? Baixo? Feio? Isso não importa.

E' um anonymo amavel. Que me diverte. Que se recorda da minha pessoinha humilde.

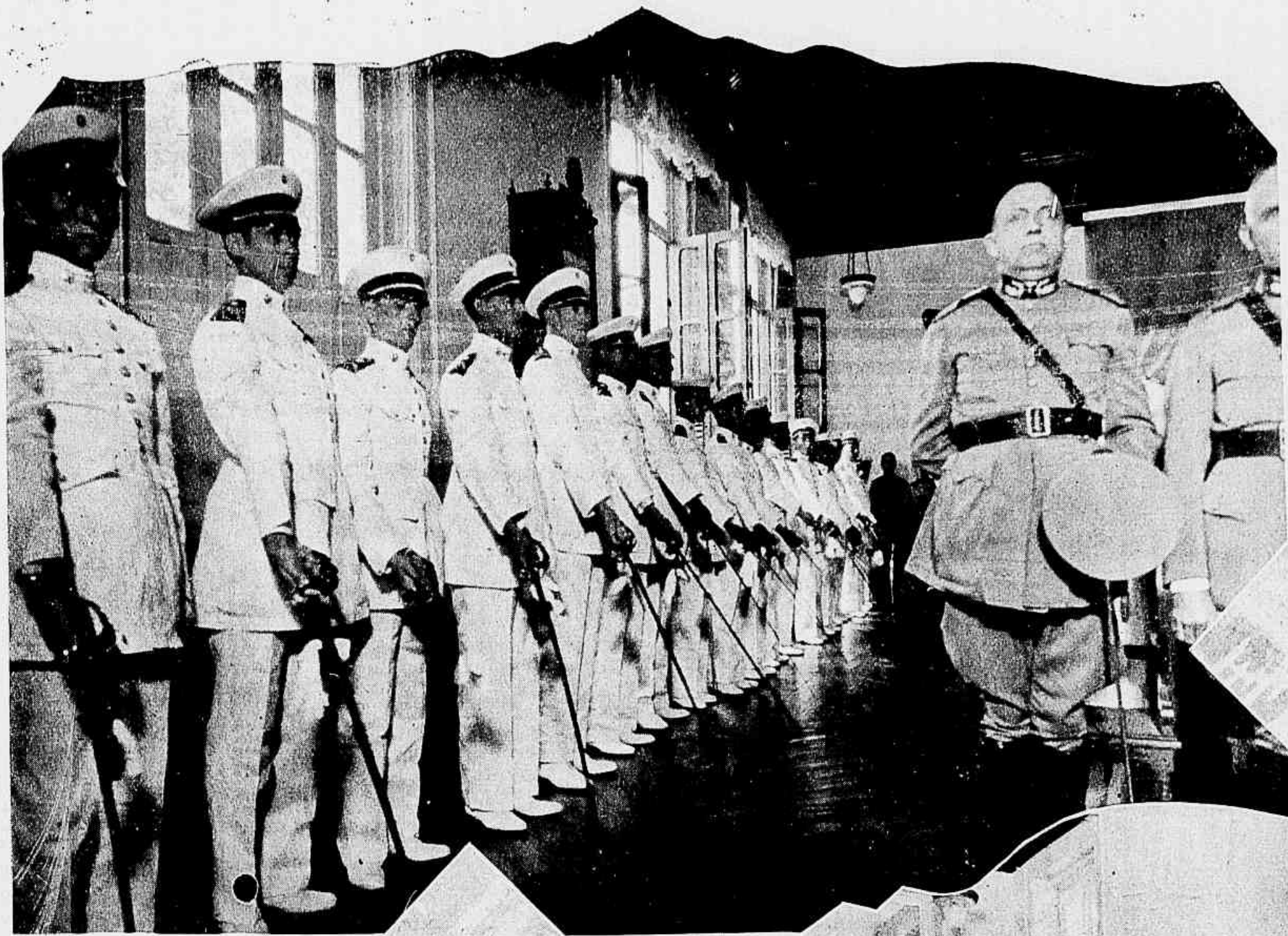
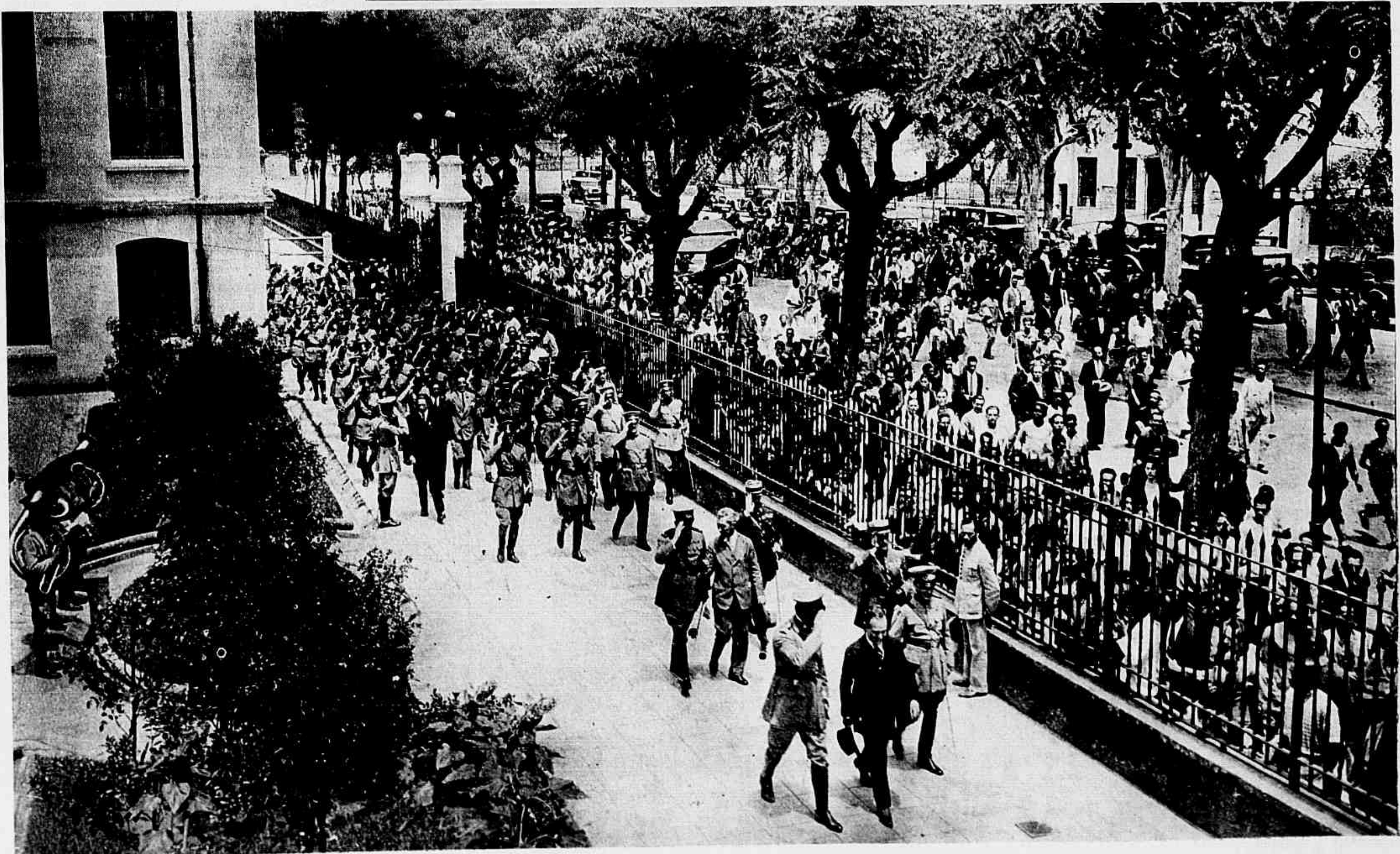
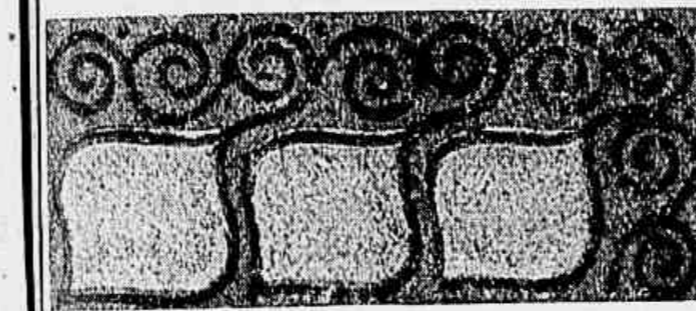
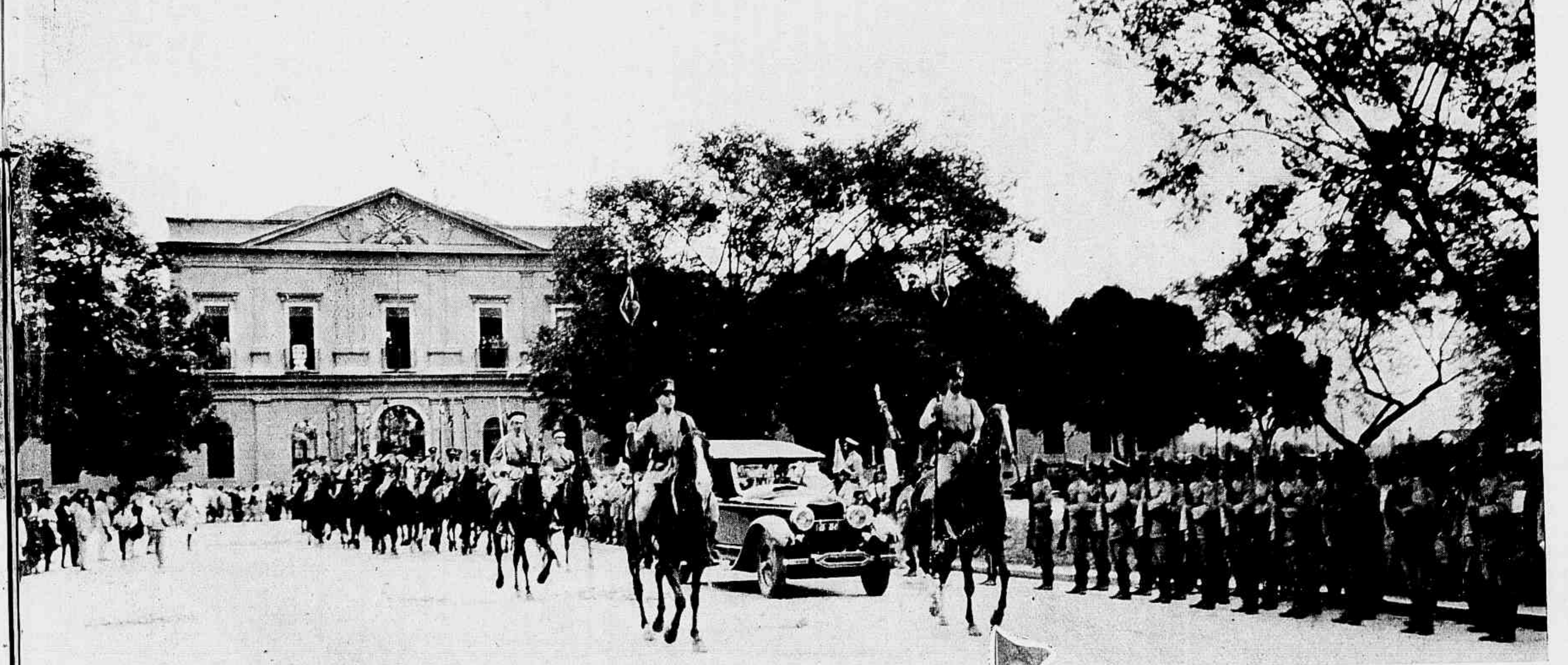
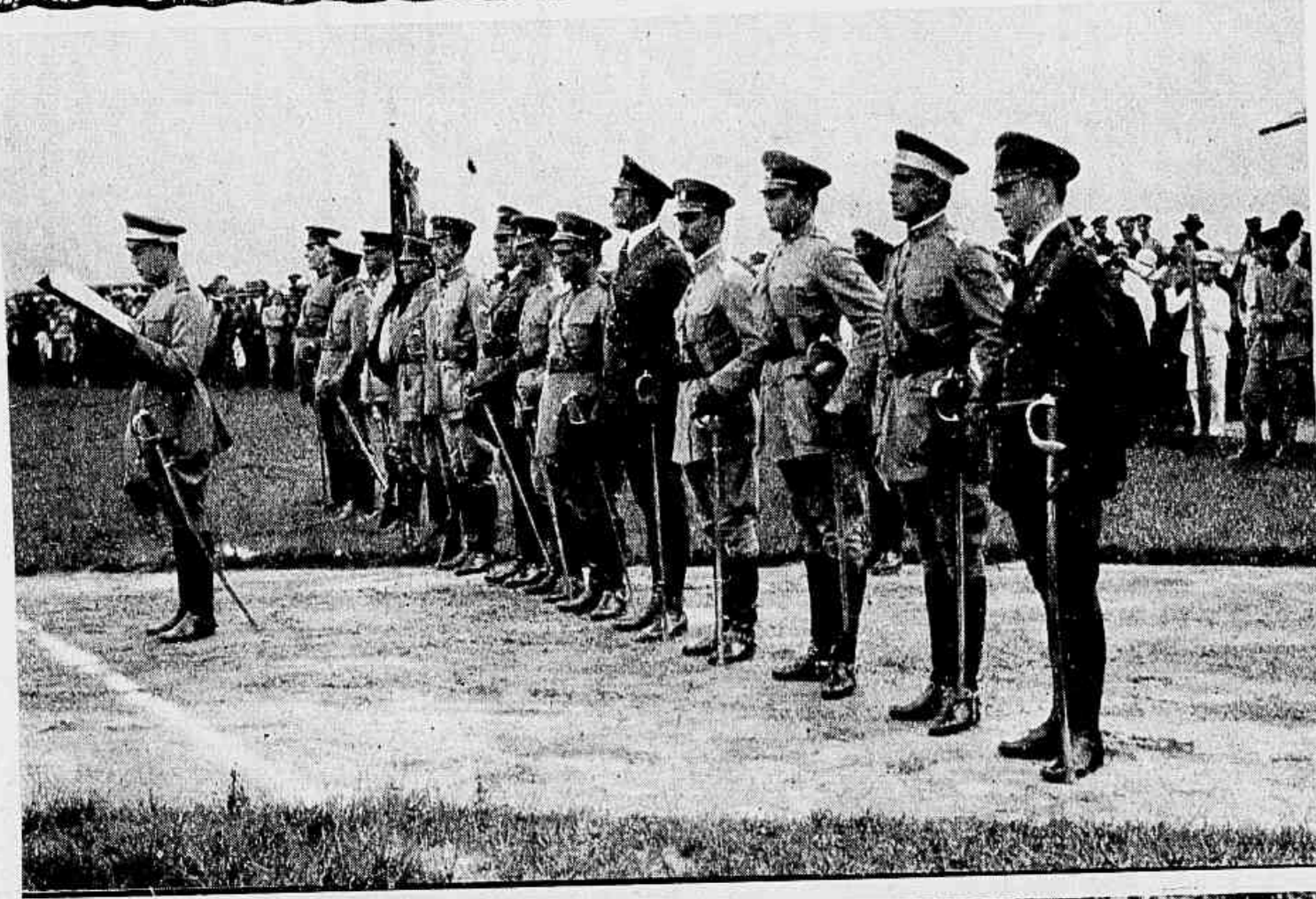
E eu lhe sou grata por isso. E é só.

Eis o motivo por que eu vos quero bem, anonymos gentis.

Conchita Cid

NOSSA TERRA

Goyaz! Um pedaço distante da Nossa Terra, que não deixa de ter muito da belleza que ha em toda parte no Brasil. Ahi, outr'ora, como em quasi todos os trechos das suas margens, antes e mesmo depois da expedição de Francisco Caldeira de Castello Branco, das do governador José d'Almeida Vasconcellos de Sobral e Carvalho e d. João Manoel de Menezes, o Tocantins era povoado de tribus de indios. A sua ferocidade intimidava os extranhos. Os tempos, porém, mudaram. Os indios já não são tão ferozes como eram. Nem tantos... porque a civilização, quando não poude chamal-os ao seio, os exterminou...

O recanto pitoresco do Tocantins, que aqui se vê, representa um momento de trabalho e de calma na vida goyana. Coqueiros de palmas abertas; a matta bordando e recortando o curso das aguas do grande rio, e o labor do homem dando vida á paizagem intensamente primitiva da terra de Anhanguera...

O Chefe da Nação na Escola de Intendencia

O sr. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio, foi á Escola de Intendencia do Exercito conferir os diplomas aos alumnos que terminaram o curso. Ao alto: o juramento pelos novos officiaes intendentes. Ao lado: a entrega de diplomas pelo sr. Getulio Vargas. A' direita do chefe do Estado, os generaes Leite de Castro, ministro da Guerra; Malan d'Angrogne, chefe do Estado-Maior, e Andrade Neves, chefe da Casa Militar, e á esquerda o almirante Isaias de Noronha, ministro da Marinha; general Firmino Borba, commandante da 1.ª Região, e general Mariante. Em baixo: o sr. Getulio Vargas retirando-se da Escola de Intendencia.

Os novos Aspirantes do Exercito

Flagrantes do compromisso e juramento á Bandeira pelos novos aspirantes do Exercito: de infantaria, cavallaria, artilharia, engenharia e aviação. 1 — A leitura da Ordem do Dia. 2 — A turma dos novos aspirantes da arma de aviação. 3 — O sr. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio, sahindo do Realengo, escoltado por lanceiros da Escola Militar. 4 — O sr. Getulio Vargas na Escola Militar. A' direita de s. ex., o general Malan d'Angrogne, chefe do Estado-Maior do Exercito, e á esquerda o general Leite de Castro, ministro da Guerra; o almirante Isaias de Noronha, ministro da Marinha, e os generaes Firmino Borba, commandante da 1.ª Região Militar, e Andrade Neves, chefe da Casa Militar da Presidencia da Republica. 5 — Aspecto do Campo de Marte durante a solemnidade. 6 — O juramento á Bandeira. 7 — A continencia á Bandeira.

ANNIVERSARIOS

No dia 29 — as sras. Celeste de Castro Fonseca e Honorina G. Silveira; as senhorinhas Laura Accacio Leite, Graciema Guimarães Natal, Maria Pia de Souza Ribeiro, Guiomar Izabel Gonçalves, Ruth Lahmeyer, Dulcy Nogueira e Diva Antonio Corrêa; o ex-senador Soares dos Santos; os drs. João Meyer e João Paulo de Mello Barreto; o commendador Pinto Guimarães; o sr. Oscar Guanabarino; o commandante Raul de San-Tiago Dantas.

No dia 30 — as sras. Annita Esther Coutinho, Miguel Camargo, Antonio Jannuzzi e Couto de Oliveira, as senhorinhas Nair de Azevedo Soares, Henriette Le Sueur, Maria Luiza de Oliveira; o dr. Antonio Farani; o general Pereira de Mello; o sr. Francisco Coelho e Mello; o jovem Arnaldo Oldemar Murtinho; o nosso collega de imprensa e juiz dr. Saul de Gusmão; o deputado federal Theodomiro Santiago.

No dia 1 — as sras. Zézé Leone Feliciano, Ferreira Coelho, Stella Guerra Duval e Maria Carolina de Barros Tavares; as senhorinhas Regina Real, Graziella Iracema Samico e Noemia Heloisa de Siqueira; o desembargador Collares Moreira.

No dia 2 — as sras. Guiomar de Niemeyer Silva Lima, Alice Noronha de Carvalho, viuva David Campista; o ex-senador Luiz Adolpho Corrêa da Costa; os drs. Araujo de Castro, Luiz Rodolpho de Miranda, Oscar de Godoy, Ernesto Alves Badgocimo e Vicente Neves Vespucio de Abreu.

No dia 3 — as sras. Alzira Cecilia da Rocha Braga, Léa de Azevedo da Silveira, Belarmina Pinheiro Guimarães, Anna de Souza, Eliza Maria Barreto e Ipanema Moreira; as senhorinhas Jennita Horta Barbosa, Izabel Costa Rego, Dolores Amada de S. Paio; Maria Thereza Machado Portella, Sylvia de Almeida Gama e Izabel Ferreira; os drs. Raul de Brito e Gastão Azambuja.

No dia 4 — as senhorinhas Odette Horta de Araujo, Austria Soares, Heloisa Virgilio Varzea e Maria Christiano Franco; o marechal Siqueira de Menezes; os drs. Erasmo de Macedo e Oswaldo Gomes de Mattos; o festejado pintor patricio Edgar Parreiras; o illustre escriptor academico Felinto de Almeida.

No dia 5 — as sras. Cecilia Martins e Coelho Cintra; as senhorinhas Diva Caldeira e Maria Thereza Moreira Lobo; o dr. José Feliciano da Fonseca; o ex-deputado Raul Sá.

NOIVADOS

— a senhorinha Consuelo Ortiz Gatell e o sr. Innocencio Pederneiras;

— a senhorinha Aracy Gonçalves Mendes e o sr. Mario da Silva Machado;

— a senhorinha Maria de Lourdes Pires de Albuquerque e o dr. Christovão Dias de Avila Pires;

— a senhorinha Jandyra Nunes Martins e o doutorando Iolando da C. Dantas;

— a senhorinha Naruna Corder e o sr. F. N. Nutherland;

— a senhorinha Maria Elisa Joppert e o tenente-aviador da Armada Belisario de Moura.

CASAMENTOS

— a senhorinha Zilda Lowde Azambuja e o dr. Olavo Canavarro Pereira;

— a senhorinha Cora Hellanda e o sr. José Pereira Braga;

— a senhorinha Eleonora Celia Maul e o sr. Lourival Alcoforado;

— a senhorinha Nair Barbosa e o sr. Claudio Martins Barbosa.

Na residencia do dr. Pedro Ernesto, por occasião do jantar intimo offerecido pelo illustre cirurgião patricio aos seus companheiros de ideal revolucionario. Grupo de convidados, entre os quaes os srs. Oswaldo Aranha, ministro da Justiça; Baptista Luzardo, chefe de Policia; Mello Franco, ministro do Exterior; João Neves, Lindolfo Collor, Eduardo Gomes, Serôa da Motta, Carlos Chevalier, Jonas Rocha, Mario Lima, commandante Amaral Peixoto, Hugo Ramos, Braga Mury, Mario Brant, Solon Carneiro da Cunha, Nereu Ramos, Filinto Miller, Cordeiro de Farias, Souza Carvalno, Estillac Leal, Leopoldo Nery, Ary Parreiras, Heitor Pedroso. Na photographia vêem-se tambem o dr. Pedro Ernesto e seus filhos, senhorinha Yolanda, entre os ministros Mello Franco e Lindolfo Collor, e academico Odilon.

DIPLOMATAS

Seguiu para a Hespanha, afim de reassumir o seu posto, o ministro Luiz Guimarães Filho.

❧

Pelo *Western Prince*, seguiu o dr. Mario Porta, que até ha pouco desempenhou as funcções de secretario junto á Embaixada da Italia no Rio de Janeiro, e que o governo de Roma destinou recentemente a Bogotá, na Colombia, na qualidade de Encarregado de Negocios.

OS QUE VIAJAM

Pelo *Almirante Jaceguay*, chegou ao Rio o coronel Juracy Magalhães, commandante das forças revolucionarias da Columna Juarez Tavora.

❧

Acha-se no Rio o jornalista e escriptor Alberto Andrade Queiroz, do *Diario de Noticias*, de Porto Alegre.

MUSICA

Wanda Musso, cantora regional das mais apreciadas e queridas, a quem todo o Rio ouve com indizivel prazer cada vez que se faz annunciar um recital seu, realizou, sabbado ultimo, no João Caetano, uma deliciosa hora de musica regional com a qual colheu os mais enthusiasticos e freneticos applausos.

O recital de Wanda Musso foi em homenagem aos proceres da revolução brasileira.

❧

Com um programma explendido, realizou-se, sabbado á noite, no Theatro Municipal, o grande festival das alumnas da illustre professora Isabel Verney Campello.

O theatro encheu-se do que possuimos de mais elegante, não havendo mesmo logares vagos.

EM BENEFICIO

Para hoje está marcada uma linda vesperal de arte e beneficencia, em pról da creação do Theatro da Creança, que os professores Pierre Michalowsky e Vera Grabinska organizaram com o concurso das suas alumnas.

NOITES-DANSANTES

O Praia Club offerece hoje, nos seus formosos salões, uma *soirée* dansante ás familias dos seus associados, sendo de esperar-se a concorrencia numerosa e brilhante a que nos acostumaram as suas lindas festas.

❧

Em sua elegante séde, o Atlantico Club offereceu, domingo passado, uma encantadora e concorrida *soirée* dansante aos seus distinctos associados.

EXPOSIÇÕES

Com a exposição de trabalhos de Gilberto Trompowsky tem se passado as mais encantadoras tardes no salão do Palace Hotel.

Um mundo de gente fina e elegante reune-se ali ás 5 para vêr os quadros de Gilberto Trompowski e gosar momentos de deliciosa *causerie*.

CARNET

Meu amigo:

Anima-me neste momento a esperança duma realização.

Cantam nos meus ouvidos os clarins alviçareiros da redempção da minha propria vontade.

Esboço, architecto, edifico, resolvo, sonho...

Vou viajar!

Descortinam-se diante da objectiva do meu olhar ansiante as terras que elle já viu e as conjecturas das outras que irá ver.

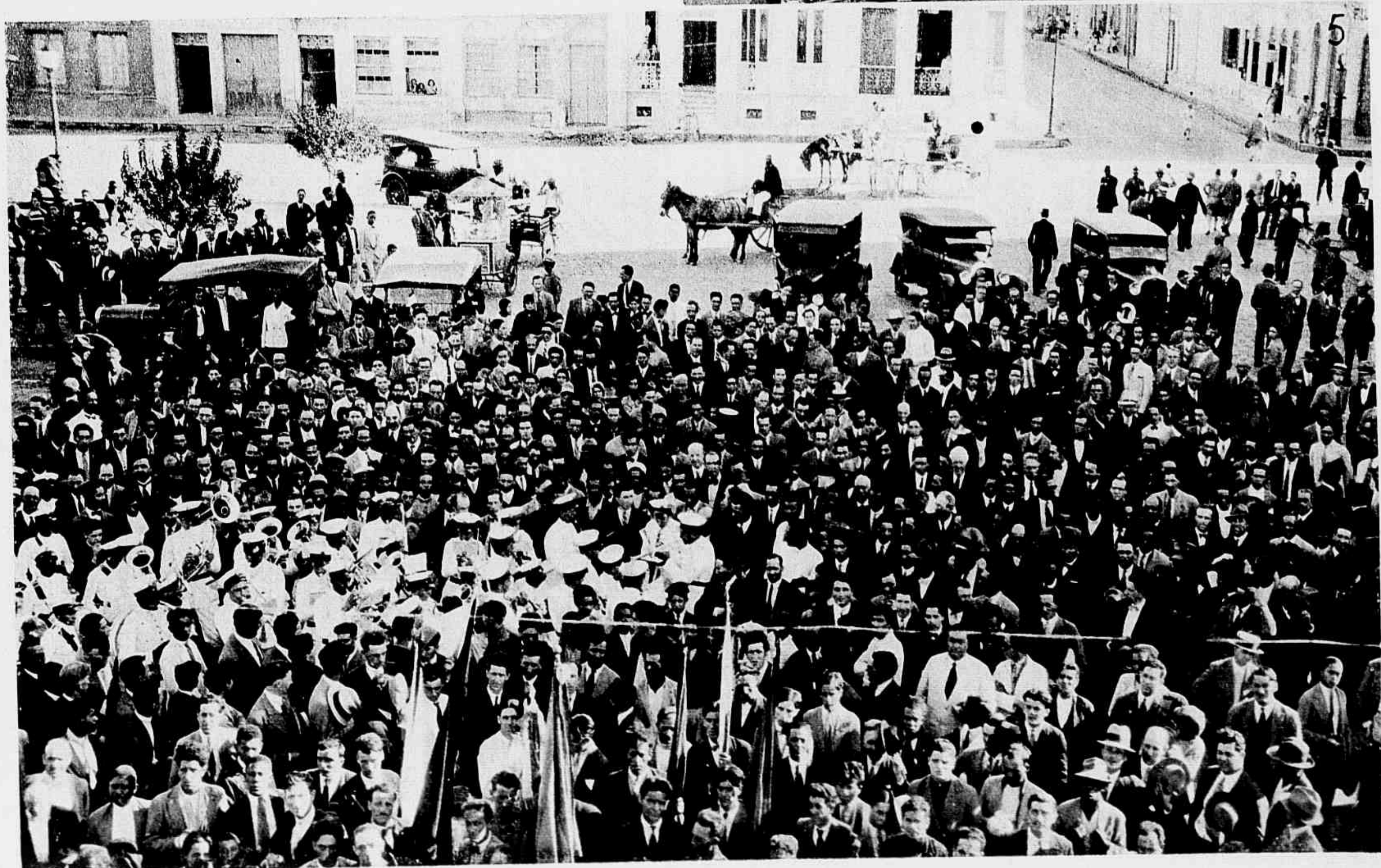
Terras em que tudo se renova na perspectiva de progresso! Revejo a serenidade do navio rasgando o espelho das aguas, as jangadas nordestinas, os arrecifes, as tecedeiras maravilhosas de rendas, outros costumes, outros olores, outros feitios e afinal o estuario majestoso do Amazonas! Outras terras, outras visões, outros pensamentos, o acalento das dores, o repouso do espirito, a curiosidade, a profundeza das observações, um pouco de illustração e mais uma etapa vencida!

Meu bom amigo: sonho, sonho com a cicatrização das minhas máguas, sonho com este sonho inteiro e já sonho até com a certeza das saudades que você vae sentir da

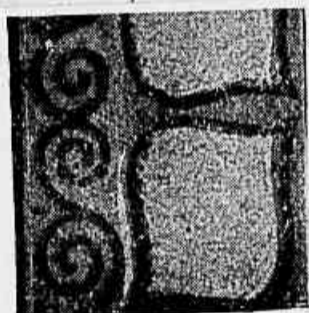
Maria de Lourdes

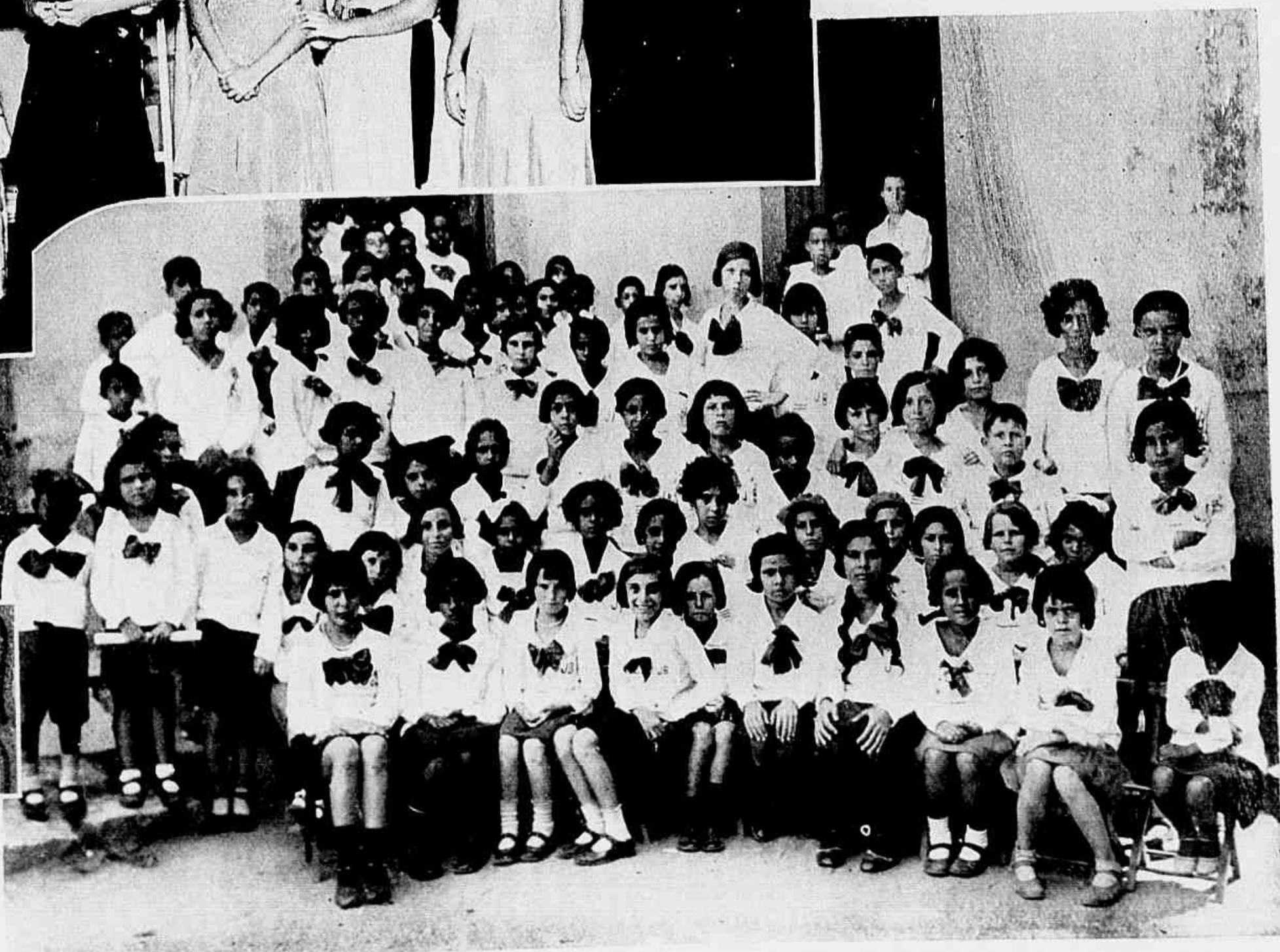
A VISITA DO SR. PRESIDENTE GETULIO VARGAS AO MUSEU NACIONAL

S. Ex. o sr. Getulio Vargas, chefe do Governo Provisorio, visitou inesperadamente na manhã da segunda-feira ultima o Museu Nacional. Da visita do Chefe do Estado colheu a nossa objectiva os dois aspectos que aqui se vêem. A' esquerda, o sr. Getulio Vargas ao lado do prof. Roquette Pinto, director do Museu Nacional, na Sala Lund, de fosseis. A' direita, o sr. Getulio Vargas diante de um dos antiquados carros que se empregavam nas estradas do Brasil. Em companhia de S. Ex. vêem-se o general Leite de Castro e o almirante Isaias de Noronha, ministros da Guerra e da Marinha; general Firmino Borba, commandante da Região, e general Andrade Neves, chefe da Casa Militar.

1 — A manifestação do povo ao commandante militar de Pelotas, capitão Coelho da Costa. 2 — Grupo tirado durante o movimento revolucionario, vendo-se ao centro o coronel Herculano Dutra, chefe das forças civis. 3 — Forças militares e civís em frente do quartel do 9.º Regimento de Infantaria, após a rendição deste. 4 — Manifestação do povo ao Exercito, representado pelo 9.º Regimento de Infantaria. Photo tirada na occasião em que falava ao 9.º Regimento o eminente brasileiro dr. J. F. de Assis Brasil. 5 — Ferroviarios da cidade do Rio Grande que foram a Pelotas no dia de Finados prestar homenagem aos que tombaram na luta pela tomada do quartel do 1.º Batalhão do 9.º Regimento de Infantaria aquartellado no Rio Grande.

Paginas da vida fluminense

Collação de grau dos bachareis de 1930 no Collegio dos Salesianos de Nictheroy. Vêem-se sentados os Exmos. bispos de Campos e de Marianna.

O baile do sabbado ultimo realizado no Club de Regatas Gragoatá, da capital fluminense.

No Club Central de Nictheroy, por occasião do baile do sabbado ultimo.

Grupo feito após a solemnidade de encerramento do anno lectivo na Escola José Bonifacio.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

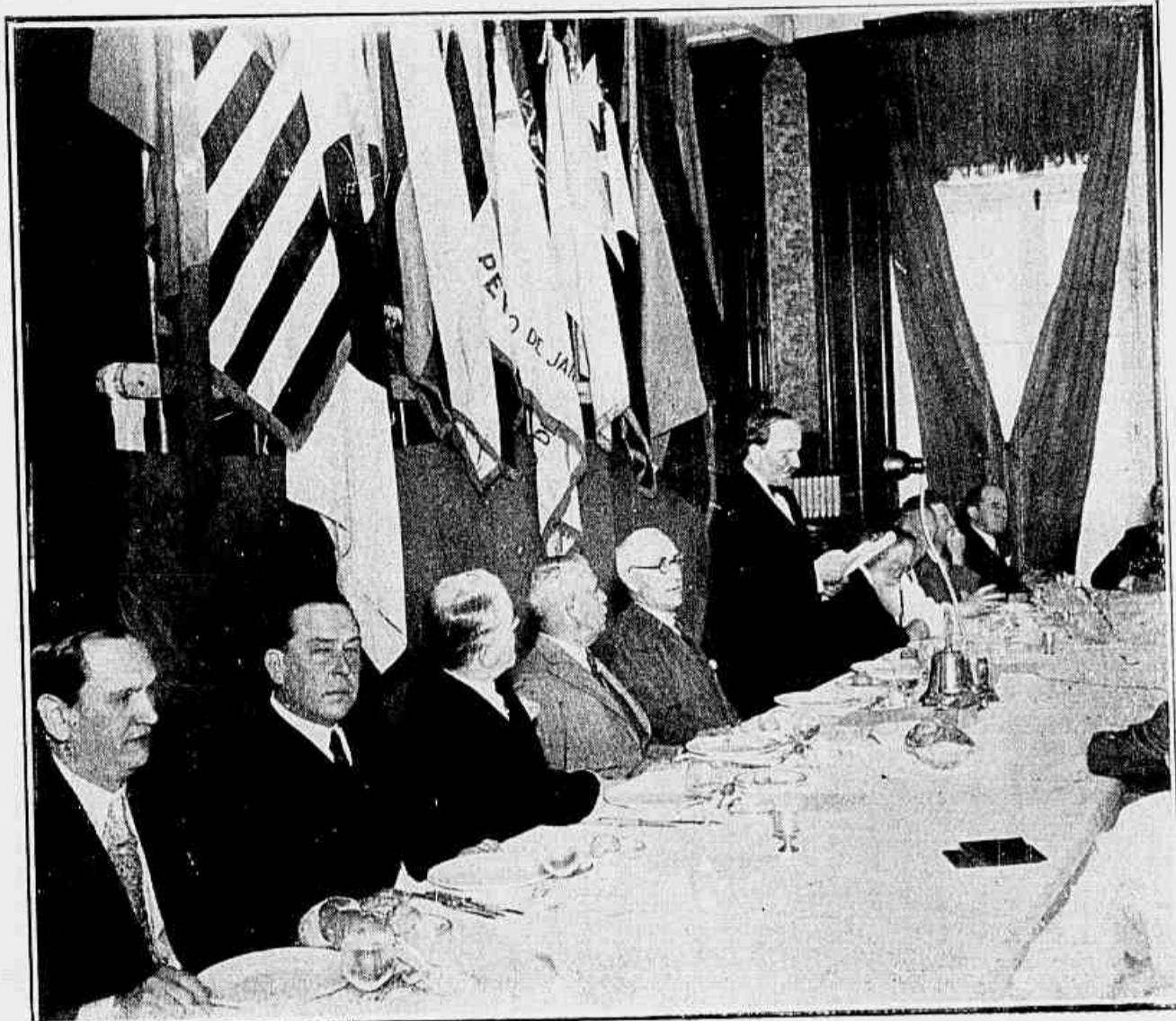
Transformação e expurgo

O edificio do Conselho Municipal foi entregue ao governo da União, para servir de séde do Ministerio da Educação e Saude Publica. E', na sua simplicidade, um grande acontecimento, consequente do movimento revolucionario triumphante.

De "gaiola de ouro", em cujo bojo se abrigava a prole volatil da politicalha carioca, e onde pontificavam os "classicos do cassange", na phrase de um ironista, passa agora a alojar o novo Ministerio dirigido pela pujante mentalidade de Francisco de Campos.

Ha muito que se vinha impondo uma remodelação radical naquelle Congresso de bitola estreita, ninho de parasitas, rebutalho de politiqueiros que, salvo excepções rarissimas, se tornavam o escarneo dos fóros de cultura desta maravilhosa cidade.

A Revolução de Outubro poz abaixo o "mambembe" tornando inutil o palacio da Praça Floriano, com a dissolução do poder legislativo do Districto Federal. Dahi a feliz iniciativa de aproveital-o para um fim de elevado escopo, tal o de homisiar os serviços da pasta recem-creada. E, como o Ministerio superintende os negocios da Saude Publica, a transformação levada a effeito, pelo expurgo nacional da Revolução foi, sob todos os pontos de vista, uma obra de saneamento...

O professor Thiago Wurth no Rotary-Club

A reunião semanal do Rotary-Club. Vê-se de pé, fazendo uma conferencia, o prof. Thiago Wurth, que discorreu sobre a Organisação Social e Assistencia, para a qual pediu a collaboração do Rotary-Club nos planos de assistencia e de previdencia social que estão sendo elaborados na Legião de Outubro, de accordo com o Governo Provisorio.

A ironia carioca

O carioca, povo alegre que se transfigura com o Carnaval, é um impenitente ironista.

A Revolução foi para elle um pretexto formidavel e unico, e as figuras e as cousas do grande movimento nacional foram troçadas com uma *verve* incomparavel e deram logar a uma série infinita de anecdotas e trocadilhos, quasi todos felicissimos.

A ironia não poupou cousa alguma, numa impiedade inacreditavel, arrasando os vultos outr'ora inatacaveis...

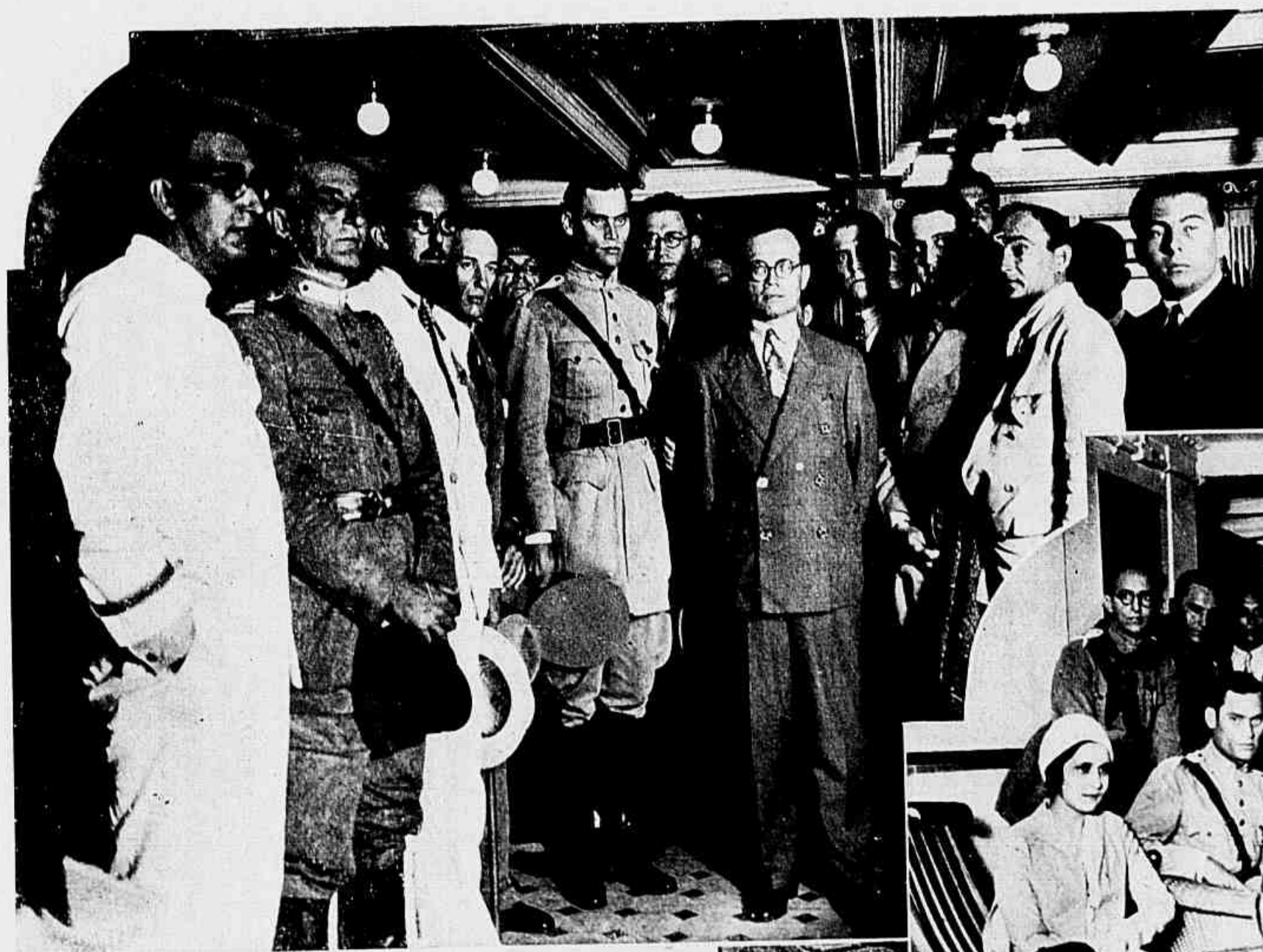
Ainda na terça-feira ultima, quando o sr. Julio Prestes embarcou para a Europa, a *verve* compareceu, indefectivel.

E diziam:

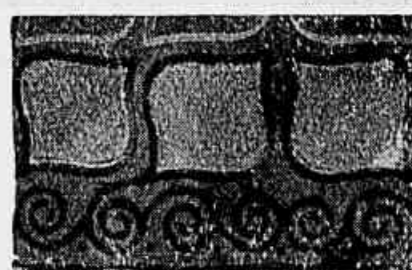
— Agora não é mais *seu* Julinho vem... E' *seu* Julinho vae!...

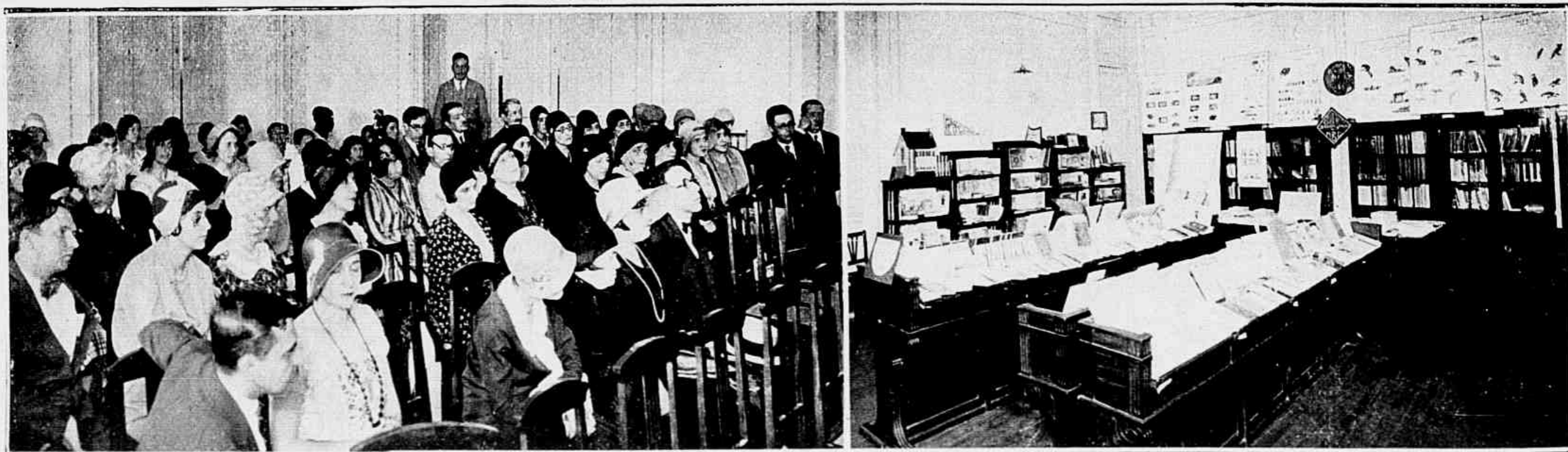
— Vae, sim! Docemente constrangido...

— Da outra vez, quando elle foi visitar o Hoover, o Affonso XIII, o Jorge V, o Doumergue, foi por conta do governo... Agora elle mesmo não sabe por conta de quem vae...

— Quem é que disse que não sabe? Sabe, sim! Elle bem que sabe que vae por conta do Bonifacio...

JUAREZ TAVORA REGRESSA DO NORTE

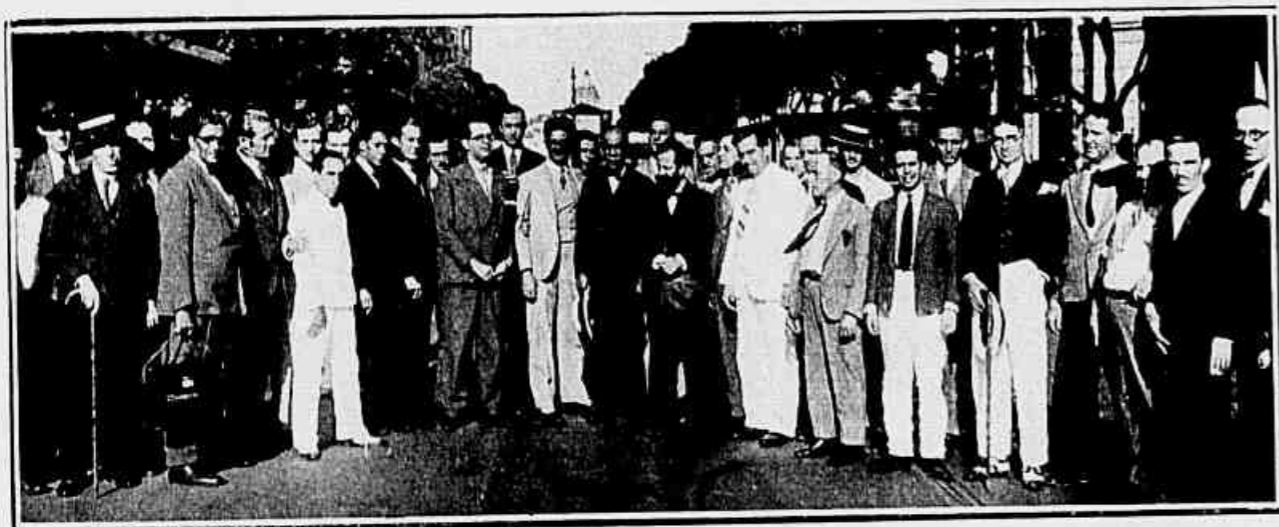
Juarez Tavora, a grande figura da Revolução, o agitador do norte inteiro, que logo que assumiu a pasta da Viação no governo provisorio fôra percorrer todos os Estados septentrionaes do paiz, regressou ao Rio. A cidade exultou com a chegada do grande brasileiro. Ao alto, o general Juarez Tavora a bordo, ao chegar ao porto do Rio de Janeiro. A' sua esquerda, o illustre dr. José Americo de Almeida, que veiu assumir a pasta da Viação. Ao lado, o general Juarez Tavora a bordo. A' sua direita a sua gentil noiva e á esquerda o dr. José Americo de Almeida.

O embarque do Sr. Julio Prestes

O sr. Julio Prestes, ex-futuro Presidente da Republica, quando foi da deposição do sr. Washington Luis, refugiou-se no consulado da Inglaterra em São Paulo. D'ahi veiu ao Rio de Janeiro na noite da segunda-feira ultima, dia 24. Chegado a esta capital na manhã do dia seguinte, foi ainda á Embaixada da Inglaterra, de onde sahiu no mesmo dia para bordo do "Highland Princess", com destino á Europa. Ao alto: o sr. Julio Prestes deixando a Policia Maritima para tomar a lancha "Alfredo Pinto". Ao lado, o ex-futuro Presidente da Republica ao embarcar para a lancha "Alfredo Pinto", que o conduziu para bordo do "Highland Princess".

PELA INSTRUCÇÃO INFANTIL

Dois aspectos tirados na Associação Brasileira de Educação — Departamento do Rio de Janeiro — por occasião de ser inaugurada a exposição de livros infantis.

A Sra. Getulio Vargas ao Corpo Diplomatico

Um lindo aspecto da recepção dada pela senhora Getulio Vargas ao Corpo Diplomatico. A illustre senhora, que tem á esquerda a senhora embaixatriz da Argentina, vê-se rodeada de senhoras dos membros do Corpo Diplomatico acreditado no Brasil e dos senhores embaixadores da Argentina e da França, nuncio apostolico, ministros da Espanha, Uruguay e Polonia, e outros vultos diplomaticos.

A feijoada da Victoria

O Centro de Defesa dos Ideaes Revolucionarios e a ex-direcção do Departamento de Propaganda da Alliança Liberal, em homenagem aos auxiliares da propaganda dos acontecimentos e factos da Revolução, offereceram a todos os photographos dos jornaes e revistas da Capital Federal uma feijoada — chamada da Victoria. A nossa photographia mostra os offertantes num grupo de convidados. Pena foi a hora determinada — a tarde de domingo — que não permittiu o comparecimento que poderia ter essa tão gentil reunião.

A posse do illustre dr. José Americo de Almeida no alto cargo de ministro da Viação. A' esquerda do novo titular, o illustre dr. Moraes e Barros, detentor interino da pasta.

CLUB JUVENTUDE ISRAELITA

Dois aspectos da festa solemne de Confraternização Intellectual Israelita - Brasileira realizada na noite do sabbado ultimo pelo Club Juventude Israelita no salão nobre do Club dos Bandeirantes.

O Campeonato da cidade

No s ultimos encontros do Campeonato da Cidade. Ao alto, dois aspectos do encontro do Fluminense com o Flamengo, que terminou por 2 x 0. Em baixo, dois flagrantes da luta do S. Christovam com o America, epilogada com a victoria do primeiro, por 2 x 0.

Reatadas as relações diplomaticas entre o Perú e o Uruguay, por intervenção da Chancellaria brasileira, foi a grata nova communicada ao sr. presidente Getulio Vargas e essa solemnidade registramol-a aqui com a photographia acima, em que se vê o chefe do Governo Provisorio tendo á esquerda o sr. Ramos Montero, ministro do Uruguay, e á direita os srs. Mello Franco, ministro do Exterior, e Victor Maurtua, ministro do Perú.

O sr. Octavio Mangabeira, ex-ministro do Exterior, sua exma. senhora e filha, rodeados de pessôas que lhes foram levar a bordo do *Conte Verde* as suas despedidas. O ex-titular da pasta do Exterior recebeu passaportes do Governo Provisorio para retirar-se do paiz.

OS ASSIGNANTES DA "REVISTA DA SEMANA" PODEM TORNAR-SE MILLIONARIOS!

São estes os numeros dos dois bilhetes inteiros da grande loteria de Espanha do Natal — a maior loteria do mundo — que adquirimos, á semelhança do que ha longos annos fazemos, para os nossos assignantes. Todos os que assignarem a *Revista da Semana* se associarão naquelles bilhetes, podendo ficar millionarios.

Já démos e brevemente repetiremos as condições — identicas, de resto, ás de sempre — em que serão distribuidos os premios que, por ventura, couberem áquelles bilhetes, que se acham depositados no Banco Hispano-Americano de Madrid.

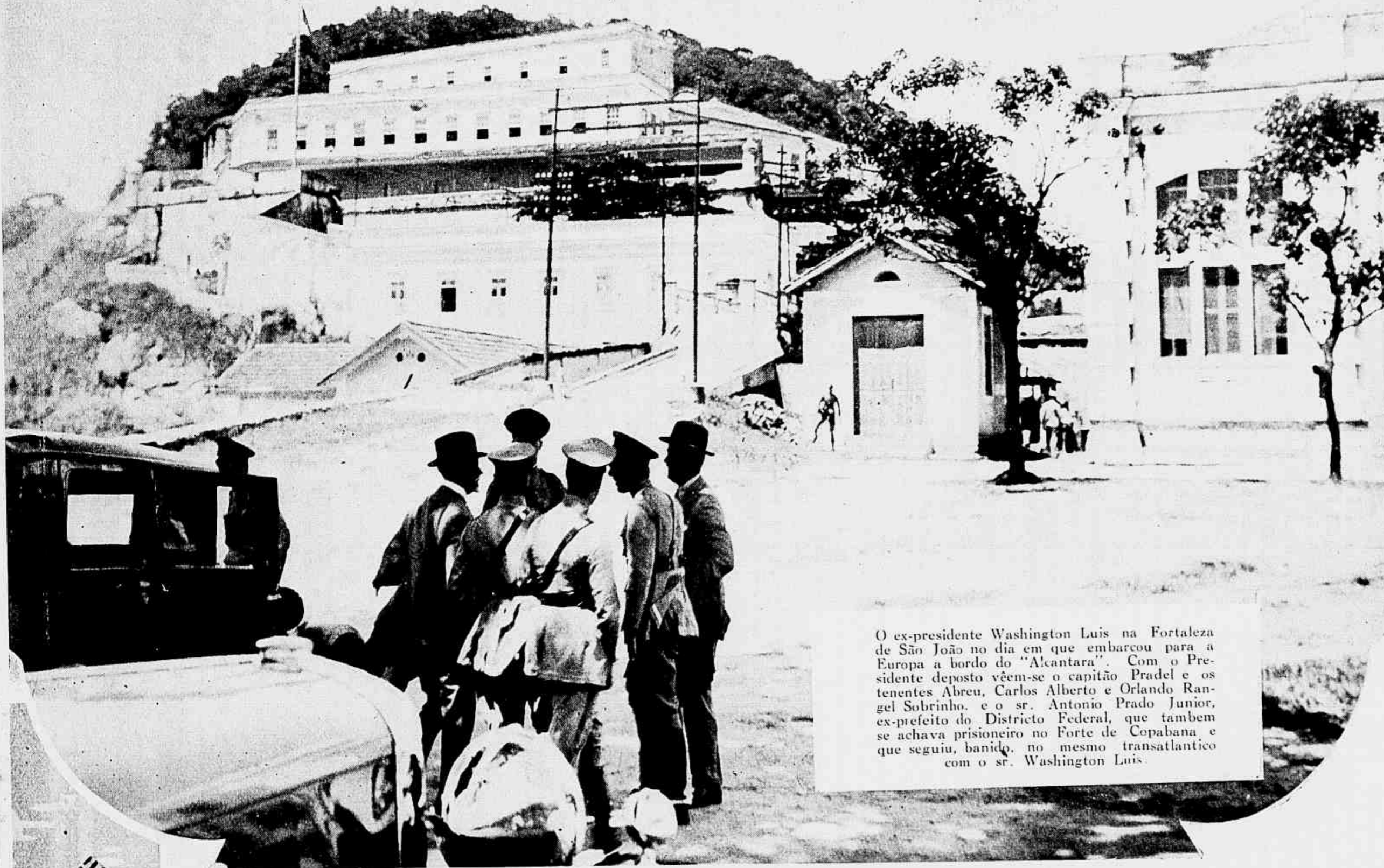
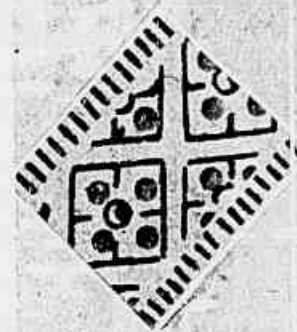
Instituimos duas séries de mil assignaturas, correspondendo um bilhete inteiro a cada uma d'ellas.

O BATALHÃO FEMININO "JOÃO PESSÔA" NO RIO

Ao alto: as jovens do Batalhão Feminino João Pessôa, de Minas Geraes, no palacio da Presidencia, recebidas pela senhora Getulio Vargas. Ao lado da esposa do eminente chefe do governo provisorio, a senhorinha dra. Elvira Komel, commandante do Batalhão. Em baixo: as jovens legionarias mineiras ajoelhadas em torno do tumulo do grande patrono de seu batalhão. Encerrando a pagina: o Batalhão Feminino João Pessôa á porta do cemiterio de S. João Baptista.

A partida do Pre

O sr. Wasnington Luis foi conduzido de automovel do Forte de Copacabana para a Fortaleza de S. João e d'ahi, na lancha "Alfredo Pinto", para bordo do "Alcantara", no qual tambem seguiram para a Europa o ex-ministro da Guerra e o ex-prefeito federal. A gravura mostra o ex-presidente encaminhando-se para a sala de recepção da Fortaleza de S. João acompanhado do capitão Pradel.

O sr. Washington Luis ao chegar á fortaleza de S. João, onde chegou, procedente do Forte de Copacabana, em automovel, no dia 20 de Novembro. A' direita do Presidente deposto e banido, o capitão Pradel, commandante do Forte de Copacabana, e á esquerda os tenentes Rangel Sobrinho, Carlos Alberto e Abreu.

sidente deposto

O ex-presidente Washington Luis na Fortaleza de São João no dia em que embarcou para a Europa a bordo do "Alcantara". Com o Presidente deposto vêem-se o capitão Pradel e os tenentes Abreu, Carlos Alberto e Orlando Rangel Sobrinho, e o sr. Antonio Prado Junior, ex-prefeito do Districto Federal, que tambem se achava prisioneiro no Forte de Copabana e que seguiu, banido, no mesmo transatlantico com o sr. Washington Luis.

Na lancha "Alfredo Pinto", da Policia Maritima, dirigindo-se para bordo do "Alcantara". Vê-se sentado á pôpa o sr. Washington Luis, que tem á esquerda o general Sezefredo dos Passos, ex-ministro da Guerra, e á direita o sr. Antonio Prado Junior, ex-prefeito do Districto Federal.

Academia de letras
AEIOU
BDFGHJ
KLMNPQ
RSTVXYZ
Primeiras letras
Letra de cambio
Onze letras
Letras miudas
"Letras" de capoeira
JOSEE
"Letras" garrafaes...
Letra morta.
Homem de letras.

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

As finas pregas horizontaes e os plissés-soleil são os mais apreciados no reino da costura. Mais um vestido será trabalhado, mais será apreciado.

Torsades e draperies são especialmente reservadas para as bellas toilettes da noite, cujo assymetria, linha alongante, movimentos obliquos, tunicas respeitam sempre o lugar das cadeiras, devendo ahi o tecido ficar sempre ajustado.

Os vestidos da noite, mais que qualquer dos outros, têm tanta guarnição atrás como na frente. Os decotes, os laços, as berthas, as capas-echarpes, os boleros têm um interesse duplicado pelo facto de guarnecerem igualmente as duas faces da toilette.

Para alongar os vestidos da estação passada, accrescenta-se nelles um babado de tulle ou de mousseline. Esse babado deve partir d'um pouco acima dos joelhos: não receiem encurtar o vestido antes de collocar o babado. O babado sendo grande, não dá a impressão de ter sido concertado o vestido.

Como para os vestidos da noite são empregados muitos metros de tecido, devem ser escolhidos os tecidos leves e flexiveis para não engrossarem a silhueta.

A renda, a mousseline, o setim e o velludo mousseline são os mais empregados.

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido de crepe da China cinzento claro, guarnecido com applicações pespontadas, golla e punhos de lingerie. 2 — Toilette de crepe marocain azul marinha, enfeitada com nervures, a saia com babado en-forme atrás e godets na frente. Golla, plastron e punhos de crepe da China rosa claro, guarnecidos com babadinhos tuyautés. 3 — Vestido de crepe da China branco: as nervures que guarnecem a saia terminam-se por pregas. Jabot de crepe georgette. 4 — Ssia de crepe marocain beige com desenhos pretos, a blusa de crepe da China beige, guarnecida com viezes pretos.

Conselhos sociaes

PARA NÃO ENVELHECER

O que é preciso fazer?... E' muito simples. Nenhum tratamento complicado a seguir, nenhum remedio desagradavel ou caro a absorver.

Uma bôa hygiene physica e moral basta, a hygiene sendo a arte de conservar a saude, portanto de não envelhecer.

Isto parece simples. No emtanto, quantas pessôas não seguem as regras de hygiene physica as mais simples! Quanto á hygiene moral, é ella muito menos observada ainda, considerada como inutil, porque perturba os nossos habitos e prazeres. No emtanto é tão necessaria como a primeira.

Na ordem sentimental, ha o que faz envelhecer e o que entretem a mocidade.

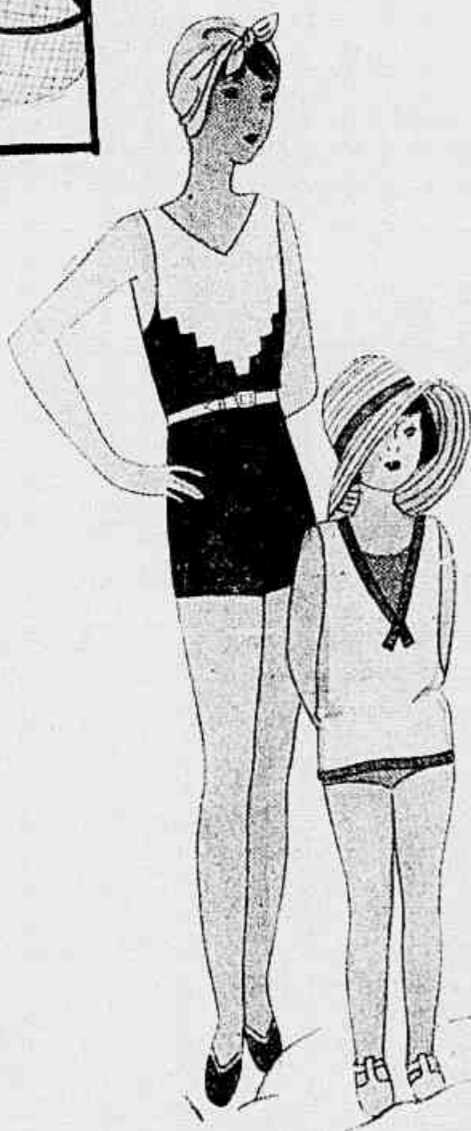
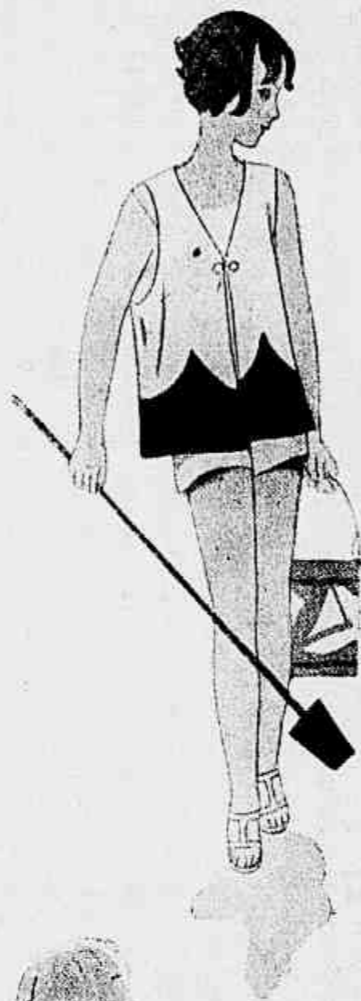
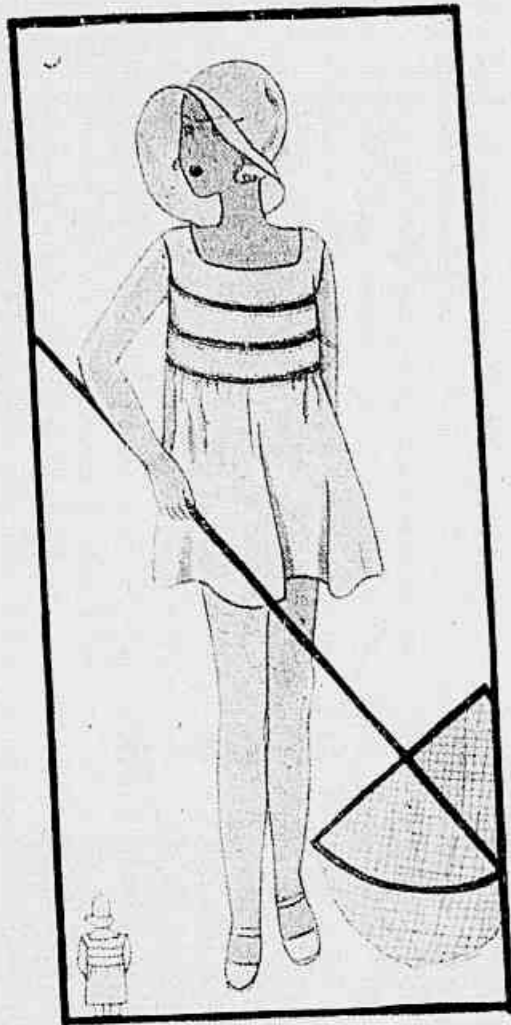
O que faz envelhecer? E' o odio e a sua numerosa familia: ciume, vingança, inveja, rancor etc. etc. Depois o medo e seus derivados: inquietação, arrependimentos, preoccupações etc. Todos esses sentimentos são destruidores cada um da sua maneira, portanto nocivos á saude, uns sendo fonte de excitação perigosa, os outros causando um enfraquecimento em todas as funcções do organismo: uns e outros traduzindo-se nas contracções do rosto.

O que conserva a mocidade? A bondade, a benevolencia, a alegria, o enthusiasmo, o desejo do bem, da verdade, do bello etc... — todos sentimentos geradores de duradoura mocidade. "Não gastam, não deprimem, não intoxicam" dizem delles com razão, porque facilitam o bom funccionamento dos orgãos, conservam as forças e permittem attingir uma idade avançada.

Uma prova disso podem ter todos aquelles que quizerem observar em volta delles. Com raras excepções, as pessôas que chegam a uma idade avançada têm bom genio, são resignadas, optimistas e indulgentes.

Mas quantas vezes já ouvimos de todos esta phrase: "E' meu genio, o que o berço dá só o tumulo tira". Pois no emtanto todos podem modificar-se para melhor: é apenas uma questão de força de vontade, de perseverança.

Por exemplo, aquelle que é violento se fizer um esforço e repetir de vez em quando — "quero ficar calmo" — melhorará de genio mesmo que não tenha a

-:- -:- Moda infantil -:- -:-

1 — Vestidinho de linho amarello claro, guarnecido com tiras pespontadas de linho amarello. Chapéu de linho amarello claro. 2 — Maillot de banho de jersey vermelho com a palla do mesmo tecido branco. 3 — Sweater de jersey branco com viez azul vivo, cobrindo um maillot de jersey azul vivo. 4 — Vestido para praia de jersey listado branco e verde; a saia de jersey verde. 5 — Casaco sem mangas de linho rosa claro com corpinho de linho azul.

principio uma grande confiança nesse meio, mas que tenha toda a bôa vontade.

A paciencia adquirida, pelo menos relativamente, passem para uma outra qualidade que lhes falte. No fim d'algum tempo ficarão surprezos da transformação do seu estado moral e, por conseguinte, do seu estado physico.

Para não envelhecer é preciso cuidar physica e moralmente da sua pessôa. Para conseguir o melhor meio é procurar ser indulgente para com as faltas do proximo e ser alegre. Na alegria está a fonte da juventude.

Nossa alimentação

O EMMAGRECIMENTO

O regimem a dar em casos de emmagrecimento não póde constituir uma super-alimentação senão quando se trata de casos de emmagrecimento devido a privações excessivas, convalescença d'uma doença aguda que provocou uma grande perda de peso; mas é necessario em taes casos usar sómente alimentos pouco toxicos (nada de carnes crúas nem de excesso de carne) e menus bem syntheticos.

Os outros motivos de emmagrecimento são tão numerosos (*surménage* physico, causas moraes, insufficiencias organicas, doenças infecciosas) que não poderia ser indicada uma dieta unica para remediar causas tão variadas e tão differentes. Só o medico deve indical-o, segundo as circunstancias, o temperamento, as doenças.

No que diz respeito ao emmagrecimento nas pessôas nervosas ou lymphaticas, que continuaria de maneira accentuada e intensa, na occasião d'uma reforma do regimem alimentar é indicado reduzir ou supprimir passageiramente as dóses de legumes verdes cozidos e augmentar as quantidades de alimentos engordantes (feculas, cereaes, doces); fazer com que a ração azotada seja mais accentuada e sobretudo variar o mais possivel os *menus*, para abrir o appetite.

MENU DE ALMOÇO

SALADA DE CAMARÕES

BORRACHOS Á MADRILENA

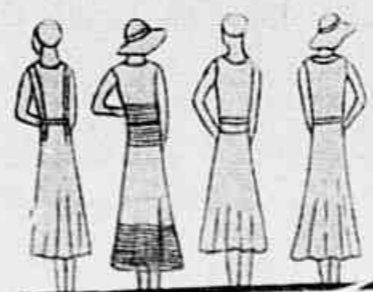
ARROZ A' VALENCIANA

BIFES DE PANELLA

PUDIM DE PÃO COM MAÇÃS E PASSAS

SALADA DE CAMARÕES

Descascam-se os camarões depois de cozidos e temperam-se com sal, pimenta, rodellas de cebola e tomates grandes cortados em fatias, azeite e vinagre, juntando-se depois de tudo bem mexido folhas de alface bem lavadas e picadas, mexendo-se novamente. Em seguida enfeita-se por cima com fatias de ovos cozidos.

Os vestidos de organdi

1 e 2 — Vestido de crepe da China azul muito claro; dá roda ao vestido um grupo de pregas na frente. Botões de crystal azul. O vestido que o cobre é de organdi branco, guarnecido com grupos de nervures pespontadas. 3 e 4 — O vestido-forro é de crepe marocain branco e o outro de organdi branco, bordado com bolas vermelhas, cinto e a golla-echarpe de crepe vermelho.

VESTIDOS DE FUSTÃO

BORRACHOS A' MADRILENA

Os borrachos depois de limpos são recheiados com a seguinte mistura: azeitonas, ovos cozidos, amendoas e passas, tudo isso picado e temperado com sal e uma pitada de pimenta. Em seguida são fritos na manteiga. Depois deixa-se esfriar, envolvem-se em massa folhada e vão a assar no forno até a massa ficar dourada.

São servidos quentes ou frios, sendo mais gostosos quentes.

ARROZ A' VALENCIANA

Põe-se n'uma panella um pouco de azeite, pimentões verdes (doces) e tomates partidos, dos quaes se tirou as sementes, uma ou duas cebolas picadas e sal. Quando a cebola começar a alourar, junta-se-lhe o arroz, e conserva-se no fogo forte até que o arroz principie a torrar; junta-se-lhe então agua a ferver, a necessaria para cozinhar o arroz. Quando se arrumar o arroz no prato dá-se-lhe o formato d'um pudim.

BIFES DE PANELLA

Os bifes são cortados em pedaços regulares, juntando um pedaço de presunto cortado em fatias pequenas, cenouras cortadas em fatias, batatas e cebolas cortadas em rodellas; tempera-se com um pouco de manteiga, de banha e de azeite (partes eguaes), pimenta e cheiros. Cobre-se bem a panella e deixa-se sobre o fogo até que fique tudo bem cozido.

PUDIM DE PÃO COM MAÇÃS E PASSAS

Cortar em fatias 300 grs. de pão da vespera. Fritar na manteiga, depois pôr de molho em meio litro de leite fervendo com 60 grs. de assucar. Quando o pão estiver bem molle, passar por uma peneira e juntar dois ovos batidos a essa massa.

Cortar em pedaços tres maçãs, descascadas e sem a parte dura, e pôr dentro d'uma frigideira com um pouco de manteiga e de assucar uns dez minutos. Em seguida misturar as maçãs e um punhado de passas sem as sementes á massa do pudim. Unta-se uma fôrma com manteiga, despeja-se dentro a massa e vae a assar no forno.

1 — Vestido de fustão côr de rosa, guarnecido com applicações pespontadas; golla de fustão branco com barra côr de rosa; as bolinhas são bordadas com linha côr de rosa. 2 — Vestido de fustão branco, enfeitado com viezes do mesmo tecido verde claro; cinto de pelica verde. 3 — Vestido de fustão branco: a saia com pregas duplas, cinto de pelica vermelha.

Toilette de crepe-setim preto guarnecida com nervures e babados en-forme pregados enviezados.

Preceitos de hygiene

PARA OS QUE SOFFREM DO ESTOMAGO

O erro de quasi todos os dyspepticos é tomar todos os remedios que lhes indicam, a torto e a direito. Para os estomagos doentes ha toda uma escala de medicamentos que não se deve tomar ao acaso. Tal alcalino, por exemplo, tomado mal a proposito, augmenta o mal: é com muita razão que se diz que o bicarbonato de soda tem feito muito mais doenças do estomago do que tem curado. Porque este excellente remedio convem a certos casos e não convem a outros.

D'ahi a importancia de um diagnostico. Mas ha um que podemos fazer nós mesmos. E' o do phenomeno dôr, do qual se póde tirar algumas conclusões quasi certas.

A dôr de estomago tem caracteristicas de intensidade e de periodicidade. Daremos aqui algumas regras geraes que podem guiar aquelles que são dyspepticos.

Se o estomago acorda duas ou tres horas depois da refeição, é porque as suas glandulas gastricas segregam muito acido, a pessôa sendo então hyperchlorhydrica. E' porque a secreção estomacal continua a produzir-se quando o estomago está quasi vazio; então o acido chlorhydrico do succo gastrico irrita a mucosa e provoca uma dôr que é uma verdadeira queimadura. Para calmal-a é necessario neutralizar esse acido, e d'ahi a utilidade de tomar alcalinos.

Se, pelo contrario, a dôr apparece immediatamente depois da refeição, geralmente sob a forma d'um peso, d'um mal-estar, é que em vez de fabricar muito acido o estomago não produz o sufficiente para tornar assimilavel o bolo alimentar, a pessôa sendo então hypochlorhydrica. Dever-se-ia antes dizer hypostenica, quer dizer que o estomago, musculos e glandulas funccionam muito de vagar. E' necessario então excital-os. Para isso emprega-se os amargos tomados antes da refeição, e as infusões quentes depois.

As duas especies de dôr não têm sempre esses caracteristicos nitidos no seu apparecimento mas, observando-se bem, consegue-se no emtanto collocar a dôr no seu quadro pathologico. E é uma coisa muito importante. Porque se tomam amargos sendo hyper, augmentam a excitação estomacal e soffrem ainda mais.

Ha numerosas outras dôres nos dyspepticos que podem incommoda-los a toda hora do dia e da noite, mas não citamos senão as duas principaes, as mais facilmente reveladoras: as dôres que apparecem muito afastadas das refeições e as que vêm logo em seguida.

No emtanto, uma causa de engano intervem muitas vezes. E' a areophagia, mal frequente nos nervosos sobretudo. Tratase d'um habito, d'uma mania de engulir ar. Provoca dôres em qualquer hora, com o estomago cheio ou com a digestão já terminada. Quantas pessôas se julgam hyperchlorhydricas e no emtanto são simplesmente aerophagas! Neste caso, medicamentos e regimens são completamente inuteis. O que é necessario é uma grande força de vontade para corrigir-se de engulir ar.

Toilette de crepe setim preto: o bolero termina-se por uma tira que vae segurar os franzidos do drapé da saia en-forme.

Variedades

A ORIGEM DAS BLUSAS

Quem diria que as blusas, vestuario essencialmente feminino, são de origem masculina? O seu uso data da Idade-Media, do tempo em que os cavalleiros se vestiam com armaduras brilhantes e muito pesadas.

Para preservar o metal das manchas de ferrugem feitas pela chuva sobre a armadura, enfiavam por cima uma especie de vestuario protector, a maior parte das vezes de seda.

Puzeram a esse vestuario o nome de blusa. Os homens abandonaram-a ao mesmo tempo que as armaduras. Foi então a vez de as mulheres, seduzidas pelos seus attractivos, as usarem, mas naturalmente adaptadas ao seu gosto.

MADAME DE SÉVIGNÉ

Não era só nas suas cartas que Mme. de Sévigné tinha espirito. Um dia, apresentaram-lhe um velho fidalgo que solicitava a sua protecção para ver se obtinha a ordem do Espirito Santo.

A marqueza perguntou-lhe onde estivera elle durante as ultimas guerras, do tempo de Luiz XIII e de Luiz XIV.

— Estava no meu castello, respondeu ingenuamente o pedinte.

— Deve para lá voltar, respondeu-lhe a marqueza. Então não serviu nem o pae nem o filho, e quer agora servir o Espirito Santo...

Havia na côrte um cavalleiro de Malta, que passava com razão por ser o homem mais maledicente da epoca. Mme. de Sévigné, a primeira, tinha sido victima das maledicencias desse cortezão malvado.

Este, uma vez, procurou justificar-se diante da marqueza, sua victima.

— Não sou nem melhor nem peior que os outros, desculpou-se elle, mas juro-lhe, marqueza, que fiz apenas uma maldade na minha vida.

— Talvez, respondeu a marqueza, mas está durando ainda...

CAVALLOS SELVAGENS

Não é sómente na America que existem rebanhos de cavallos selvagens. Conhece-se pelo menos um, na Europa. Esse rebanho encontra-se na Allemanha, na região florestal da Westphalia.

Alli os cavallos selvagens vivem completamente livres o anno inteiro: é no meio do matto que as eguas têm seus filhos, seguindo logo nos primeiros dias da sua existencia o rebanho sob a vigilancia cuidadosa da sua mãe.

Fazem remontar a origem desse rebanho a muitos annos passados; era com o laço que eram apanhados os paes daquelles que vivem hoje. Dizem existirem actualmente apenas cento e vinte animaes. Nunca esses fortes cavallinhos, que vivem, verão como inverno, nos campos e bosques, tiveram um tecto sobre suas cabeças.

Todos os annos, no mez de Maio, uma verdadeira festa preside á apanha de alguns garanhões, que são vendidos em leilão.

Um cerco cada vez mais apertado rodeia o rebanho, que sob o commando do seu chefe, tenta em vão fugir dos perseguidores. Mas o pequira é apanhado; debate-se com toda a energia, escouceia o mais que póde, mas tudo em vão; terá de ser domado, amansado, terá que puxar carros, terá que dizer adeus á vida livre e selvagem.

O BUDDHISMO

O ultimo recenseamento religioso no Japão accusa um sensivel progresso do buddhismo, segundo o jornal dos bonzos; registra elle tambem a entrada para essa religião de cincoenta noviços para o templo Hangwanji, em Kioto, e chama a attenção para o facto de estar entre elles, um professor da Faculdade de Medicina de Keio e seu assistente.

Esse professor, tendo perdido simultaneamente seu pae e sua esposa, attribuiu suas desgraças ao peccado que tinha commettido matando animaes para servir ás suas experiencias. Foi assim que o medico japonez explicou sua vocação.

CORAÇÃO FIEL

No anno de 1885, com a idade de trinta e cinco annos, um rico negociante de Londres, Mr. Handley, que não havia tido até então outras paixões que seu trabalho e o foot-ball, apaixonou-se por uma bella artista sua patricia, que acceitou tornar-se sua esposa.

Fez immediatamente construir nas proximidades da capital uma magnifica villa que mobilou com todo luxo e encheu de objectos de arte. Fez vir de França um jardineiro, que encarregou de encher das flôres mais raras e bellas os seus canteiros.

Mas, tres dias antes da data fixada para o casamento, a artista mandou dizer ao sr. Handley que não o amava bastante para sacrificar a sua liberdade.

Desde então, a villa não teve moradores, mas é conservada como estava. Todos os mezes, o sr. Handley vae fazer uma visita a esse sanctuario e todos os annos, na data do dia cruel, elle manda á indifferente todas as flores do jardim, assim como uma carta na qual se declara sempre apaixonado e fiel.

Mas este anno as flôres da villa irão guarnecer um tumulo, porque a sua destinataria acaba de fallecer.

Ha quarenta e cinco annos que começou este romance: o seu heroe tem hoje oitenta annos.

UM NOVO MONTE-CHRISTO

Depois de ter procurado sem descanso durante oito annos um bando de nove homens que tinham assaltado a sua casa de campo em 1922 e o tinham torturado até que perdera os sentidos, o sr. Cutten, que é um dos mais importantes negociantes de farinha de trigo de Chicago, e muitas vezes millionario, entregou o ultimo bandido á Justiça.

Este homem chama-se Casper Rosemberg. Até agora, elle tinha escapado aos agentes de Cutten emquanto que os outros oito já tinham sido apanhados ha muito tempo. Rosemberg entregou-se elle mesmo á Justiça declarando que preferia aguentar o castigo a continuar a viver sempre com o pavor dos agentes de Cutten.

Rosemberg compareceu diante do Tribunal; o ar. Cutten olhou para aquelle homem que durante tanto tempo tinha escapado e, em vez de pedir o seu castigo, commoveu-se.

O millionario declarou que, segundo o que tinha verificado, Rosemberg havia mudado de vida. Tinha vivido seis annos n'uma pequena cidade onde conseguira um bom emprego e era bom marido e pae.

O Tribunal cedeu ao pedido do sr. Cutten e deu liberdade ao antigo bandido.

O sr. Cutten, devido á perseguição obstinada que fez aos bandidos, ficou conhecido pelo nome de "novo Monte-Christo". O assalto á sua villa tinha feito sensação. Os bandidos tinham-se apoderado de joias e de mais d'um milhão em titulos, e tinham prendido o millionario dentro da adega.

O millionario jurou então dedicar toda a sua fortuna como todos os seus esforços para vingar-se.

O nono! exclamou elle no dia em que soube que o bandido se tinha entregado. Que allivio não ter mais que pensar nesse caso!

Roupas para o banho de mar

1 — Blusa de jersey de fantasia amarello e branco com pintas amarellas; calção de jersey preto. 2 — Calção de jersey azul marinha e a blusa de jersey listado azul marinha e branco. 3 — Calção de lã azul muito escuro e a blusa de jersey azul claro com guarnição azul vivo. 4 — Maillot de jersey de fantasia branco e côr de laranja; o calção de jersey côr de laranja.

TOILETTES PARA A NOITE

1 — Vestido de setim verde claro, guarnecido com nervures enviezadas terminando por um coquillé. Flôr de gaze do mesmo tom e broche de esmeraldas na cintura. 2 — Toilette de renda preta e tulle do mesmo tom... A camiseta de mousseline côr de carne. Os botões de strass. 3 — Toilette de mousseline de seda de fantasia, saia cortada en-forme e guarnecida com um babado en-forme não unindo na frente.

A porcelana

Um serviço de chá de Langentjal.

Um prato no torno.

Classifica-se geralmente as louças em quatro grupos principaes: as louças communs de massa de côr e porosa, cozidas a temperaturas de 900 gráus pouco mais ou menos; as louças finas de massa branca e porosas (1000 a 1100 gráus); os grés (louça de pó de pedra) de massa colorida e impermeavel, quer dizer em parte vitrificadas (1300 gráus): a porcelana de massa branca, translucidas com uma espessura pelo menos de tres millimetros, impermeaveis (1430 gráus).

Ha evidentemente productos menos caracteristicos, por exemplo as louças finas inglezas que fazem a transição entre a louça e a porcelana. Em geral a resistencia ao choque, ao ataque dos acidos etc. está nas louças em relação directa com as temperaturas do cozimento. A louça commum que, outr'ora tinha um papel tão importante na nossa vida domestica, vê-se desthronada de mais a mais pela porcelana. Os objectos de grés têm ainda muitos apreciadores; na Allemanha, por exemplo, ainda têm um papel muito importante. Mas a porcelana, graças ás suas incontestaveis vantagens, é empregada para tudo. Faz-se com ella os serviços de jantar, isoladores etc.

A confecção dos modelos (Langenthal).

A porcelana é o producto que se obtem quando se coze uma mistura de kaolim, ou terra de porcelana, de quartzo e de feldspatho, a uma temperatura de 1430 gráus.

Esse producto é em parte vitrificado, impermeavel aos gazes e aos liquidos, translucido em espessuras de menos de tres millimetros. Constitue além disso um isolante electrico de primeira ordem. A frio, resiste ao ataque de todos os acidos salvo um: o acido fluorhydrico. O esmalte com que se reveste a porcelana não junta nada a essas propriedades, mas dá o brilho e facilita a limpeza.

Os chinezes conheciam a porcelana antes da nossa éra. Faziam utensilios, objectos e mesmo pagodes. Foi sómente no fim da Idade-média que appareceu na Europa. No emtanto não sabiam com que era feita. Simultaneamente em Veneza, na Allemanha, na França começaram a procurar o segredo. Emquanto que os Venezianos procuravam no vidro, dois alchimistas saxões, a serviço do Eleitor, faziam suas experiencias com a argila. Eram elles que estavam com a razão. Tschirnhaus morreu e Bottger foi sequestrado para que não divulgasse o segredo da sua descoberta. No captiveiro, continuou com seus estudos sobre a porcelana fundando a manufactura de Meissen que existe ainda. Não se sabe bem se os segredos da fabricação foram divulgados ou se os outros descobriram sózinhos: o que é certo é que as fabricas de por-

Antes do segundo cozimento: a louça é collocada dentro de fôrmas de barro refractario, depois mettidas dentro do forno.

Despejando a massa liquida dentro das fôrmas.

O pintor suisso Baldo Caruzo trabalhando na decoração d'um prato.

Com uma massa de porcelana, fixam nas chicaras as suas azas antes de ir para o forno.

A esmaltagem

celana multiplicaram-se na Europa. Os productos no emtanto continuaram a ser considerados como objectos de luxo, assim como as tapeçarias, crystaes etc., Nessa occasião fundaram-se na Suissa duas fabricas de porcelanas: uma em Schoren, no cantão de Zurich; a outra em Nyon, no cantão de Vau. A queda dos governos aristocraticos foi-lhes funesta: fecharam-se, mas deixando alguns exemplares admiraveis que ainda guarnecem os seus museus. Durante muitos annos a Suissa teve que mandar vir a porcelana, para seu uso domestico, da Allemanha e da França.

Mas em 1906 foi fundada a fabrica de Langenthal. Os principios foram muito penosos, nos outros paizes tinham tudo: materias primas e mão de obra. Lagenthal venceu no emtanto; se não possue todas as materias primas, dispõe todavia d'um apparelhamento moderno e de uma pleiade, de artistas, nada tendo que invejar ás fabricas mais antigas e de mais fama dos outros paizes.

As materias primas—kaolim, quartzo e feldspatho—não devem conter senão um minimo de ferro, mas em caso algum no estado metallico.

A presença desse metal na massa provocaria no cozimento a formação de manchas escuras que depreciam sensivelmente a porcelana. As materias primas são portanto cuidadosamente lavadas, depois esmagadas e misturadas nas seguintes proporções: 50% kaolim, 25% quartzo e 25% feldspatho.

Essa mistura é trabalhada, seja no estado pastoso ou no estado liquido. Emquanto que a maior parte dos operarios trabalham com materia que não mudará nada ou quasi nada depois de concluido o trabalho, o porcelaneiro, elle, trabalha uma mistura que terá de confiar ao fogo para que se torne porcelana. Essa metamorphose será chimica, physica, esthetica e muitas vezes falaz. Quanto trabalho e esperanças podem ser destruidos pelo simples capricho d'uma chamma!

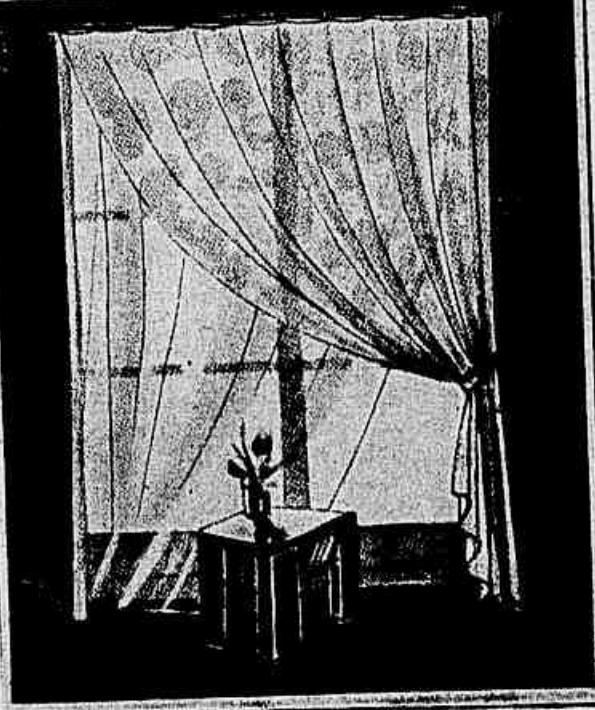
Os dois processos de fabricação — tornagem e moldagem — exigem o emprego de fôrmas porosas em gesso. Quando são feitas essas fôrmas, é preciso não esquecer quanto encolhe a massa, ao seccar, e na occasião do cozimento, em tudo 16%. Uma peça que sáe da fôrma é portanto 16% maior que na sahida do forno. O processo do torneamento consiste em applicar sobre ou dentro d'uma fôrma uma porção de massa, e igualar a espessura por meio d'um calibre fixo, emquanto que a fôrma é levada por um movimento de rotação. Para o processo de moldagem, enche-se a fôrma de massa liquida. Ao contacto do gesso poroso, forma-se uma camada de massa e, mais se espera, mais a camada fica espessa. Assim que a sua espessura é julgada sufficiente, vira-se a fôrma, e a massa que ainda não endureceu, escorre. Fica uma camada que tem a mesma espessura em toda a parte, e que forma o objecto que se deseja obter. Uma vez seccas as peças, sejam torneadas ou moldadas, passam por um primeiro forno de 900 gráus. Nessa temperatura, a materia perde sua agua, endurece, o que permittirá mergulhar os objectos n'um banho de esmalte sem que amolleçam.

O esmalte é uma mistura de quartzo e de feldspatho moidos muito fino. Com a temperatura de 1400 gráus, essa mistura derrete completamente, como crystal. Os objectos, cobertos com uma fina camada desse esmalte, são collocados para o segundo cozimento dentro de fôrmas de barro refractario. Essas fôrmas formarão dentro do forno uma quantidade de cellulas, nas quaes os objectos serão cozidos ao abrigo das fumaças e das cinzas. Os fornos têm dois andares. No primeiro, o de temperatura de 900 gráus para o primeiro cozimento, no de baixo o de fogo mais forte, de 1450 gráus. O cozimento dura 36 horas pouco mais ou menos, e cada forno devora em cada cozimento 15 toneladas de carvão. O controle do cozimento é uma coisa muito importante devido ao valor que representa um forno de 60 metros cubicos cheio de porcelana; é feito por meio de pequenas pyramides que são collocadas no forno em face dos furos de observação. Essas pyramides ou "relogios de Seeger" são feitas com misturas das quaes foi calculado exactamente o ponto de fusão. Ao sahir do forno, a porcelana é separada. O operario não fabrica intencionalmente porcelana de primeira, de segunda ou de terceira qualidade: são os accidentes e os imprevistos que se encarregam da escolha.

Para a decoração recorre-se a duas technicas, o sub-esmalte, e a decoração de côres para o forno ou sobre-esmalte. A palheta das côres utilizadas para o sobre-esmalte é muito mais rica que a do sub-esmalte. As côres sobre-esmalte devem ser cozidas, para se fixarem na porcelana, n'uma temperatura de 900 gráus. Os processos de decoração são: a pintura ao pincel, que é a mais apreciada; a decoração pela decalcomania, polychromia; a decoração pela gravura, monochroma.

GUARNIÇÕES PARA AS JANELLAS

Cortina de mousselina branca, guarnecida com babadinhos terminadas por picots feitos na machina. Esta cortina convirá sobretudo para quarto ou sala de jantar de estylo rustico. Será enquadrada por cortinas de cretone de tom vivo.

Cortina de mousselina branca, com um entremeio desenhando um interessante movimento em ponta. Neste entremeio de barrettes cose-se verticalmente, tubos de crystal branco entre cada barrette. O effeito de transparencia luminosa assim obtido é encantador. Para acompanhal-a, cortinas duplas de tafetá no tom que combine com o resto do aposento. Estreitos galões genero antigo são collocados na parte de cima das cortinas.

N'um aposento onde não se receiem os olhares indiscretos, pode-se guarnecer as janellas com essas cortinas de voile, a primeira de voile branco e a outra de voile de fantasia. As argolas das cortinas podem ser enfiadas no mesmo páu, como em páus duplos, especiaes para esse fim.

O padroeiro dos jardineiros

S. FIACRE

Os jardineiros em França contam restabelecer este anno a celebre procissão de S. Fiacre, cuja tradição sobe ao seculo X, e darem á festa do seu padroeiro um brilho especial.

A lenda conta-nos que S. Fiacre, nascido na Irlanda ahi pelo anno 600, deixou muito jovem a sua patria e viajou no continente. Assim é que foi a Meaux, onde foi recebido por S. Faron, bispo da diocese.

Este, seduzido pelo saber tanto como pela devoção do seu hospede, e querendo conserval-o junto delle, autorisou-o a tomar sobre as terras da diocese tanto espaço quanto pudesse, n'um dia, rodeiar d'uma valla.

Em acto continuo, Fiacre pousando seu bastão no chão poz-se a andar arrastando-o atrás de si... Oh maravilha! Sob o trajecto do bastão, uma valla cavava-se logo. O bispo viu nisso o dedo de Deus. Os camponezes ficaram maravilhados. Mas uma mulher teve a desastrada ideia de accusar o santo de feitiçeiro. Fiacre d'ahi em diante tomou aborrecimento a todas as mulheres. A entrada da capella que fez erguer sobre sua terra foi-lhes prohibida.

S. Fiacre viveu alli como anachoreta, louvando o Senhor e cultivando seu jardim, o qual, graças aos seus cuidados, produzia flôres, legumes e fructos magnificos.

A origem dos jardins. Como quasi todos os elementos da nossa civilização, a arte dos jardins foi-nos transmittida pela Italia.

A Roma dos Cezares

Toilette de crepe-setim preto. A guarnição é feita com tiras do mesmo tecido empregadas do lado baço. Saia e pannaux cortados en-forme.

Um jardim antigo.

tinha jardins magnificos; e os jardineiros artistas eram dignamente tratados. Mas parece que até á época de Augusto não aparavam as arvores, porque a historia assegura que foi o chamado Matius, jardineiro desse imperador, que teria inventado esse systema.

N'uma carta na qual Plinio o Moço descreve sua villa de Toscana, mostra-nos o que era um jardim romano no primeiro seculo da nossa éra. Nada lhe falta: canteiros, platibandas, ruas d'arvores, cercas, buxos e teixos aparados em figuras; tinha tambem um pomar e uma horta, e estufas para a cultura de certas flôres. Os grandes jardineiros italianos do Renascimento tiveram os maravilhosos modelos dos jardins da antiguidade; tiveram apenas que juntar a tudo aquillo embrechados, grutas, repuxos, estatuas para associar a obra de arte á da natureza e compôr os mais bellos jardins do mundo.

Ninguem sabe exactamente o que foram os jardins de S. Fiacre; mas o que parece certo é que em França começaram a praticar seriamente a arte da jardinagem sómente dois seculos depois delle. Carlos Magno foi o primeiro que quiz ter bellos jardins e bons jardineiros. Fez mesmo uma lista de plantas que desejava fossem cultivadas nos jardins reaes.

No emtanto, até ao seculo XVI, os jardins de Paris, mesmo os jardins dos palacios, não tinham perspectiva nem imponencia. Foi ainda o exemplo da Italia que levou os soberanos e ricos senhores a fazerem embellezar os jardins que rodeiavam suas residencias. E puderam ser citados então como maravilhas os jardins de Fontainebleau, de Folembray, de Montargis, de Valery, de Beauregard, de Blois, todos calcados sobre os parques mais celebres da Italia.

Mas depressa a França não teve mais necessidade de se inspirar no extrangeiro; pelo contrario foi nella que de toda parte vieram aprender, porque tinha chegado a época dos grandes jardineiros paizagistas, horticultores, arboricultores e floristas: Le Notre e La Quintinie.

Ergueram um monumento a Le Notre no jardim das Tulherias. Foi, como dizem os Inglezes, pôr *the right man in the right place*, o homem no lugar que lhe compete. Toda uma dynastia de Le Notre trabalhou, com effeito, nas Tulherias. O avô e o pae do celebre artista alli foram jardineiros. Elle mesmo alli viveu num pequeno pavilhão que se erguia no lugar onde se encontra hoje o monumento de Jules Ferry.

Educado por seus paes no culto da natureza, André Le Notre foi desde sua adolescencia confiado ao mestre Claude Mollet, primeiro jardineiro do rei, que teria de o instruir na arte dos jardins.

Mollet era, sem duvida, um personagem de muito valor: tinha escripto um livro muito interessante sobre a cultura dos pomares, mas, quanto a architectura dos jardins, mestre Claude Mollet contentava-se em imitar o que se fazia na Italia; as Tulherias, do seu tempo, eram todas semeiadas de grutas, de embrechados e de labyrinthos.

Era o genio de André Le Notre que iria crear a arte franceza dos jardins.

E esse jardineiro não foi sómente um grande artista, o mais habil e um dos maiores que a França tenha produzido; foi ainda um homem de bem em toda a força da palavra.

Quando concebeu o plano de Versalhes, essa obra-prima, levou seus desenhos a Luiz XIV. O rei ficou maravilhado. A cada detalhe que Le Notre lhe indicava no projecto, Luiz XIV exclamava:

— Le Notre, dou-lhe vinte mil francos!...

A' quarta interrupção, o jardineiro disse-lhe:

— Majestade, se vos mostrar mais alguma coisa, arruinar-vos-ei.

E enrolou suas plantas.

Mais tarde, Luiz XIV, apezar dos protestos do muito modesto jardineiro, enobreceu-o e decorou-o com o cordão de S. Miguel. Quiz mesmo dar-lhe armas nobiliarchicas. Mas Le Notre, que tinha mais que ninguem liberdade com o rei, poz-se a rir e disse-lhe:

— Armas, majestade, tenho-as já: "Tres caracóes coroados com uma folha de couve". E recusou o brazão que lhe era offerecido.

Viviam naquelle tempo, sob o reinado d'um monarcha que punha a arte da jardinagem na mesma egualdade que as outras artes. Luiz XIV, que pagava Le Notre mais caro que os seus marechaes, tratava com egual estima os seus outros jardineiros.

Jean de La Quintinie nasceu em Chabanais, em Angoumois; tinha sido, primeiro, advogado. Seu gosto pela agronomia fez-lhe preferir o avental de jardineiro á toga.

Talvez tivesse sido um advogado vulgar, emquanto que a arte da jardinagem levou-o á fortuna e á celebridade. Foi elle que traçou os pomares dos mais bellos castellos da França; Chantilly, Rambouillet, Sceaux, Vaux. O rei chamou-o para Versalhes e nomeou-o director dos jardins fructiferos de todas as residencias reaes. Gostava de seguil-o através dos pomares para que lhe ensinasse a maneira de podar as arvores.

La Quintinie fez conhecidas algumas bôas fructas, desconhecidas até então, e inventou a cultura em *espalier* (latada).

Teve excellentes discipulos, entre outros o mestre Girardot.

Luiz XIV não foi aliás o unico soberano que tenha mostrado interesse pela arte do jardineiro. Deve ser lembrado tambem o nome de Schoene, o jardineiro de Luiz-Philippe. Era, segundo a abalisada opinião de Alphonse Karr, um artista no seu genero, e alem disso "um philosopho pratico, um homem simples e brioso, um caracter extraordinario."

Elle tambem tinha toda a liberdade com o rei. No tempo em que Luiz Philippe era ainda só duque de Orléans, tinham atormentado Schoene para que elle usasse a libré do principe. Tinha recusado. Quando o duque de Orleans subiu para o throno, disse a Schoene, um dia que passeiava com elle nos seus jardins de Monceau:

— Schoene, não quizestes usar a farda do duque de Orléans, usarás a do rei dos Francezes?

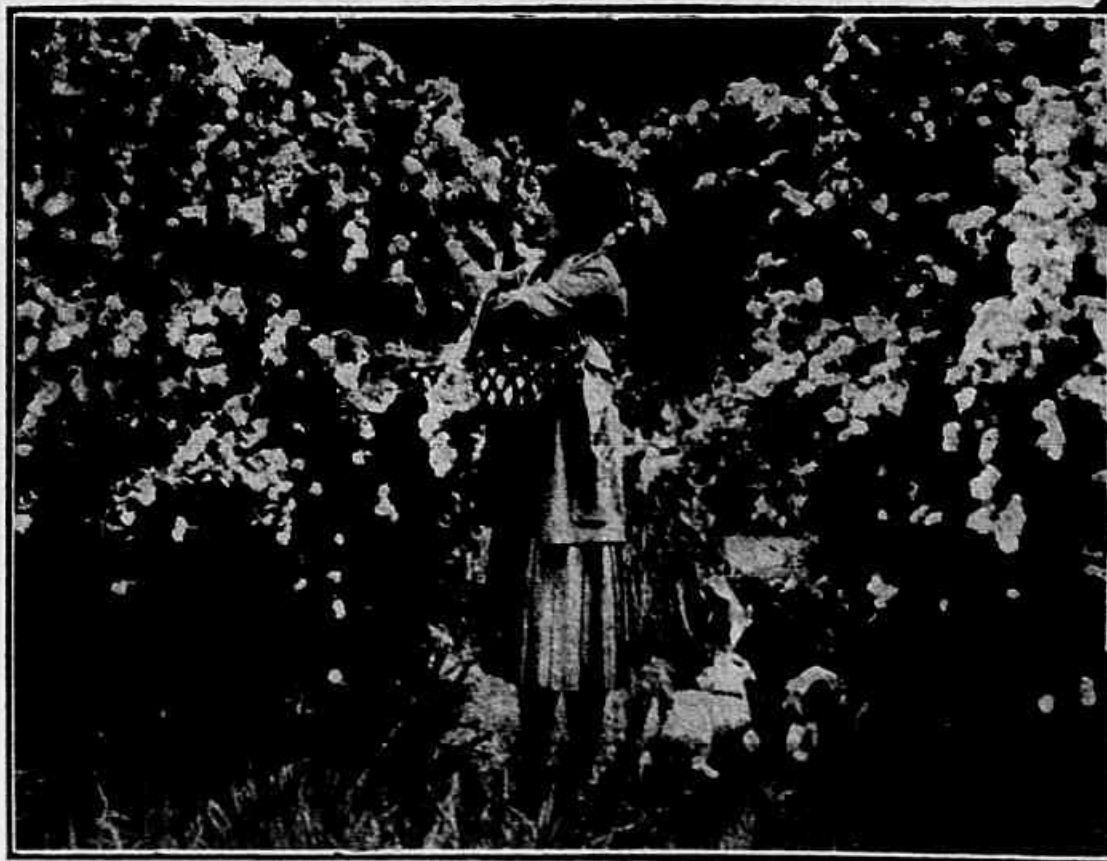
— Tambem não, majestade, respondeu Schoene; não sou um lacaio, sou um jardineiro. Preferiria ir-me embora.

Tailleur de crepe da China sable, a tira applicada em volta do casaco forma bolsos dos dois lados. Pregas escondidas dão roda á saia. Bluza de crepe georgette do mesmo tom, golla gravata do mesmo tecido.

O rei não insistiu nunca mais e prohibiu que fizessem a menor censura ao seu jardineiro por esse motivo.

A profissão de jardineiro comportando estudos, observações, reflexões, luctas mesmo, comprehende-se que inspire orgulho áquelles que a exercem com arte.

Alphonse Karr, que a exerceu, e que creou, póde-se bem dizer, a industria das flores em Nice, dizia com razão que era uma profissão muito honrosa; que um jardineiro artista, como um Le Notre, um La Quintinie, um desses mestres que criam, melhoram, enriquecem e embellezam nossos jardins, deve ser tratado como igual dos artistas e sabios os mais illustres, e gozar d'uma gloria egual á delles diante da posteridade.

Vestido de voile de xadrez, fundo branco com xadrez azul marinha, guarnecido com babadinhos plissados de voile branco. A golla-capa termina atrás por um laço do proprio tecido.
Peignoir de shantung côr de rosa, guarnecido com uma fita de fantasia. Golla-jabot e babado en-forme na parte de trás.

Entre azaléas e lyrios Long Island

Ao lado: — Uma colheita de flores n'um jardim de Woodside, Long Island (Estados Unidos).

Uma substituição

O senhor Canuto tinha um guarda-chuva do qual estava muito orgulhoso. O punho

representava a cabeça de um cão esculpida em marfim. Onde quer que fosse o senhor Canuto, a cabeça de Turco, como elle a chamava, obtinha o maior exito. Hontem, o senhor Canuto foi visitar os seus amigos, os senhores de Macaquete. Ao entrar, deixou o seu guarda-chuva no bengaleiro, mas Thomazinho Macaquete, que viu o guarda-chuva, ficou assombrado

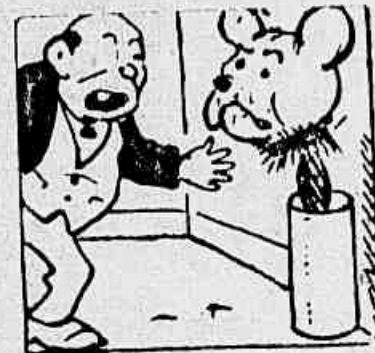
ao notar a semelhança que havia entre

aquella cabeça de marfim e a de um cão de cartão-pedra que elle tinha. E então

veiu-lhe á idéia uma travessura excellente. Depois de desaparafusar o punho do guarda-chuva, foi cortar a cabeça do seu cão de cartão. Em vista de ser ôca, encheu-a de papeis e adaptou-a ao guarda-chuva do senhor Canuto.

— Está bem, querido Leão — pois era este o nome do cão do cartão — com certeza que não esperavas ver a tua cabeça transformada em punho de guarda-chuva. E no entanto estás muito bem. Vais ter um exito louco.

Naquelle momento, o senhor Canuto preparava-se para sahir e Thomaz Macaquete escondeu-se para gozar da sua surpresa. Como é natural, o bom do senhor Canuto teve grande assombro.

— Que mudança tão extraordinaria! —

exclamou — Nunca teria pensado que o marfim fosse capaz de se dilatar desta maneira.

Mas o riso do Thomazinho, que se não poude conter, deu-lhe a entender o engano de que tinha sido victima.

O CASTIGO DO GATUNO

Eusebio sahiu cêdo para roubar. Apoderou-se dum sacco de batatas que pesava bastante e emprehendeu o caminho, na

direcção do mercado, para encontrar comprador.

— Se passasse um carro — disse Eusébio para si — poderia poupar-me o trabalho de transportar este sacco.

Naquelle momento passaram ao pé delle dois garotos, Emilio e Antonio, que tambem se dirigiam ao mercado. Levavam dependurado de um pau muito comprido outro sacco de batatas e iam andando alegremente.

— Cáspite! — disse Eusebio — Aqui está a occasião de descansar um pouco. Esses rapazes acabam de chegar com a maior opportunidade.

E o gatuno dependurou o seu sacco na extremidade do pau.

— Isso de nenhuma maneira! — exclamou Emilio muito irritado — Faça o favor de tirar o seu sacco porque o nosso já pesa bastante.

— Ora vamos! — exclamou prasenteiramente Eusebio — Bem me podeis fazer esse pequeno favor. Não morrereis por isso. Vejo que sois pouco amaveis.

Emilio não respondeu nada, mas propoz-se, em compensação, a agir, porque acabava de ter uma idéa engenhosa.

— Attenção! — disse em voz baixa ao ouvido do seu camarada — Logo que eu assobie, larga o pau.

— Perfeitamente — respondeu Antonio.

Então Emilio pegou numa navalha e cortou a corda que suspendia o seu sacco de batatas. No mesmo instante, Antonio

largou o pau, como estava combinado, e o pau impellido pelo peso do sacco de Eusebio, levantou-se e foi dar uma pancada na cabeça do gatuno, o que alegrou extraordinariamente os dois garotos.

Mas não lhes iria custar caro a brincadeira? De nenhum modo porque viram ao longe dois guardas campestres e, como Euzebio tinha mais medo desta gente do que da peste, deu-se pressa em pegar no seu sacco e correr antes que o interpellassem os guardas.

VARIEDADES

A ARTE DENTARIA

A arte dentaria é uma arte muito moderna. E no emtanto, ahi como em tudo mais, não ha nada de novo no mundo.

Com effeito, os pesquisadores dos velhos archivos revelam-nos que, desde do quinto seculo antes da nossa éra, a lei das Doze Táboas regrava o emprego do ouro que era usado na chumbagem dos dentes dos Romanos da Republica. Ha um texto de Cicero que diz que esse ouro não devia seguir o defunto para o Nada. Mas descobertas archeologicas trouxeram ao nosso conhecimento uma dentadura com sete dentes, mantidos por um fio de ouro, encontrada na sepultura de Apulio; e uma sepultura de Corneto, na Etruria, contemporanea da lei das Doze Táboas, continha tambem um queixo com dentes reunidos por placas de ouro. Mais tarde Luciano falla d'uma velha que tinha ainda quatro dentes mantidos por fios de ouro.

Em Maguelonne, perto de Montpellier, os craneos dos bispos datando do seculo sexto continham dentes de ouro... os quaes foram aliás roubados por astuciosos ladrões.

O que ha de novo na arte dentaria é não reservar suas maravilhas sómente para as pessôas muito ricas, prodigalizando tambem seus cuidados ás dentaduras mais modestas.

Mme. Selda Potocka, especialista diplomada, responderá a todas as consultas sobre o tratamento hygienico da pelle, do cabello e anixle da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Haritoff n. 6, 1.º andar — Copacabana.

Ivon Ribeiro — A' sua pergunta não é facil responder, seria conveniente que eu verificasse qual a causa. O seu mal tem cura facil.

Encontra-me todos os dias das 11 ás 4.

Mlle. Salles Santos — A base da composição das pillulas de que me falla é o phosphato de cal. Um regime de fortalecimento do busto? Abluções com leite quente, em seguida massagem circular com *Crême de Massagem*.

E' um tratamento efficaz; mas exige perseverança, insistencia, dando tempo a que seja restaurado o vigor dos musculos.

Mme. Alencar — Só conheço um remedio efficaz: a massagem diaria com *Crême de Massagem*. Depois da massagem lave o rosto com agua morna e sabonete *Sylkale*. Varias vezes ao dia humedeça o rosto com a *Loção de Embellezar a Pelle* misturada em partes eguaes com agua oxygenada, enxugue e applique o *Pó de Arroz Hygienico*. Mas é precisa perseverança,

Sarita — Por meio da electrolyse destroem-se os pellos do rosto. Não deixa vestigios. O processo é radical e garantido.

Alice — Porque continua a usar a pasta que lhe estraga os dentes? Experimente durante uma semana a minha *Pasta* e *Elixir dos Dentes*, verificará o effeito benefico e a vantagem fortificante das gengivas. Cada dentista aconselha a *Pasta* e o meu *Dentifricio Radio-Activo*.

Carmen — Se lavar regularmente de 7 em 7 dias a cabeça com *Shampoo-Pó* e molhando bem o couro cabelludo uma vez por dia corrige a oleosidade do cabello e destroe completamente a caspa, cessando a queda do cabello.

Mlle. Moraes — O meu *Tonico n. 10* dá ao cabello maciez e brilho. Na vespera humedeça o couro cabelludo com o Tonico, pela manhã lave a cabeça com agua morna e alise o cabello com o pente.

B. G. — Para conservar o encanto de seu corpo, depois do banho friccione o corpo com a mão humedecida com *Perfume Selda*; no verão, quando se transpira com frequencia, este perfume é de grande valor, e a sua acção sobre a pelle lhe communica frescura evitando a flacidez.

Lisie (Porto Alegre) — A massagem é considerada como um dos melhores processos para limpar a pelle. Muitas doenças cutaneas são de origem infecciosa ou parasitaria, e podem seguramente evitar-se por meio da hygiene. Para obter-se a saude da cutis devem adoptar as seguintes regras hygienicas: antes de deitar faz-se uma leve massagem com o *Crême de Massagem*, lavando em seguida o rosto com agua morna e sabonete *Sylkale*. Depois de ter lavado o rosto e enxugado, applica-se a *Loção de Embellezar a Pelle* e deixa-se enxugar espontaneamente. Ao levantar, faz-se novamente a massagem com o *Massage Cream*, lavando immediatamente o rosto com agua tambem morna e sabonete *Sylkale*. A seguir á lavagem applica-se o *Crême Neve* para branquear a pelle e applica-se o *Pó de Arroz Hygienico*. Observando diariamente estes cuidados, obterá uma cutis limpa e bôa, ainda que se viva cem annos.

T. G. P. — Uma pelle limpa, delicada e macia é essencial para a belleza. Recommendo-lhe o uso do sabonete *Sylkale*: é admiravel em conservar a saude da pelle.

Helena Meira (Paraná) — Quem é gordo pode, por meio d'um esforço intelligente e vigoroso, desfazer-se d'este defeito. A alimentação deve ser simples e moderada. Todos os dias reservar uma meia hora ao levantar da cama, friccionar todo o corpo com um lenço molhado em agua fria misturada com uma colhér de *Perfume Selda* ou *Tonico da Pelle*. Depois da fricção um banho bastante quente é benefico. Para ter uma bôa pelle é indispensavel limpal-a cuidadosamente das impurezas que se accumulam nos seus milhares de póros. Pode-se attribuir os estragos da epiderme ao uso de maus sabonetes: preparados que conteem mercurio são verdadeiros venenos. O unico processo efficaz de conservar a frescura da pelle é o tratamento hygienico indicado a pags. 7 e 8 do meu prospecto que acompanha o *Perfume Selda*. Veja á pagina 23 do meu prospecto as instrucções para conservar a firmeza do seio. Deve lavar a cabeça de 7 em 7 dias com o *Shampoo-Pó* e humedecer diariamente bem o couro cabelludo com o meu *Tonico n. 9*: fortifica, facilita a circulação dando força e saude ao cabello.

Mlle. Mirtô — A normal distribuição do pigmento dá origem a manchas da pelle, taes como sardas. Para extinguil-as lave o rosto de manhã e á noite com agua morna á qual addicione uma colhér do *Tonico da Pelle*. Durante o dia humedeça o rosto com a *Loção de Embellezar a Pelle* misturada em partes eguaes com agua oxygenada e applique o *Pó de Arroz Hygienico*. A' sua segunda pergunta respondo: A saude é a belleza e a felicidade: para conseguir o que deseja é necessario possuir o espirito generoso e o calor de uma grande amizade.

Mineira — O *Crême de Massagem* destina-se para a pelle. O *Crême Neve* applica-se antes de usar o pó de arroz: imprime saude radiosa á sua cutis. Com o *rouge Rosita* conseguirá o colorido artistico e delicado.

M. D. — O amor da mulher virtuosa é por toda a vida.

SELDA POTOCKA

CONSULTORIO ODONTOLOGICO

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião-dentista Alexandrino Agra, á rua S. José, 84-3.º andar — Telephone 2-1838.

Renata Bianche (Minas Geraes) — Pode continuar a usar o dentifricio de que me fala em sua presada missiva.

Dalcio Moreira (S. Paulo) — Convem examinar pelo raio X antes de extrahir.

Carlos Silva (Minas Geraes) — Procure, antes de tudo, combater a infecção.

X. I. L. O. T. E. (Sta. Catharina) — Extracção das raizes, antes de qualquer outra intervenção.

Vicente Junqueira de Mello (Rio G. do Sul) — As compressas quentes não poderão ser esquecidas no presente caso.

Felix Salazar (S. Paulo) — Antes de deitar-se.

Bento Ferreira (Minas Geraes) — Bochechos frios com — Acido tannico 4,0; Tintura de iodo 2,0; Agua de hortelã 500,0.

Salvador de Oliveira (Rio Grande do Sul) — As fossas nasaes, talvez.

Alvaro Cunha (Minas Geraes) — Alcool a 95.º 50,0; Iodo 5,0.

Salustiano (Minas Geraes) — O calor humido é o mais usado.

Ha varios instrumentos de nosso uso que não podem ser flambados. Entre outros merecem ser destacados, pelo papel que representam, os extirpa-nervos e os *équarissoirs*.

Vianna Leonardo (S. Paulo) — Em meio copo com agua.

Silva Nunes (Rio G. do Sul) — Lave a cavidade buccal de 3 em 3 horas com — Borato de sodio 5,0; Glycerina 10,0; Agua de Vichy 200,0.

A. (Rio) — Provavelmente.

Santos Ferraz (Amazonas) — Bochechos de 2 em 2 horas com:

Chlorato de potassio 5,0; Laudano de Sydenhan 0,50; Hydrolato de louro-cerejo 7,0; Agua distillada 50,0.

Q. I. N. O. L. A. (Minas Geraes) — Antes de deitar-se, de preferencia.

Alexandrino Agra.

Variedades

NÃO QUIZ ESPERAR

Um tribunal inglez teve que julgar recentemente uma questão de rompimento de noivado que é bastante curiosa.

Um certo William Hogg ia casar-se com a miss Miskimmin; e no dia marcado para a ceremonia, o noivo estava á porta da igreja na hora combinada. Esperou vinte minutos, mas nem um minuto mais e, zangado, rompeu o casamento.

Ella, achando o motivo de rompimento inadmissivel, exigiu uma indemnisação. Diante do tribunal declarou que estava prompta para ir para a igreja na hora marcada, mas que tinha esperado em vão o carro que seu noivo tinha promettido mandar a sua casa para conduzil-a á igreja; tendo sido esta a causa do seu atrazo, fôra elle portanto o unico culpado.

Admittindo que a razão estava toda do lado da noiva o Tribunal condemnou o noivo pouco gentil a pagar a miss Miskimmin 175 libras esterlinas.

❋

Pensamentos

Onde está o homem bastante energico para ser verdadeiro e mostrar-se o que é?

GOETHE

❋

A verdadeira coragem não consiste em chamar a morte, mas em luctar contra o infortunio.

SENECA.

❋

A grande arte de ser feliz consiste em saber viver bem.

DUCIS.

❋

O homem póde na proporção do que sabe.

BACON